Padre Gabriele Amorth
e Paolo Rodari

O ÚLTIMO EXORCISTA

A minha batalha contra Satanás

casadasletras

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

PADRE AMORTH
COM PAOLO RODARI

O ÚLTIMO EXORCISTA

A minha batalha contra Satanás

casadasletras

Ficha Técnica

Título: O Último Exorcista: A minha batalha contra Satanás
Título original: L'Ultimo Esorcista
Autor: Gabriele Amorth
Editora: Rita Fazenda
Revisão: Manuela Gonzaga
Capa: Rui Rosa
ISBN: 9789896619947

Direitos reservados
CASA DAS LETRAS
uma chancela da empresa LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© Padre Gabriel Amorth; Paolo Rodari, 2011.
Esta edição é publicada por acordo com a Agência Literária Vicki Satlow
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com
E-mail: info@casadasletras.leya.com

Índice

Ficha Técnica

ACORDAR ANTES QUE SEJA DEMASIADO TARDE

1 «EU TE NOMEIO EXORCISTA»

2 «CORAGEM, É A TUA VEZ» A MINHA PRIMEIRA VEZ CONTRA SATANÁS

3 POR VEZES O DIABO REGRESSA, PARA MATAR

4 CRIANÇAS QUE SE TORNAM ASSASSINAS O caso «James Bulgar» e outros

5 PADRES, FREIRAS E SIMPLES FIÉIS NAS MÃOS DO DEMÓNIO

6 «SAI BABA», O FILHO AMADO DE SATANÁS

7 UM DIA, UM CARDEAL DISSE-ME:«AMBOS SABEMOS QUE SATANÁS NÃO EXISTE»

8 SATANÁS NO VATICANO Os possuídos de Bento XVI e João Paulo II. Nota sobre o caso Orlandi

9 GLORIA POLO NO INFERNO, COM BILHETE DE REGRESSO

10 A BATALHA FINAL Deus contra Satanás, libertado das suas cadeias

«Sede temperantes, sede vigilantes.
O vosso inimigo, o diabo,
como um leão que ruge, anda à solta,
procurando a quem destruir.»

1 Pedro 5: 8-9

ACORDAR
ANTES QUE SEJA DEMASIADO TARDE

Peço desde já desculpa aos leitores se, depois de ter escrito tantos livros sobre Satanás e os exorcismos, ainda me atrevo a apresentar um novo livro com a pretensão de não repetir, mas de completar o que já foi dito.

Sou movido pelo Evangelho, por São Paulo, por Nossa Senhora. E estou grato ao meu amigo jornalista Paolo Rodari, que, com paciência e fidelidade, recolheu os meus pensamentos e memórias em ordem e me ajudou a escrevê-los.

Antes de mais, gostaria de dizer algo sobre o título escolhido, *O Último Exorcista*. Trata-se de um título deliberadamente provocador. É óbvio que, não sou o último exorcista que resta neste mundo. Depois de mim, haverá outros, e já os há, incluindo jovens. Mas somos tão poucos no mundo que cada um de nós, na sua luta quotidiana, sente-se inevitavelmente como se fosse o último, o último exorcista chamado a lutar contra o grande inimigo, o príncipe deste mundo, Satanás. Ainda hoje, a Igreja faz pouco para formar novos exorcistas. Pouco fazem também os bispos. Esta é a minha preocupação, e é por isso que aceitei a publicação do livro com este título. Espero que todos os outros exorcistas, a começar pelos amigos da Associação Internacional de Exorcistas, da qual sou presidente emérito, não se ofendam e compreendam a provocação do título. Não me sinto maior do que eles. Sou, como eles, um humilde servidor do Reino do Bem, um combatente de Cristo, contra o Reino do Mal.

Começo pelo Evangelho. Jesus chama três vezes a Satanás «príncipe deste mundo». São João deixa claro que todo o mundo está sob o poder de Satanás. E diz-nos que o objetivo pelo qual Jesus veio ao mundo é destruir as obras de Satanás. Satanás é o adversário implacável de Deus.

São Paulo atreve-se a chamar a Satanás o «deus deste mundo» e afirma que a nossa luta quotidiana não é contra pessoas de carne e osso, mas sim contra Satanás e os seus anjos, que nos envolvem incessantemente.

Atualmente, pouco se fala de Satanás nas nossas igrejas e muitos, mesmo no clero, não acreditam na sua existência. Este livro contém uma série de exorcismos para tornar claro, através destes casos extremos, que Satanás existe. Mesmo que ele não se apresente visivelmente, porque é puro espírito, é muito ativo contra todos.

Assistir a exorcismos ou lê-los, onde há um diálogo entre o exorcista e o demónio, é uma prova irrefutável para acreditar na existência do demónio.

Finalmente, sou conduzido pela Virgem Santíssima. Há mais de trinta anos que sigo as aparições de Me đ ugorje, esta estupenda catequese que Nossa Senhora dirige ao mundo inteiro e que é uma continuação das mensagens de Fátima. É uma pregação formidável, como nunca aconteceu na história da humanidade.

Pois bem, a Mãe de Deus fala continuamente de Satanás a ser libertado das suas cadeias; ela quer arrancar os homens das garras de Satanás e entregá-los de novo a Deus. Vivemos numa época terrível, em que o ateísmo, ou seja, o demónio, parece ter triunfado. Vemos a desagregação das famílias, o divórcio, o aborto, o abandono da juventude. E, mais uma vez, o triunfo do egoísmo, a busca do prazer, a propagação de todos os vícios. Chegaram ao ponto de combater a presença do crucificado, ou seja, não querem sequer ver a presença de Jesus Salvador, que venceu Satanás.

O que é que Nossa Senhora propõe? Ela fala continuamente dos planos de Deus e dos planos de Satanás. Deus quer o amor, a paz, a salvação eterna. Satanás quer a destruição do mundo. Nossa Senhora está a formar o seu exército, espalhado por toda a terra. Com a força da conversão, do terço, do jejum, este seu exército vencerá o exército de Satanás, que quer a guerra, a destruição, a condenação eterna; provoca também outros males, como a possessão diabólica.

Se Deus não for posto em primeiro lugar, a família, a sociedade e o entendimento entre as nações, estas acabam por se desmoronar. Acima de tudo, falha o projeto de Deus, que nos criou para a vida eterna. Se não se acredita na vida eterna, não se compreende nada desta vida terrena.

O meu objetivo é levar o leitor a refletir sobre a sua própria vida para a sintonizar com o objetivo para o qual Deus no-la deu. Acordemos antes que seja demasiado tarde.

GABRIELE AMORTH

1

«EU TE NOMEIO EXORCISTA»

Estou no apartamento do Cardeal Ugo Poletti, vigário episcopal de Roma. Como toda a gente sabe, o bispo de Roma é o Papa. Mas o Pontífice, desde o século XVI, delegou o governo pastoral num vigário. Estamos a 11 de junho de 1986.

Poletti costumava receber padres sem marcação prévia. Também eu segui essa prática nesse dia. Apareci sem marcação e fui imediatamente recebido. Não tenho nada de especial a pedir ao meu bispo, apenas quero conversar com ele. Muitas vezes, é disso que os padres precisam. Poletti sabe-o e nunca finge que é preciso ter uma motivação importante para lhe bater à porta.

Ele pergunta-me sobre o meu trabalho na Sociedade de São Paulo. Sou, de facto, um sacerdote paulino, jurista, entusiasta da mariologia, jornalista profissional e editor da revista mensal *Mãe de Deus*. Não sei porquê, mas a certa altura a conversa recaiu sobre o Padre Cândido Amantini, isto é, sobre aquele que foi o exorcista oficial da diocese de Roma durante trinta e seis anos.

«Conhece o Padre Cândido?», pergunta Poletti surpreendido.

«Sim», respondo. «Por curiosidade, aproximei-me do local onde ele faz exorcismos, o Santuário da Escada Santa, que fica a uma curta distância a pé daqui. Fiquei a conhecê-lo e visito-o de vez em quando.»

Poletti é um cardeal capaz de governar e de tomar decisões. Quando toma uma decisão, põe-na imediatamente por escrito, com uma assinatura legível e um carimbo no pé da página.

Fico surpreendido quando, sem explicação, ele abre uma gaveta da secretária, tira uma folha de papel timbrado da diocese e começa a escrever à mão. Escreve durante um minuto. Algumas linhas escritas a tinta preta. Depois tira um carimbo, um único traço no canto inferior direito.

Não me atrevo a perguntar nada. Um sentimento de mau presságio passa-me pela cabeça, mas afasto-o imediatamente, esperando que ele fale.

«Muito bem», diz o cardeal, fechando o papel num envelope, que deixa aberto antes de mo entregar.

«Este envelope é para si. Parabéns. Sei que vai fazer um bom trabalho.»

Durante alguns momentos, não sei o que dizer. Ao receber o envelope, lembro-me do que o meu pai espiritual sempre me disse nos meus tempos de seminário.

«Como é que sabemos se estamos a fazer a vontade de Deus? Só se obedecerem ao vosso bispo é que têm a certeza de que estão no caminho certo.»

Sempre estive habituado a obedecer. A ideia de ser padre surgiu-me aos 12 anos. Foi em 1937. Segui em frente, obedecendo ao chamamento de Deus. Nunca senti qualquer fascínio por outros caminhos. Embora sempre tenha tido relações muito cordiais com as raparigas. Sentia-me inclinado para o sacerdócio. Pegava nas minhas paixões e deixava-as sempre em bruto. Mas isso ajudou-me porque, entre o casamento e o sacerdócio, fiz uma escolha real e não teórica.

Depois do liceu, tinha de decidir em que seminário entrar. Sentia-me inclinado para a vida comunitária, para a vida nalguma ordem religiosa. Gostava dos Passionistas, mas várias circunstâncias levaram-me um dia a Roma, como hóspede por uma noite do Padre Giacomo Alberione, fundador da Sociedade de São Paulo. Confiei-lhe o meu desejo de ser padre.

«Amanhã rezarei a missa por ti», disse-me ele. De manhã cedo, fui à missa.

Por fim, perguntei-lhe: «Foi Deus que o iluminou?»

«Sim. Ele disse-me que tens de vir para aqui. Tens de te juntar aos Paulinos.»

Acreditei no que Alberione me disse. E decidi juntar-me aos Paulinos. Mas não imediatamente. Primeiro passei pela guerra. Juntei-me aos *partisans*. Fui condecorado com uma medalha de bravura militar. Formei-me em Direito. Juntei-me à FUCI, a Federação Universitária Católica

Italiana. Conheci Giuseppe Dossetti, que me prometeu um futuro brilhante na política, no seio dos democratas-cristãos, mas mantive-me fiel à ideia que tinha desenvolvido desde a minha adolescência.

Entrei no seminário. Tornei-me padre e trabalhei durante trinta e dois anos na Sociedade de São Paulo, em vários cargos de responsabilidade. Até junho de 1986, quando o Cardeal Poletti virou inesperadamente a minha vida de pernas para o ar.

Decido abrir o envelope diante do cardeal. Leio o seu conteúdo e encontro exatamente o que tinha imaginado. Algumas palavras bastante eloquentes.

Roma, 11 de junho de 1986

Eu, Cardeal Ugo Poletti, arcebispo vigário da cidade de Roma, nomeio o Padre Gabriele Amorth, religioso da Sociedade de S. Paulo, como exorcista da diocese. Colaborará com o Padre Candido Amanti o tempo que for necessário.

Na fé, o Card. Ugo Poletti
Arcebispo Vigário de Roma

«Vossa Eminência, eu...»

«Caro Padre Gabriele, não precisa de dizer nada. Assim decidi e assim deve ser. A Igreja está a precisar desesperadamente de exorcistas. Especialmente Roma. Há demasiadas pessoas a sofrer porque estão possuídas e ninguém se encarrega de as libertar. O Padre Cândido há muito que me pede ajuda. Eu sempre me ofereci. Não sabia quem lhe enviar. Quando me disse que o conhecia, percebi que não podia adiar mais. Vai sair-se bem. Não tenha medo. O Padre Cândido é um mestre especial. Ele saberá como ajudá-lo.»

Fico sem palavras. Conheço bem o Evangelho. Sei que o poder de expulsar os demónios foi dado por Cristo aos apóstolos e aos seus sucessores, os bispos, que, por sua vez, o podem delegar nos simples

sacerdotes. Sei que a Igreja não pode ficar sem exorcistas, tantas são as pessoas possuídas no mundo. Mas, pergunto-me, serei eu capaz? E depois, porquê eu? Porque me foi confiada uma tarefa tão difícil e perigosa?

A luta entre o bem e o mal, entre Satanás e Cristo, tem as suas raízes nas brumas do tempo. Dois exércitos que sempre lutaram pela supremacia sobre o mundo: o exército de Satanás e o exército de Cristo. Porque é que Satanás existe, porque é que um dos anjos mais belos e nobres do céu decidiu, a dada altura, rebelar-se contra Deus e tornar-se o príncipe das trevas ninguém sabe. O facto é que ele, Satanás, existe e só quer uma coisa: levar o mundo à autodestruição, os homens à condenação eterna. Nesta luta aparentemente interminável, o Papa tem uma função essencial. É ele, talvez em primeiro lugar, que deve lutar para que as portas do inferno não prevaleçam contra a Igreja. Ao seu lado, estão os homens de boa vontade que fazem parte da Igreja. Entre os homens, os exorcistas desempenham um papel especial. São como que as pontas das lanças desse exército que combate o mal com o bem. Sacerdotes escolhidos para expulsar dos homens e, portanto, do mundo, a presença extraordinária de Satanás e do seu exército, os demónios hierarquicamente subservientes a Satanás.

Mas, pergunto-me, porque é que tenho de ser um deles?

Saio do gabinete do Cardeal Poletti com a folha de nomeação na mão, muitas perguntas e alguns receios na mente. Após alguns passos, apercebo-me de que só há uma coisa sensata a fazer. E faço-o imediatamente.

A basílica de São João de Latrão é a mais antiga e nobre basílica de Roma. Numa das suas capelas laterais, encontra-se sempre o Santíssimo Sacramento, o corpo de Cristo. Entro. Ajoelho-me num dos muitos bancos de madeira. E aqui, faço o meu pedido ao céu, ou melhor, a Nossa Senhora.

«Mãe de Deus, eu aceito esta missão, mas protege-me com o teu manto.»

É um apelo simples. Poucas palavras mas muito sentidas. Quero obedecer ao meu bispo e colocar todos os meus medos nas mãos de Nossa Senhora.

Quem sou eu para lutar contra o príncipe das trevas?

Eu não sou ninguém, mas Deus é tudo. Não se combate o demónio com as próprias forças, mas com as do céu.

Um dia, muito depois de ter feito essa súplica, dei por mim a exorcizar uma pessoa possuída. Através da sua voz, é Satanás que me fala. Ele cospe-me insultos, blasfémias, acusações e ameaças. Mas, a certa altura, diz-me:

«Padre, vai-te embora. Deixa-me em paz».

«Vai-te embora», respondo-lhe.

«Por favor, padre, vai-te embora. Contra ti não posso fazer nada».

«Diz-me, em nome de Cristo, porque não podes fazer nada?»

«Porque estás demasiado protegido pela vossa Senhora. O manto da vossa Senhora envolve-te e eu não te posso alcançar.»

Até 1986, Satanás não existia para mim. Bem, eu conhecia-o. Estudei bem o Catecismo e a doutrina da Igreja Católica. Sabia que o bem se opõe sempre ao mal. Cristo e o seu reino opõem-se a Satanás e ao seu reino. Mas nunca tinha tido uma experiência direta com Satanás. Nunca tinha tido de o enfrentar cara a cara. O mal sempre fez parte da minha existência, como faz parte da existência de toda a gente.

Quando era criança, costumava ir à missa com os meus pais em Modena, a cidade onde nasci. Muitas vezes dormia no chão, debaixo do banco, aos pés dos meus pais. Quando dormia e ficava em silêncio, sem correr de um lado para o outro nos corredores da igreja, a minha mãe dava-me um prémio, normalmente um doce. Se, pelo contrário, me agitava e fazia barulho, não havia prémio. Para mim, o bom e o mau eram estas coisas. Eram as minhas birras e os sorrisos da minha mãe. As travessuras e as carícias do meu pai. O choro e as consolações.

Tive uma perceção mais clara do mal quando me confessei pela primeira vez. Aí compreendi que o mal é uma coisa séria da qual temos de nos emendar. Confessava-me todas as semanas. Disseram-me: «Sabes qual é o melhor remédio contra o mal? A confissão todas as semanas.» Tinham razão. E, de facto, ainda hoje digo a toda a gente que uma confissão bem feita é melhor do que um exorcismo.

A confissão coloca o homem de novo na graça de Deus. Satanás enlouquece quando alguém se reconcilia com Deus. Ele sente-se descontente. Fica furioso. A confissão derrota os seus planos demoníacos. Satanás tem extrema dificuldade em entrar nos corpos daqueles que estão em estado de graça. Deus está com eles. Nossa Senhora está com eles. E Deus e Nossa Senhora são mais fortes do que Satanás.

Eu contava os meus pecados ao meu confessor. Confessava o meu mal, mas não tinha a perceção clara de que havia um espírito vivo, ativo e perpetuamente empenhado por trás desse mal. Só o sabia teoricamente. E mesmo quando decidi ser padre, pensei em tudo, exceto no facto de que ser

padre significava ser um espinho para Satanás. Tornar-me padre significava satisfazer um desejo que tinha surgido no meu coração de criança e, ao mesmo tempo, renunciar à carreira política que se me apresentava claramente.

Aos 21 anos, em 1946, fui nomeado delegado nacional adjunto do então presidente da juventude democrata-cristã, Giulio Andreotti. Nessa altura, estava ligado ao grupo político de Giorgio La Pira, Giuseppe Dossetti, Amintore Fanfani e Giuseppe Lazzati. Quando Andreotti foi promovido ao secretariado da Presidência do Conselho de Ministros, propuseram-me ocupar o seu lugar. Não pensei nisso nem por um momento. Deixei a política. E procurei o meu lugar entre os fiéis de Deus. Cheguei até ao Padre Alberione. Tornei-me Paulino. Fui ordenado sacerdote em 1954. De 1954 a 1986, durante trinta e dois anos, fui um simples sacerdote Paulino com cargos a vários níveis na «direção» do grupo.

Durante todos aqueles anos, nunca tive qualquer relação direta com Satanás.

Exceto uma vez.

Era padre há pouco tempo, não me lembro exatamente há quanto. Fui pregar durante uma semana numa paróquia a dez quilómetros de Brescia. O pároco chamava-se Dom Faustino Negrini. Estava lá há quarenta anos. Era muito amado. Duas mil almas adoravam-no e seguiam-no sempre. Um dia disse-me:

«Vem comigo.» Ele levou-me para a sacristia. Estava lá uma mulher que se apresentou:

«Bom dia, chamo-me Agnese Salomoni.» Nunca mais me esqueci do nome dela. Ainda hoje me lembro do timbre da sua voz.

Não sei porque é que Dom Faustino o fez. Talvez quisesse fazer-me participar em todos os acontecimentos importantes da sua paróquia. Em todo o caso, ele queria que a Agnese me contasse a sua história. Ouvi-a durante muito tempo. Fiquei chocado. Agnese tinha 16 anos quando Satanás entrou nela. Porque é que ele entrou nela? Dom Faustino, que tinha autorização do bispo da sua diocese para a exorcizar, fez a mesma pergunta a Satanás, um dia, durante um exorcismo a Agnese.

«Porque entraste nela? Responde-me em nome de Cristo.»

Quando me lembro da resposta que Satanás deu, ainda hoje fico sem palavras:

«Porque a Agnese é a mais santa da paróquia, a mais pura, a mais imaculada. E por isso tornei-a minha.»

É um grande mistério. É verdade que aqueles que estão na graça de Deus não precisam de ter medo. Satanás pouco pode fazer contra os que vivem na graça de Deus. Mas também é verdade que Satanás é poderoso. E que ele deseja fazer seus especialmente aqueles que são santos, aqueles cuja alma e corpo são todos de Deus.

Os exorcismos para libertar a Agnes foram muito difíceis. Horas e horas de batalha amarga. Durou anos. Dom Faustino levou-a uma vez ao Padre Pio de Pietrelcina. Centenas de quilómetros para procurar uma ajuda suplementar. A conduzir da Lombardia para Apúlia, aconteceu de tudo. O carro parou frequentemente, apesar de não ter qualquer avaria. Dom Faustino foi obrigado várias vezes a encostar e a sair do carro para ver que problemas tinha o motor. Só quando rezou uma oração é que o carro voltou a arrancar, para parar ao fim de alguns quilómetros. Foi uma viagem cansativa e muito longa.

O Padre Pio não era um exorcista, mas conseguia expulsar os demónios loucos com simples bênçãos e orações. Satanás temia o Padre Pio. Em todas as paragens que o carro teve de fazer, a atitude de medo e por vezes de fúria da mulher possuída eram sinais claros do quanto Satanás temia o padre de Pietrelcina. O Padre Pio pouco ou nada lhe fez. Exorcizou-a, mas não a libertou. Na viagem de regresso, Satanás estava exultante. E começou a gozar com o Padre Pio. Dizia pela boca de Agnes:

«Fui eu, fui eu que lhe fiz isto!» Ele riu-se. Gritou. Estava embriagado de alegria.

E o carro percorreu os muitos quilómetros entre San Giovanni Rotondo e Brescia sem uma única paragem, sem soluços. Já não havia necessidade de boicotar a viagem. Mas Satanás não sabia, no entanto, que o exorcismo do Padre Pio tinha sido eficaz à sua maneira.

De facto, não muito tempo depois, Agnese foi libertada. Dom Faustino pediu a Satanás que lhe dissesse, em nome de Cristo, quando deixaria o corpo da possessa. Ele foi obrigado a revelar-lhe o dia e a hora. Os

paroquianos foram todos chamados ao adro da igreja. Agnese foi libertada num instante assim que o ritual começou, diante de todos. Foi uma alegria e um alívio para toda a aldeia.

Não sei porque é que, poucos meses depois da minha ordenação sacerdotal, Deus me apresentou a Agnese Salomoni. Talvez quisesse dar-me uma amostra daquilo com que eu teria de lutar alguns anos mais tarde. O facto é que, desde o dia em que nasci até 1986, Agnese Salomoni foi a única experiência algo direta que tive com o demónio.

Os caminhos de Deus são infinitos e os seus desígnios são-no ainda mais. Mesmo aos 60 anos, a vida pode mudar de repente. Mesmo aos 60 anos, Deus pode dar uma sacudidela violenta na existência de um homem.

Alguns dias depois do encontro com o Cardeal Poletti, vou ter com o Padre Cândido Amantini. Entrego-lhe a carta com a nomeação. O Padre Cândido lê a carta e, sem qualquer emoção especial, diz-me:

«Ótimo. Vamos começar imediatamente. Tens de fazer duas coisas. Primeiro. Arranjar um ritual de exorcismo. Está em latim. Lê as 21 regras que precedem o ritual. Aprende-as de cor. Sem essas regras, serás derrotado. Segundo. Começar a fazer exorcismos em casa sozinho.»

Obedeço ao mestre. Estudo as 21 regras. Fico impressionado com as primeiras. São ensinamentos de caráter geral. Explicam que nunca se deve acreditar que todos aqueles que se dizem possuídos estão mesmo possuídos. A maioria das pessoas tem apenas problemas psicológicos graves. No conjunto, ensinam que o demónio se esconde. E que, por isso, é preciso ser muito cuidadoso, mas também muito esperto. O demónio deve ser expulso.

Quais são os sinais da presença do demónio? Falar fluentemente línguas desconhecidas ou compreender os que as falam. Conhecer factos distantes ou ocultos. Demonstrar força acima da idade e das condições naturais e/ou outros fenómenos semelhantes.

Começo a fazer exorcismos sozinho. Aprendo bem as fórmulas dos rituais.

E, depois de as ter aprendido, começo a intervir sobre os possessos, primeiro com o Padre Cândido ao meu lado. Depois, sozinho. Com o Padre Cândido, aprendo os truques do ofício.

Ninguém pode fazer um exorcismo se não conhecer as regras. Não existem em italiano. Só existem em latim. Não estão acessíveis a toda a gente. Só são úteis para os exorcistas. Dizem que, para conhecer melhor o

estado da pessoa que está diante de si, depois de um ou dois exorcismos, o possuído deve ser interrogado sobre o que percebeu na sua mente ou no seu corpo, para saber também quais foram as palavras que mais perturbaram os demónios, para depois insistir nelas e repeti-las com mais frequência.

É preciso perceber quais são os artifícios e os enganos que os demónios usam para enganar o exorcista. De facto, eles têm o hábito de responder com mentiras. Manifestam-se de forma difícil para que o exorcista, cansado, desista.

Ou a pessoa afetada finge estar doente e não possuída pelo demónio.

Por vezes, os demónios, depois de se terem manifestado, desaparecem e deixam o corpo livre de qualquer moléstia, para que a pessoa possuída acredite estar totalmente livre. Mas o exorcista não deve parar enquanto não vir os sinais de libertação.

Acontece, então, que os demónios põem todos os obstáculos que podem para a pessoa possuída não se submeter aos exorcismos, ou esforçam-se para convencê-la de que se trata de uma doença natural. Por vezes, durante o exorcismo, fazem a pessoa possuída dormir e mostram-lhe uma visão, escondendo-se, para que pareça que o doente foi libertado.

Algumas pessoas possuídas dizem que receberam um mal, podem até dizer por quem foi feito e de que maneira acham que pode ser destruído. Mas é preciso ter cuidado para que, para isso, não se recorra a mágicos, adivinhos ou outros, em vez de recorrer aos ministros da Igreja. Não se deve recorrer a qualquer forma de superstição ou outros meios ilícitos.

Outras vezes, o demónio permite que a pessoa possuída descanse e até receba a Eucaristia, para que pareça que ele se foi embora. Além disso, os artifícios e as fraudes do demónio para enganar o homem são inumeráveis. Para não se deixar enganar por esses artifícios, o exorcista deve ser muito cuidadoso.

Jesus disse que «certos tipos de demónios não podem ser expulsos senão pela oração e pelo jejum».

É por isso que o exorcista, consciente destas palavras, deve esforçar-se por fazer uso destes dois remédios mais poderosos para implorar a ajuda divina e expulsar os demónios, seguindo o exemplo dos Padres da Igreja, na medida do possível, pessoalmente ou encarregando outros.

Os possuídos são exorcizados na Igreja, se isso puder ser feito confortavelmente, ou noutro lugar religioso e conveniente, longe das multidões. Mas se a pessoa possuída estiver doente, ou por outra razão válida, o exorcismo também pode ser feito em casa.

Pede-se à pessoa possuída que reze em seu benefício, se for física e mentalmente capaz de o fazer, que jejue, que se confesse e comungue frequentemente para seu sustento, segundo o conselho do sacerdote. E enquanto está a ser exorcizado, deve permanecer recolhido, deve dirigir-se a Deus com fé firme para lhe pedir saúde com toda a humildade. E quando for mais atormentado pelo demónio, deve suportar com paciência, sem nunca duvidar da ajuda de Deus.

A pessoa possuída deve ter um crucifixo nas mãos ou à vista. Também as relíquias de santos, quando as houver. Estas devem ser mantidas com segurança, embrulhadas num pano, e podem ser colocadas sobre o peito ou sobre a cabeça da pessoa possuída.

No entanto, é preciso ter muito cuidado. Os objetos sagrados não devem ser tratados de forma indigna e não devem ser danificados pelo demónio. Em particular, a Eucaristia nunca deve ser colocada na cabeça da pessoa possuída ou em qualquer outra parte do corpo. De facto, o perigo de irreverência é grande.

O exorcista não deve perder-se em demasiadas palavras, nem em perguntas ou curiosidades supérfluas, sobretudo sobre acontecimentos ocultos ou futuros que não convêm ao seu ofício. Deve, pelo contrário, impor ao espírito impuro que se cale e que responda apenas às perguntas que lhe faz. Também não deve acreditar no demónio se este lhe disser, como acontece muitas vezes, que é a alma de um santo, de um morto ou de um anjo bom.

Há algumas perguntas necessárias. O exorcista deve conhecê-las. Deve perguntar ao demónio:

«Como te chamas? Estás sozinho ou sois muitos? Quando é que entraste nesta pessoa? Porque decidiste possuir esta pessoa?»

Quanto às outras futilidades do demónio, os risos, os palavrões, os insultos, os objetos que inexplicavelmente cospe pela boca do possuído, as ninharias, o exorcista deve cortá-las ou pelo menos desprezá-las. E deve

avisar os seus colaboradores, que devem ser poucos e bem treinados, para que não lhes prestem atenção e não façam perguntas à pessoa possuída, mas que rezem a Deus, humilde e persistentemente, por ela.

Os exorcismos devem ser pronunciados ou lidos com autoridade, com muita fé, humildade e fervor. E quando se nota que o espírito está mais atormentado, então insiste-se e pressiona-se com mais força. Se se notar que a pessoa possuída está a sofrer em alguma parte do corpo, ou está ferida, ou aparece um furúnculo em alguma parte, deve-se fazer o sinal da cruz e aspergir com água benta, que se deve ter sempre à mão.

O exorcista deve também observar quais são as palavras que mais fazem tremer os demónios e repeti-las várias vezes, até à exaustão. E quando se trate de um comando, repita-o muitas vezes, aumentando sempre o castigo. Se depois notar progressos, continue durante duas, três, quatro horas, e o mais que puder, até alcançar o sucesso.

O exorcista deve ter o cuidado de não administrar ou recomendar qualquer medicamento, deixando essa tarefa para os médicos.

Quando se exorciza uma mulher, deve estar sempre presente alguém de confiança para segurar a mulher possuída enquanto ela está a ser agitada pelo demónio. Se possível, essas pessoas devem ser da família da mulher possuída. Por fim, o exorcista deve ter o cuidado de não dizer nem fazer nada que possa propiciar maus pensamentos, a si ou aos outros.

Durante o exorcismo, use frequentemente as palavras da Sagrada Escritura em vez das suas próprias palavras ou as de outros. E obrigue o demónio a dizer se entrou naquele corpo por magia, por sinais malignos ou por coisas más que a pessoa possuída comeu. Nesse caso, deve vomitá-las. Se, pelo contrário, foram usadas coisas exteriores à pessoa, deve dizer onde estão e, tendo-as encontrado, queimá-las. A pessoa possuída é avisada para revelar ao exorcista as tentações a que está sujeita.

Se a pessoa possuída for então libertada, deve ser cuidadosamente avisada para ter cuidado com o pecado, para não dar ao demónio a oportunidade de voltar. Nesse caso, o seu estado pode tornar-se pior do que antes da libertação.

Estas são, portanto, as regras gerais que se encontram no antigo ritual escrito em latim. São as regras que o Padre Cândido me pede para aprender de cor antes de começar a exorcizar. São regras fundamentais. Mesmo que

durante a batalha tudo possa acontecer. E pode acontecer que o que se aprendeu seja de pouca utilidade. Ou quase nenhuma.

Nestes casos, só há uma coisa a fazer: recorrer à ajuda de uma pessoa especial.

Não sei dizer quantas vezes Nossa Senhora veio em meu auxílio. Ela tem estado ao meu lado desde o primeiro exorcismo. E mesmo antes disso, toda a minha vida.

Antes mesmo de me tornar padre, rebentou a guerra.

E eu, como toda a gente, tive de deixar a família e os entes queridos para trás.

Eu sabia que o Dom Alberione tinha feito o voto de consagrar os seus filhos espirituais à Rainha dos Apóstolos para que Nossa Senhora os protegesse a todos. Também eu o fiz. Pedi a Dom Alberione que me consagrasse a mim e a todos os meus à Rainha dos Apóstolos. A guerra rebentou. A guerra acabou. E eu, como todos os meus irmãos, não sofri nada. Nem sequer uma bala me tocou. Também os meus irmãos, embora tivessem de passar por perigos terríveis, saíram ilesos. Isto significou muito para mim. Até pouco tempo antes de ser ordenado, ainda tinha dúvidas, não tanto sobre a ordenação sacerdotal em si, mas sobre onde Deus queria que eu fosse padre. Pensava: «Será que tenho mesmo razão para entrar nos Paulinos? É mesmo aí que Deus me quer? Ou será que ele me quer noutro lugar?»

No dia da minha ordenação, as minhas dúvidas desapareceram. A minha mãe cumprimentou o P. Alberione e disse-lhe: «Foi graças à consagração que fez a Nossa Senhora que o meu Gabriele e os seus irmãos foram salvos.»

Chorei de alegria. A minha mãe tinha confirmado que Nossa Senhora me tinha protegido através da consagração de Dom Alberion e que era nos Paulinos que ela me queria. Nossa Senhora tinha-me salvo da morte durante a guerra para que eu pudesse ser sacerdote nos Paulinos.

Tenho de o dizer: consagrar uma pessoa ao coração imaculado de Maria é erguer à sua volta um escudo protetor invisível mas impenetrável. Porque é que as mães de hoje não consagram também os seus filhos a Nossa Senhora? Basta uma simples oração de um sacerdote com esta intenção. Todas as crianças deveriam ser consagradas ao coração imaculado de Nossa Senhora. Gozariam de uma proteção única.

O escudo de Nossa Senhora protege-me ainda hoje. Até Satanás sabe bem que, quando falo dela, a mãe de Jesus, durante um exorcismo, ele chora como um bebé e começa a tremer. Não tenho nenhuma simpatia por ele. Deixo-o chorar, sabendo que ela, Nossa Senhora, é a proteção mais segura em que me posso colocar. E consciente de que ela, mesmo com um simples piscar de olhos, pode afastar Satanás e fazê-lo rezar onde merece, no inferno.

A minha vida foi marcada por Nossa Senhora. Isso manifestou-se de uma forma poderosa em 1959. No dia 13 de setembro desse ano, Itália foi consagrada ao Imaculado Coração de Maria. Tudo se passou na Catânia. Foi o coro do 16.º Congresso Eucarístico Nacional. Foi uma admirável sinfonia entre o culto eucarístico e a veneração de Maria. Com este acontecimento, pretendia-se restituir a nação a Nossa Senhora para um despertar da fé, uma maior participação no culto e um novo empenhamento cristão no serviço social.

Para minha surpresa, foi-me confiada a coordenação de todo o evento. Para além disso, tive de trabalhar nos meses anteriores para fazer chegar a imagem de Nossa Senhora de Fátima a todas as capitais italianas. Foi um ano de muito trabalho. Um ano dedicado a Nossa Senhora, ao reino da luz. Nunca imaginaria que, algum tempo depois, voltaria a lutar por esse reino, por Nossa Senhora, mas com outra roupagem, a de exorcista.

2

«CORAGEM, É A TUA VEZ» A MINHA PRIMEIRA VEZ CONTRA SATANÁS

Sempre que faço um exorcismo, entro numa batalha. Antes de entrar nela, visto uma armadura. Uma estola púrpura, cujas bordas são mais compridas do que as que os padres costumam usar quando rezam a missa. Costumo enrolar a estola à volta dos ombros da pessoa possuída. É eficaz, serve para acalmar os possuídos quando, durante o exorcismo, entram em transe, se babam, gritam, adquirem uma força sobre-humana e atacam. Por isso, trago comigo o livro em latim com as fórmulas de exorcismo, um pouco de água benta, que às vezes borrifo sobre os possuídos, e um crucifixo com a medalha de São Bento incorporada. É uma medalha especial, muito temida por Satanás.

A batalha dura horas e quase nunca termina em libertação. Para libertar uma pessoa possuída são precisos anos. Muitos anos. Satanás é difícil de derrotar. Muitas vezes esconde-se. Ele isola-se. Tenta não ser encontrado. O exorcista tem de o fazer sair. Tem de o obrigar a revelar o seu nome. E depois, em nome de Cristo, deve obrigá-lo a sair.

Satanás defende-se por todos os meios. O exorcista recebe a ajuda de colaboradores que são encarregados de manter a pessoa possuída imóvel. Nenhum deles pode falar com a pessoa possuída. Se o fizessem, Satanás aproveitaria a oportunidade para os atacar. O único que pode falar com a pessoa possuída é o exorcista. Ele não fala com Satanás. Dá-lhe ordens simplesmente. Se conversasse com ele, Satanás confundi-lo-ia até o derrotar.

Atualmente, faço exorcismos a cinco ou seis pessoas por dia. Até há uns meses, fazia muitos mais, até 10 ou 12. Faço sempre exorcismos, mesmo aos domingos. Mesmo no Natal. Tanto que um dia o Padre Cândido me disse:

«Tens de tirar dias de férias. Não se pode fazer exorcismos a toda a hora.»

«Mas eu não sou como tu», respondi.

«Tens um dom que eu não tenho. Recebendo uma pessoa apenas alguns minutos sabes se ela está possuída ou não. Eu não tenho esse dom. Antes de compreender, tenho de recebê-la e exorcizá-la..»

Ao longo dos anos, ganhei muita experiência. Mas isso não significa que o «jogo» seja mais fácil. Cada exorcismo é um caso em si. As dificuldades que enfrento hoje são as mesmas que encontrei da primeira vez, quando, após meses a ensaiar sozinho em casa, o Padre Cândido me disse:

«Coragem, hoje é a tua vez. Hoje vais para a batalha.»

«Tens mesmo a certeza de que estou pronto?»

«Nunca ninguém está preparado para este tipo de coisas, mas estás suficientemente preparado para começar. Lembra-te: todas as batalhas têm os seus riscos. Terás de os correr um a um.»

O Antonianum é um grande complexo em Roma, na Via Merulana, não muito longe da Praça de São João de Latrão. Ali, numa sala pouco acessível à maioria das pessoas, fiz o meu primeiro grande exorcismo. Estamos a 21 de fevereiro de 1987. Um frade franciscano de origem croata, o Padre Maximiliano, pede ajuda ao Padre Cândido para o caso de um agricultor do campo romano que, na sua opinião, precisa de ser exorcizado. O Padre Cândido diz-lhe:

«Não tenho tempo. Vou mandar-lhe o Padre Amorth.»

Entro sozinho na sala do Antonianinum. Chego alguns minutos mais cedo. Não sei o que me espera. Pratiquei muito. Estudei tudo o que há para estudar. Mas trabalhar no terreno é outra coisa. Sei pouco sobre a pessoa que tenho de exorcizar. O Padre Cândido foi bastante vago.

O primeiro a entrar na sala é o Padre Maximiliano. Atrás dele, uma figura esguia. Um homem com cerca de 25 anos, magro. Nota-se a sua origem humilde. Vê-se que todos os dias tem de se ocupar de um trabalho

bonito, mas também muito duro. As suas mãos são ossudas e enrugadas. Mãos que trabalham a terra. Antes mesmo de começar a falar com ele, entra uma terceira pessoa, inesperada.

«Quem é você?», pergunto.

«Eu sou o tradutor», diz ele.

«O tradutor?»

Olho para o Padre Maximiliano e peço-lhe uma explicação. Sei que admitir uma pessoa não preparada na sala onde está a decorrer um exorcismo pode ser fatal.

Satanás, durante um exorcismo, ataca os presentes se estiverem impreparados.

O Padre Maximiliano tranquiliza-me:

«Não te disseram? Quando ele entra em transe, só fala em inglês. Precisamos de um tradutor. Caso contrário, não sabemos o que ele nos quer dizer. Ele é uma pessoa preparada. Sabe como se comportar. Não cometerá nenhuma ingenuidade.»

Ponho a minha estola, pego no breviário e no crucifixo. Seguro a água benta na mão. Começo a recitar o exorcismo em latim.

«Não te lembres, Senhor, dos nossos pecados nem dos pecados dos nossos pais, e não nos castigues pelos nossos pecados. Pai nosso... E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.»

O possuído é uma estátua de sal. Não fala. Não reage. Permanece imóvel, sentado na cadeira de madeira onde o fiz sentar.

Recito o Salmo 53.

«Deus, pelo teu nome salva-me, pelo teu poder faz-me justiça. Deus, ouve a minha oração, escuta as palavras da minha boca, porque se levantam contra mim os arrogantes e os prepotentes minam a minha vida, não põem Deus diante deles...»

Continua sem reação. O agricultor permanece em silêncio, com o olhar fixo no chão.

«Eis que Deus é o meu auxílio, o Senhor me sustenta. Fazei cair o mal sobre os meus inimigos, na vossa fidelidade dispersai-os. De todo o coração te oferecerei um sacrifício, Senhor, louvarei o teu nome porque é bom; de toda a angústia me livraste, e o meu olhar desafiou os meus inimigos. Glória ao Pai...»

«Salva o teu servo aqui presente, meu Deus, porque ele espera em ti. Sê para ele, Senhor, uma torre de fortaleza. Perante o inimigo, que nada seja contra ele. E o filho da iniquidade não lhe fará mal. Enviai, Senhor, o vosso auxílio do lugar santo. E de Sião dá-lhe defesa. Senhor, ouve a minha oração e que o meu clamor chegue até Vós. O Senhor seja convosco. E com o teu espírito.»

É nessa altura que, de repente, o agricultor levanta a cabeça e me olha fixamente. E, no mesmo instante, solta um grito furioso e assustador. Fica vermelho e começa a gritar injúrias em inglês. Mantém-se sentado. Não se aproxima de mim. Parece ter medo de mim. Mas, ao mesmo tempo, quer assustar-me.

«Padre, para com isso! Cala-te, cala-te!»

E abaixo com impropérios, palavrões, ameaças. Eu acelero com o ritual.

«Senhor Jesus Cristo, que condenastes esse tirano apóstata ao fogo do inferno e que enviastes o vosso Filho Unigénito a este mundo para vencer esta besta que ruge: apressai, apressai a vossa vinda para lhe arrebatar o homem que criastes à vossa imagem e semelhança, arrebatando-o da ruína e do demónio meridiano. Incitai, Senhor, o vosso terror nessa besta que extermina a vossa vinha. Dai aos vossos servos a confiança de lutar com força contra o dragão imundo, para que ele não despreze aqueles que esperam em vós, e para que não diga o que o Faraó disse a Moisés: “Não conheço Deus e não deixarei Israel sair em liberdade.” Que a tua mão poderosa o obrigue a deixar o teu servo, para que ele não tenha a presunção de manter cativos aqueles que vos dignastes criar à vossa imagem e redimir por meio do vosso Filho. Ele, juntamente convosco, em união com o Espírito Santo de Deus, vive e reina pelos séculos dos séculos».

O homem possuído continua a gritar: «Cala-te, cala-te.»

E cospe no chão e em mim. Está furioso.

Parece um leão pronto para o grande salto. É evidente que a sua presa sou eu.

Apercebo-me de que tenho de continuar. E chego até «*Praecipio tibi*» – «Eu te ordeno».

Lembro-me bem do que o Padre Cândido me disse nas vezes em que me deu instruções sobre os truques a utilizar:

«Lembrai-vos sempre que "*Praecipio tibi*" é muitas vezes a oração decisiva. Lembrai-vos que é a oração mais temida pelos demónios. Acredito sinceramente que é a mais eficaz. Quando a situação se torna difícil, quando o demónio está furioso e parece forte e inatacável, vá lá rapidamente. Beneficiará com isso na batalha. Verá como essa oração é eficaz. Recita-a em voz alta, com autoridade. Atire-a ao possuído. Verá os efeitos.»

«Ordeno-te, quem quer que sejas, espírito impuro, e a todos os teus companheiros presentes neste servo de Deus, que para os mistérios da encarnação, paixão, morte, ressurreição e ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo; para a missão do Espírito Santo; para o regresso do próprio Nosso Senhor para o julgamento: diz-me o teu nome, o dia e a hora da tua partida, com algum sinal; e ordeno-te que me obedeças em tudo, ministro de Deus, embora indigno, e que não causes de modo algum dano ao Senhor, nenhum dano a esta criatura de Deus, nem aos presentes, nem aos seus pertences.»

O homem possuído continua a gritar. Agora o seu lamento é um uivo que parece vir das entranhas da terra. Eu insisto.

«Exorcizo-te, espírito imundo, a toda a irrupção do inimigo, a toda a legião diabólica, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que te arranque pela raiz e fuja desta criatura de Deus.»

O grito torna-se um uivo. E fica mais alto e mais alto.

Parece não ter fim.

«Ouve bem e treme, ó Satanás, inimigo da fé, adversário dos homens, causa da morte, ladrão da vida, adversário da justiça, raiz dos males, fomentador dos vícios, sedutor dos homens, enganador dos povos, incitador da inveja, origem da avareza, causa da discórdia, instigador do sofrimento.»

Os seus olhos estão virados para trás. A sua cabeça fica pendurada atrás das costas da cadeira. O grito continua alto e assustador. O Padre Maximiliano tenta mantê-lo quieto, enquanto o tradutor assustado recua alguns passos para trás. Faço-lhe sinal para que se afaste mais. Satanás está em fúria.

«Porque resistis, quando sabeis que Cristo, o Senhor, destruiu os vossos desígnios? Temei aquele que foi imolado na figura de Isaac, que foi vendido na pessoa de José, que foi morto na figura do cordeiro, que foi crucificado como homem e depois triunfou sobre o inferno. Ide em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.»

O demónio parece não ceder, mas o seu grito agora desvanece-se. Agora ele olha para mim. Um pouco de baba sai-lhe da boca. Eu incito-o a continuar. Sei que tenho de o obrigar a revelar-se, a dizer-me o seu nome. Se ele me disser o seu nome, é sinal de que está quase derrotado. Ao revelar-se, de facto, obrigo-o a mostrar as cartas.

«E agora diz-me, espírito imundo, quem és tu? Diz-me o teu nome! Em nome de Jesus Cristo, diz-me o teu nome!»

É a primeira vez que faço um grande exorcismo e, portanto, a primeira vez que peço a um demónio que me revele o seu nome.

A sua resposta arrepia-me.

«Eu sou Lúcifer», diz ele em voz baixa, cadenciando lentamente todas as sílabas. «Eu sou Lúcifer.»

Não posso ceder. Não devo ceder agora. Não devo mostrar medo. Tenho de continuar o exorcismo com autoridade. Sou eu que lidero o jogo. Não ele.

«Eu te ordeno, antiga serpente, em nome do julgamento dos vivos e dos mortos, do teu Criador, do Criador do mundo, daquele que tem o poder de te precipitar no inferno, que deixes e te afastes com medo e com o teu exército furioso, deste servo de Deus que recorreu à Igreja. Lúcifer, ordeno-te de novo, não pela minha fraqueza, mas pelo poder do Espírito Santo, que te afastes deste servo de Deus, que Deus Todo-Poderoso criou à sua imagem. Rende-te, pois, não a mim, mas ao ministro de Cristo. O poder daquele que vos subjugou com a sua cruz impõe-se a vós. Tremei perante o poder daquele que, tendo vencido os sofrimentos do inferno, reconduziu as almas à luz.»

A pessoa possuída volta a uivar. A cabeça atirada para trás das costas da cadeira. As costas curvadas. Passou mais de uma hora. O Padre Cândido sempre me disse:

«Enquanto tiveres energia e força, continua. Não deves desistir. Um exorcismo pode durar até um dia. Desiste apenas quando perceberes que o teu corpo não aguenta mais.»

Penso em todas as palavras que o Padre Cândido me disse. Gostava que ele estivesse aqui ao meu lado, mas ele não está cá. Tenho de o fazer sozinho.

«Que entre em ti o terror pelo corpo do homem, o medo pela imagem de Deus. Não podes resistir nem demorar-te a deixar esta pessoa, depois de Cristo se ter comprazido a habitar num corpo humano. E para que não me desprezes, pois me conheces como um grande pecador, Deus ordena-te. A majestade de Cristo ordena-te. Deus Pai ordena-te. Deus Filho ordena-te. Deus, o Espírito Santo, ordena-te. O mistério da cruz ordena-te.»

Não pensei, antes de começar, que isto pudesse acontecer. Mas, de repente, tenho a nítida sensação da presa demoníaca à minha frente. Sinto este demónio a olhar para mim. Ele examina-me. Anda em círculos à minha volta. O ar está frio. Está um frio terrível. O Padre Cândido também me avisou destas mudanças de temperatura, mas uma coisa é ouvir falar destas coisas, outra coisa é vivê-las. Tento concentrar-me. Fecho os olhos e continuo a minha súplica de memória.

«Sai, pois, rebelde. Sai, sedutor, cheio de toda a fraude e falsidade, inimigo da virtude, perseguidor dos inocentes. Dá lugar a Cristo, em quem não há nada das tuas obras: ele despojou-te, destruiu o teu reino, algemou-te e venceu as tuas trapaças; lançou-te nas trevas espessas, onde o fim está reservado para ti e para os teus seguidores. Porque resistes como um tolo? Porque te atreves a recusar? És culpado contra o Deus Todo-Poderoso, cujas ordens transgrediste. És culpado contra o seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que ousaste tentar e presumiste crucificar. És culpado perante a humanidade, a quem espalhaste o veneno mortal, convencendo-a do mal.»

É nessa altura que acontece um facto inesperado. Um facto que nunca mais se repetirá ao longo da minha longa «carreira» de exorcista.

O possuído transforma-se num pedaço de madeira. As pernas esticadas para a frente. A cabeça esticada para trás.

E começa a levitar.

Ergue-se horizontalmente meio metro acima das costas da cadeira. Fica ali, imóvel, durante vários minutos, suspenso no ar. O Padre Maximiliano afasta-se. Eu permaneço no meu lugar. O crucifixo na minha mão direita. O ritual na outra. Lembro-me da estola. Pego nela e deixo uma ponta tocar no corpo do homem sentado. Ele continua imóvel. Rígido. Silencioso. Tento dar outro golpe.

«Afasta-te deste homem. É difícil para ti resistir. É difícil para ti recalcitrar contra o aguilhão. Porque, quanto mais tardares a partir, tanto mais aumentará o teu tormento eterno, porque não desprezas os homens,

mas aquele que governa os vivos e os mortos; aquele que virá julgar os vivos, os mortos e os séculos, pelo fogo. Sai ímpio. Sai canalha. Sai com toda a tua fraude. Pois Deus quer que o homem seja o seu templo. Então, porque é que persistes em ficar aqui? Dá glória a Deus Pai Todo-Poderoso, em cuja presença todo o joelho se dobra. Dá lugar a Nosso Senhor Jesus Cristo, que derramou o seu santo sangue para a salvação da humanidade. Deixa entrar o Espírito Santo, que, através do seu bendito apóstolo Pedro, te derrubou claramente na pessoa de Simão, o Mago; que condenou a tua mentira na pessoa de Ananias e Safira; que te matou na pessoa do rei Herodes, que se recusou a dar honra a Deus. Ele lançou-te na perdição por meio do seu apóstolo Paulo, cegando o mago Elimas; por meio do mesmo apóstolo te obrigou a sair da pitonisa, ordenando-te pela sua palavra. Portanto, vai-te embora, vai-te, enganador. O teu lugar é o deserto; a tua habitação é a serpente; humilha-te e prepara-te. Não tens mais tempo para esperar. Pois eis que o Senhor, o Governador, se aproxima em breve: o fogo arde diante dele e, à sua volta, queima os seus inimigos. Embora possas enganar o homem, não podes escarnecer de Deus. Ele expulsa-te, aos olhos Dele nada se esconde. Ele expulsa-te, a cujo poder tudo está sujeito. Ele exclui-te, pois preparou para ti e para os teus anjos o fogo eterno. Da sua boca sai uma espada afiada: aquele que virá para julgar os vivos e os mortos, e os séculos pelo fogo. Ámen.»

Um estrondo saúda o meu Ámen. O homem possuído recosta-se na sua cadeira. Balbucia palavras que eu mal consigo entender.

Depois diz em inglês: «I will go out on 21 June at 3 P.M.».

Traduzido: Sairei no dia 21 de junho às 15 horas.

Então ele olha para mim. Agora os seus olhos não são mais do que os olhos de um pobre camponês. Estão cheios de lágrimas. Apercebo-me que ele recuperou o juízo. Abraço-o. E digo-lhe: «Em breve tudo estará terminado.»

Decidi repetir o exorcismo todas as semanas. Repete-se sempre a mesma cena. Na semana de 21 de junho, deixo-o livre. Não quero interferir no dia em que Lúcifer disse que sairia. Sei que não devo confiar. Mas, por vezes, o demónio é incapaz de mentir.

Na semana seguinte ao dia 21 de junho, chamei-o de novo. Chega, como sempre, acompanhado pelo Padre Maximiliano e pelo tradutor. Parece sereno. Começo a exorcizá-lo. Não há reação. Mantém-se calmo, lúcido,

tranquilo. Deito-lhe um pouco de água benta. Não há reação. Peço-lhe que reze comigo uma Ave-Maria. Ele recita-a toda, sem se ir abaixo. Peço-lhe que me conte o que aconteceu no dia em que Lúcifer disse que o ia deixar.

Conta-me: «Como todos os dias, fui trabalhar sozinho para o campo. Ao princípio da tarde, decidi ir dar uma volta de trator. Às 3 da tarde, apeteceu-me gritar muito alto. Acho que dei um grito assustador. No fim do grito, senti-me livre. Não consigo explicar. Sentia-me livre.»

Nunca mais vou ter um caso destes. Nunca mais terei tanta sorte, libertar uma pessoa possuída com tão poucas sessões, em apenas cinco meses, um milagre. Os exorcismos subsequentes durarão anos. Não sei porque é que o meu primeiro exorcismo foi tão suave. Aterrorizante, mas suave. Não sei porque é que foi o único momento em que assisti a uma levitação. Não sei mesmo o que Deus me queria dizer. Talvez quisesse fazer-me experimentar toda a maldade de Satanás, mas também dar-me coragem. Para me mostrar que sou capaz de o fazer. Falei longamente sobre isto com o Padre Cândido, que, no entanto, me deu uma versão completamente diferente.

Passei quinze dias inesquecíveis com o Padre Cândido na Ligúria, em Sanremo. São dias muito importantes para o meu futuro como exorcista. Faço muitas perguntas ao Padre Cândido. Infelizmente, não tenho um gravador comigo. Não gravo nada do que ele me diz, mas a maior parte do que falámos está indelevelmente gravada na minha mente.

Falo-lhe do exorcismo feito ao camponês. Do sucesso e da tentativa de compreender o que Deus me queria dizer. Ele diz-me:

«Fazes mal em fazer tantas perguntas. Não é Deus que está a falar contigo, mas Satanás. Nunca te perguntes se Deus está por trás de um exorcismo. Claro que Deus vence Satanás. É ele que vence através do exorcismo, mas não te perguntes coisas a que ninguém pode responder. Não peques com orgulho. Faz o que tens a fazer e não faças demasiadas perguntas. Não o sabes? Não passamos de servos inúteis.»

Com o Padre Cândido discuto os “instrumentos” a usar durante um exorcismo. Foi ele que me sugeriu que levasse sempre a medalha com a imagem de S. Bento.

Foi ele que sugeriu a estola roxa, que é a cor da penitência, mais comprida do que a que o padre usa para rezar a missa. Depois o aspersório com água benta. É ele que me lembra agora uma coisa de que me tinha esquecido: um pequeno tubo com um óleo especial.

Ele diz:

«Deves levar sempre contigo um óleo especial para os exorcismos. Obtém-lo misturando o óleo dos catecúmenos, que se usa no batismo, e o óleo dos doentes, que se usa no sacramento da unção dos doentes. Marcar sempre a pessoa possuída na testa e nos sentidos: olhos, ouvidos, narinas, boca e garganta. De seguida, recita a oração ritual. Se puderes, aprenda-a de cor, para não teres de andar sempre com o livro na mão. Fica muito perto da pessoa possuída. Se possível, põe-lhe a mão na cabeça. Faz cruzes frequentes sobre ela. Lembra-te. A oração de libertação que me ensinou uma freira, a Irmã Erminia Brunetti, filha de S. Paulo, que morreu em odor de santidade, é muito eficaz. Ela diz: «Espírito do Senhor, Espírito de Deus, Pai, Filho, Espírito Santo, Santíssima Trindade, Virgem Imaculada, anjos, arcanjos, santos do paraíso, descei sobre esta pessoa, derretei-a Senhor, moldai-a, enchei-a de vós, usai-a, expulsai dela todas as forças do mal, aniquilai-as, destruí-as para que ela fique bem, faça o bem, bani dela todos os feitiços malignos, bruxarias, magia negra, missas negras, feitiços, amarrações, maldições, mau-olhado, infestação diabólica, possessão diabólica, obsessão diabólica, tudo o que é mau, pecado, inveja, ciúme, perfídia, doença física, psíquica, moral, espiritual, diabólica; queima todos estes males no inferno para que não voltem a tocar nela e em nenhuma outra criatura no mundo. Eu ordeno e ordeno pelo poder de Deus Todo-Poderoso, em nome de Jesus Cristo Salvador, pela intercessão da Virgem Imaculada, pelo poder que tenho da Igreja, ainda que indigno, todos os espíritos impuros, todas as presenças que a molestam, que a deixem imediatamente, que a deixem definitivamente e que vão para o inferno eterno, incitados por São Miguel Arcanjo, São Gabriel, São Rafael, nossos anjos da guarda, esmagados sob o calcanhar da Virgem Imaculada. Ámen.»

Verás como os condenados reagirão ao ouvir esta oração! Vão reagir de forma selvagem. Não te assustes se os possessos tiverem reações estranhas no início do exorcismo. Não te assustes com os cânticos, os movimentos furiosos, as cuspidelas. Deixa-os atirarem-se para o chão, deixa-os deslizar como cobras. Se puderes, pede ajuda aos teus ajudantes para os segurarem. Uma vez iniciado o exorcismo, interroga o demónio.

O interrogatório é importante. Nunca faças perguntas por curiosidade, apenas perguntas úteis para a libertação. Primeira pergunta:

«Qual é o teu nome?» O demónio faz tudo para se esconder. Para ele, dizer o seu nome é um esforço enorme, porque tem de se revelar. Mas tem de o dizer, porque não pode resistir à força do exorcismo. «Quando é que entraste? Como entraste? Quais eram os teus objetivos com esta pessoa? Quando sairás?» Estas são as perguntas principais. Se o demónio não responder, repete estas perguntas até ele responder. Lembra-te que o demónio mente.

As suas respostas devem ser sempre verificadas. Uma vez tive um caso muito difícil, uma rapariga que eu não conseguia libertar. Pergunto ao demónio:

«Quando é que vais sair?»

Ele responde: «A 8 de dezembro.»

É uma data significativa, é a festa da Imaculada Conceição. A menina chega a 8 de dezembro. Chamo-a, faço-lhe um longo exorcismo, mas ele não sai. Após cinco horas e meia de exorcismo, ela parece livre. Saltos de alegria. Um crime de emoção. Liberta. Passada uma semana, está como dantes.

Pergunto ao demónio: «Porque não te foste embora? Disseste que te ias embora no dia 8 de dezembro, porque não te foste embora?»

E ele, com uma voz de troça: «Nunca te disseram que eu era um mentiroso? Não te ensinaram que eu digo mentiras?»

Porque é que o Senhor permite estas coisas? É difícil, ou mesmo impossível, responder. Nós olhamos muito para esta terra. Deus olha muito para a vida eterna. E, por isso, é provável que permita as possessões para dar às almas uma vantagem válida para toda a eternidade.

Não pensem que é fácil libertar uma pessoa possuída. Os tempos são sempre muito longos. Estão a lutar contra o mal absoluto, o mal cego. Não pode ser um passeio no parque. O maligno é puro espírito. É uma força que entra no corpo, mas, por vezes, pode ser simplesmente um espírito que atua sobre uma pessoa sem a possuir. É preciso ter cuidado para não acreditar que toda a gente está possuída. Muitos têm simplesmente uma influência negativa, talvez causada por um feitiço maligno, mas não estão possuídos.

O Padre Pio de Pietrelcina, por exemplo, sofria ataques do demónio todos os dias, com poucas exceções. Era espancado, atirado para o chão. Eram perseguições, ele não estava possuído. O mesmo acontecia com o

santo cura d'Ars-sur-Formans, João Maria Vianney. Vexações muito graves, mas não possessões.

Outras pessoas sofrem danos nas suas casas: rangidos, pancadas, luzes que se acendem e apagam por capricho, rebentamentos. Um engenheiro costumava ter 30 a 40 lâmpadas a rebentar em sua casa todos os meses. Fenómenos que são curados pelo exorcismo, mas em que não há possessão. É provável que, no passado, tenha vivido nestas casas um mágico que fizesse sessões espíritas ou alguém que fizesse ritos satânicos. Ou tenha havido um cemitério no passado no terreno onde a casa foi construída. Repito, não se trata de possessões, mas são casos difíceis. Podem fazer exorcismos se quiserem, mas lembrem-se que não têm o próprio demónio à vossa frente. Os exorcismos, de facto, fazem-se sobre pessoas possuídas, mas também sobre *res*, sobre coisas, ou seja, casas, objetos, animais.

Muitas vezes, Satanás não está sozinho no corpo das pessoas que possui. Por vezes, há muitos demónios. Jesus fala muitas vezes de legiões. Uma vez exorcizei uma freira. Uma possessão terrível. Ela estava a vomitar tudo.

«Quantos sois?», perguntei.

«Legiões, legiões, legiões», responderam.

Enquanto eu a exorcizava, ela agitava-se continuamente. E saltava de parede em parede como um macaco. Era impossível mantê-la quieta. Satanás não tem rosto. Ele é apenas espírito e, se quiser fazer-se presente, tem de assumir um corpo falso de acordo com o que quiser determinar.

Para o Padre Pio, o demónio apresentava-se sob a forma de Jesus, por vezes de Maria, por vezes do seu superior, por vezes do seu confessor. O Padre Pio ia ter com o superior e perguntava-lhe:

«Vieste ter comigo e disseste-me para fazer...»

«Não. Não fui ter contigo de maneira nenhuma.»

E, de facto, não era ele. Era o demónio a usar um estratagema, não raro, de se mostrar com um rosto e um corpo que não existe na realidade.

Contra o demónio, cada pessoa tem de encontrar a sua própria medida. Também os exorcistas devem descobrir, no caminho, qual das suas ações é a mais eficaz contra o Satanás. Pode haver um exorcista que ao mencionar o Padre Pio, provoca uma reação violenta na pessoa possuída, e outro exorcista que não provoca qualquer efeito ao mencioná-lo. Tens de encontrar o caminho por ti próprio.

Será o teu caminho. Lembra-te sempre do beato Leopoldo Mandic. Ele vivia em Pádua. Passava o dia todo fechado no confessionário. Muitas vezes os exorcistas chamavam-no para que os ajudasse. Ele chegava, assistia ao exorcismo em silêncio e, no fim, intervinha e dizia: «Vai, vai-te embora. Vai embora.» E o demónio, pelo contrário, desaparecia. Era essa a sua medida. Também tu tens de encontrar a tua.

Não discutir com o demónio e não aceitar argumentos. É ele que deve responder às tuas perguntas e não tu às dele. Aqueles que participam num exorcismo não devem falar com o demónio. Só os exorcistas o podem fazer, porque são os únicos protegidos.

O diabo vai ameaçar-te. Faz muitas vezes barulho no meu quarto à noite. Não tenhas medo. Se estiveres com Deus, é o demónio que tem medo de ti. O exorcismo é uma luta. É difícil. Há muita tensão. Tens de pôr muita força interior. A força tem de vir de dentro. Deves agir mais com o espírito do que com o físico.

Concentra-te. Reza. É preciso ter fé porque Deus recompensa a fé. Lembras-te do Evangelho?

«Vai, a tua fé curou-te.»

Não penses que Deus ou Nossa Senhora estão a falar contigo. Eles sugerem-te o que deves fazer. Pensa antes que eles estão contigo. E que contigo está também uma pessoa que nunca te deixará, o teu anjo da guarda.

São recordações dispersas que tenho do Padre Cândido, mas são recordações preciosas. Ele foi meu professor. É importante para um padre que começa a fazer exorcismos ter alguém com quem se encontrar, com quem falar. É importante porque se percebem muitas coisas. Percebe-se, por exemplo, que cada exorcismo é composto por seis etapas. Seis etapas a ultrapassar, cada uma com a sua dificuldade particular.

Assim que o exorcista entra na divisão onde está a pessoa possuída, uma presença começa a fazer-se sentir. Quem quer que esteja no quarto sente claramente essa presença. O que é? É algo não humano. Ou melhor, algo anti-humano. Algo que não pode ser explicado, mas que está lá. Esta é a primeira etapa, a primeira dificuldade que se encontra. O reconhecimento inelutável desta presença assustadora. Não se vê. Não se ouve. Mas está lá. Está em todo o lado. À nossa frente, atrás de nós, em cima, em baixo, ao

lado das pessoas. Envolve tudo. Não tem género, não é masculino nem feminino. Simplesmente está lá. E imediatamente começa a agir. Tenta rasgar a própria essência das pessoas presentes. Ataca na mente, no coração.

É preciso manter a calma e ter muita fé. Depois, é preciso encontrar dentro de si a energia certa para reagir, para contrariar, para fazer sentir a essa presença quem é que manda, quem é que dirige os jogos.

Quando o exorcismo começa, o demónio faz tudo o que pode para se esconder. Ele está lá, está presente, toda a gente o sente. Mas ele esconde-se. Esta é a segunda fase da batalha, a luta contra a tentativa de se esconder. Lembro-me de uma altura em que me vi a exorcizar uma pessoa com uma possessão muito enraizada. Quando comecei o exorcismo, o demónio permaneceu mudo. O rosto da mulher era de pedra. Uma estátua. O demónio estava em silêncio. Era uma forma de tentar prolongar a sua presença na pessoa possuída.

A tarefa do exorcista consiste em obrigar o demónio a revelar-se, a vir ao de cima. Em suma, dizer o nome dele ou dela. O nome é importante, porque diz muito sobre quem é o demónio com que se está a lidar. Por exemplo, se um demónio tem um nome bíblico – Satanás, Asmodeu, Belzebu, Baal, Lúcifer, ou outro – é mais forte. No inferno, existe uma hierarquia. Os demónios também são mais importantes de acordo com o nome que têm.

Por isso, o demónio esconde-se. E muitas vezes, se fala, fá-lo com a voz do possuído. Faz de conta que é a pessoa que ele possui. Fala disto e daquilo. Não entra imediatamente em fúria. E procura a compaixão do exorcista. Tenta convencê-lo de que o exorcista é mau. Que ele é bom e o exorcista é mau. Vencer a ficção, obrigar o demónio a falar, é um trabalho de semanas, por vezes de meses. Se o exorcista não conseguir fazer com que o demónio se revele, perdeu. Nesse caso, deve deixar a tarefa para outro exorcista.

À medida que a ficção se desvanece, o demónio torna-se cada vez mais violento. Esta é a terceira fase, a que muitos chamam ponto de rutura. É quando o demónio rompe com a ficção e vem ao de cima. É como um vulcão que de repente entra em erupção. Tudo sai das suas fendas, palavrões, gritos, acusações, obscenidades. O possuído contorce-se, baba-se, grita. É como se todo o ódio do mundo se manifestasse subitamente no corpo do possuído. O demónio ataca o exorcista à sua frente com todos os

meios. O ataque é flagrante, físico, mas também espiritual. Todo o exorcista é atacado, alma e corpo. Quando o demónio é forçado pelo exorcista a revelar o seu próprio nome, em nome de Cristo, atinge-se o ponto de rutura. Então o demónio fala com a sua voz habitualmente desumana, com sotaques e tons que nenhum homem jamais teve. Quando o demónio faz ouvir a sua voz, significa que se atingiu a quarta fase. Por vezes, as palavras do demónio são incompreensíveis. Outras vezes, a sua voz é apenas um uivo. Um uivo feroz. É nesse momento que o exorcista deve impor a sua autoridade. É nesse momento que ele deve tomar a iniciativa e impor o silêncio ao demónio. Em nome de Jesus e com a autoridade que lhe é conferida por Jesus e pela sua Igreja, o exorcista deve silenciar o demónio e conduzir a batalha.

Então apaga-se a voz do demónio. E chega-se à quinta fase, a do confronto. O demónio mantém-se em silêncio. O exorcista lidera os jogos. A batalha é aberta, total, totalizante. Todo o espírito do mal é lançado sobre o exorcista, que, com a arma única da confiança em Cristo, deve resistir e combater.

O exorcista não deve fugir do confronto. Pelo contrário, deve procurá-lo tanto quanto possível. Porque, no fim de contas, a vitória só surgirá se for total a derrota do demónio. O exorcista deve continuar a fazer as suas perguntas ao demónio:

«Quando te vais embora? Porque entraste? Quem és tu exatamente? O que é que queres? Porque fazes mal a esta pessoa?» Ao fim de algum tempo, o demónio cuspirá tudo. Ele responderá a tudo. A quantas mais perguntas o demónio responder, mais fraco fica e mais se aproxima o momento da expulsão.

Porque é que o diabo não quer sair? É muito simples, porque não sabe para onde ir. Basta recordar o Evangelho:

«Para onde havemos de ir?», perguntam os espíritos impuros a Jesus. «Também nós temos de ter uma morada.»

O corpo do possuído é como uma casa que o espírito impuro encontrou. Uma casa que ele não quer deixar. Mas essa casa tem de ser abandonada, mais cedo ou mais tarde, nem que seja no dia em que a pessoa possuída morre. A tentativa do exorcista é expulsá-lo antes que a pessoa possuída morra. É por isso que, ao aperceber-se de que tem de partir em breve, o demónio ataca ferozmente o exorcista. É frequente sentir-se um cheiro

nauseabundo na sala de exorcismo. Uma sensação de angústia sem fim invade tudo e todos. É como se a essência pura do mal estivesse ali presente. O mal e tudo o que é anti-humano encontram-se ali. Dois mundos se enfrentam, o mundo do bem e o mundo do mal. Dois mundos que correspondem a duas possibilidades.

Se o exorcista se agarra a Cristo, alcança o seu objetivo final, o sexto, a expulsão. De repente, a presença maléfica desaparece. Já não está presente. A paz reina. Muitas vezes, a pessoa possuída não se lembra de nada. Sente-se livre e feliz.

Nos meus 25 anos de exorcista, lutei muitas vezes contra o demónio. Por vezes era Satanás. Às vezes, era um dos seus súbditos mais ou menos importantes. Outras vezes foram vários dos seus súbditos. Há tantos exorcismos que posso contar. Lembro-me de tantos em pormenor.

Há, no entanto, um exorcismo a que ainda hoje volto repetidamente. Não é um exorcismo feito por mim. Trata-se de um incrível «frente a frente» com Satanás que um sacerdote, meu confrade, quis contar na íntegra, há anos, na nossa revista comunitária – *Horizontes*. Foi depois retomado por outras revistas, entre as quais recordo o *Sinal do Sobrenatural* e o ensaio de Renzo Allegri *Cronista all'inferno*. É um diálogo que teve lugar em Placência, em 1920, uma pérola preciosa para todos os exorcistas porque ensina muitas coisas. É um diálogo terrível, sério, mas que durou apenas o tempo de quinze sessões. Um exorcismo que teve um desfecho dramático. Uma vez expulso, de facto, o demónio voltou para se vingar, indo matar algumas pessoas próximas da pessoa possuída.

3

POR VEZES O DIABO REGRESSA, PARA MATAR

Era uma noite do início de maio de 1920. O convento de Santa Maria di Campagna, em Placência, situa-se nos arredores da cidade. É habitado por frades menores, conhecidos e estimados por todos. O convento é um lugar que reúne vários crentes, um lugar de Deus que atrai almas e conversões. Um lugar abençoado pelo céu. E por isso odiado por Satanás.

Um frade, o padre Pier Paolo Veronesi, está a arrumar a sacristia e os móveis sagrados, quando uma senhora vem pedir para ser benzida. Deseja que a bênção lhe seja dada em frente do altar de Nossa Senhora. Depois de ter recebido a bênção, a mulher pede para falar com o frade. Confessa-lhe coisas obscuras que a preocupam. O padre Pier Paolo ouve-a sem a apressar. A história é espantosa.

Diz que, em certas alturas do dia, uma força misteriosa, mais forte do que ela, se apodera do seu corpo, da sua alma e que, nessas circunstâncias, embora com relutância, dança ao ritmo do tango durante horas, até cair no chão, exausta. Ela canta, com uma bela voz, canções, romances, trechos de ópera que nunca ouviu antes. Diz que faz discursos muito longos em línguas estrangeiras perante um público imaginário. Que ela cantarola em verso sobre o seu fim iminente e o fim de todas as suas irmãs. Diz que costuma rasgar com os dentes tudo o que lhe aparece à frente. Que assim estragou toda a sua roupa interior. Explica que, em casa, rasteja como uma cobra debaixo das camas, dos móveis. Depois ruge como um leão. Uiva como um lobo. Mia como um gato. Ao mesmo tempo fala de novos dons dentro dela. Ele vê o futuro. Ela prevê o que vai acontecer. Consegue relatar

conversas em que não esteve presente e que tiveram lugar a centenas de quilómetros de distância. Consegue dar saltos acrobáticos, de uma peça de mobiliário para outra. Afirma ser diferente. Por vezes deseja coisas terríveis, como a morte. Como o suicídio.

«Acredite em mim, padre», diz a mulher ao frade, «a minha vida tornou-se um inferno. Apesar de ser mãe de dois filhos, penso na morte como uma fuga, uma libertação».

O padre Pier Paolo está habituado a certos tipos de testemunhos, mesmo os mais bizarros. É capelão do hospital de Placência há muito tempo. Já viu de tudo. Pensa imediatamente numa doença psicológica. Por isso, pergunta à mulher se já foi ao médico. A mulher explica que foi a todos os médicos que conhecia e que todos lhe disseram que ela era «um caso típico de histeria». Um caso que está a acontecer há sete anos. Mas, diz a mulher, «não acredito. Não estou nada convencida de que seja assim. Eu, padre, não sou histérica nem louca».

«E depois?»

«Depois, como já não posso esperar receber qualquer ajuda dos homens, senti a necessidade de me voltar para Deus, de me recomendar a ele. Fui a todas as igrejas da cidade para rezar, para obter uma bênção, apesar de sentir uma grande repugnância, e confesso que a bênção em particular me faz sentir melhor, pelo menos durante alguns dias. Mas já fui tantas vezes que quase não tenho coragem de ir outra vez, tenho medo de que os padres pensem que estou louca.»

O Padre Pier Paolo ficou muito interessado na história.

«Disseram-me que, nas colinas à volta de Placência, havia um pároco famoso pelas suas bênçãos. Ansiosa que ele me abençoasse, um domingo, depois do almoço, pedi emprestada uma charrete para a viagem. Na companhia do meu marido e dos meus pais, pus-me a caminho. O cavalo, um excelente trotador, percorreu a estrada durante algum tempo, mas quando, a certa altura, comecei a sentir-me mal, o cavalo parou de repente. Chicotearam-no até parar. O pobre animal, entre coices e cavalinhos, picava as pernas, esticava o pescoço, mas não se mexia. Então, quase fora de mim, saltei da charrete, libertei-me das garras da minha família e, voando a cerca de meio metro do chão, atravessei o campo e subi a colina em direção à igreja para onde tínhamos de ir. As pessoas que estavam a sair da bênção da tarde nesse momento, ao verem-me subir assim, a gritar, a gesticular, com

véus e cabelos no ar, começaram a fazer barulho. As mulheres gritavam, alguns cães ladravam, as galinhas voavam assustadas dos campos em direção a casa. Finalmente, cheguei à praça. Toda a gente abriu caminho para mim e eu voei pela porta entreaberta da igreja e caí estatelada mesmo em frente ao altar-mor, onde estava uma imagem de Santo Expedito. O pároco, seguido pela multidão, entrou a correr e, sentindo isto, benzeu-me, recuperei os sentidos e durante vários dias estive muito bem.»

O padre Pier Paolo ouve a mulher sem pestanejar. A mulher pergunta-lhe o que pensa. O homem, ainda convencido de que se trata de um caso patológico, responde vagamente:

«Claro que são fenómenos estranhos, muito estranhos.» E acrescenta: «Ouça, se a bênção lhe faz bem, venha quando quiser sem medo; se eu não estiver aqui, haverá sempre um irmão meu.»

Alguns dias depois, a mulher aparece de novo. Enquanto o padre Pier Paolo se empenha em abençoá-la diante do altar de Nossa Senhora, ela, sentada junto a uma coluna do presbitério (tinha pedido para se sentar), em silêncio, com a boca fechada, começa a uivar como um cão que se queixa durante o sono; depois, reclinando a cabeça contra a coluna, de olhos fechados, mãos no colo, subitamente rende-se ao canto, um canto muito rico, apaixonado, esplêndido. Depois de cantar, sempre na mesma posição, numa língua desconhecida, começa a injuriar algo invisível, com tal violência que parece uma louca no auge da sua fúria.

Nesse momento, um outro frade, o padre Apollinare Focaccia, sai do coro e está prestes a atravessar a igreja. Ouve os cânticos e as subsequentes e indecifráveis imprecações. E à noite, conversando com o Padre Pier Paolo, pergunta-lhe:

«Observou aquela senhora?»

«Sim, porquê?»

«Não ficou impressionado?»

«Para dizer a verdade, não. Como capelão do manicómio/asilo, já estou habituado a certas cenas.»

E, de facto, a mulher não o impressionou de todo; é verdade que estava a esbracejar, mas não se mexeu.

«Mas olhe», continuou o irmão, «aquela irmã está possuída».

«Não exageremos», responde o Padre Pier Paolo.

«Não devemos ceder tão facilmente a sugestões populares igualmente fáceis que querem ver a intervenção do demónio em tudo o que não parece facilmente explicável. É verdade que a ciência humana não pode explicar tudo, mas não devemos desprezar os nossos poderes de raciocínio. O que a ciência não conseguiu explicar hoje, conseguirá explicar amanhã.»

O Padre Apollinare não se deixa convencer:

«Sejamos sinceros. Não quero parecer ingénuo, mas confesso-lhe que não consigo explicar, em termos puramente humanos, a capacidade de uma mulher se comportar de modo tão fora do comum. Como é que uma pessoa pode falar uma língua desconhecida? Não se pode sequer tentar avançar uma explicação que se baseie no subconsciente ou numa estrutura psicológica excecional. A mente humana não pode exprimir em termos de lógica aquilo que não aprendeu. Não se trata de uma intuição não expressa, não se trata de uma sugestão incompreensível: é um mundo lógico novo, misterioso porque é desconhecido tanto para nós como para a senhora. Exatamente, é um novo mundo que se substitui ao atual.»

«Padre Apollinare, venha comigo uma vez ao manicómio/asilo. Poderei mostrar-lhe muitos casos interessantíssimos que a ciência ainda não compreende.»

«Irei e tentarei observar o melhor que puder. Diga-me, já alguma vez observou um caso que se assemelhasse minimamente a este?»

«Francamente, não».

«Poder-se-ia admitir, pelo menos hipoteticamente, sem ofender a ciência, a possibilidade de uma intervenção diabólica. A senhora é uma pessoa normal, só que por vezes perde a consciência de si própria e assume uma personalidade diferente da sua, uma nova personalidade que se apodera do seu corpo e o utiliza como um instrumento dócil. Ouviu como ela cantava? Nem mesmo a mais famosa soprano do nosso século consegue cantar como ela. E depois aqueles estranhos insultos proferidos numa língua tão bizarra. Não, padre, isto é algo que nos deve fazer pensar. Para mim, aquela senhora está possuída. É um caso excecional. São Pedro diz que os demónios foram presos “com as cadeias do inferno para serem atormentados e guardados para o dia do julgamento”. Portanto, o seu lugar é certamente o inferno. Mas São Paulo, na Epístola aos Efésios, diz que eles estão no ar. O próprio Jesus diz uma vez, segundo o relato de Mateus, que a sua morada é no inferno e outra vez diz, segundo o relato de Lucas, que é no deserto. Tudo

nos leva a crer na possibilidade de uma presença diabólica. Afinal de contas, a possessão é um fenómeno generalizado. E, para o garantir, só nos resta ler o Evangelho. Além disso, o exorcismo foi utilizado contra a possessão desde os primeiros tempos do cristianismo.

Os exorcistas constituíam uma ordem especial da Igreja. A atividade demoníaca era muito viva no mundo pagão (e os nossos missionários dizem o mesmo do mundo pagão de hoje), pelo que o exorcismo tinha lugar sobretudo por ocasião do batismo. Mas mesmo os já batizados eram exorcizados se fossem suspeitos de possessão diabólica. É verdade que não se deve exagerar, S. Tomás adverte-nos claramente para esse facto. Mas, também é verdade que esquecemos com demasiada facilidade que Satanás é o príncipe deste mundo, que Satanás tentou Jesus e que, precisamente quando é expulso do novo reino da graça, tenta com o maior esforço possível manter o seu domínio. Como é que isso pode de facto acontecer é um mistério. Não é certamente possível negá-lo. Mas também nos é absolutamente impossível negar certas possibilidades de império que o demónio tem sobre a natureza, seja ela física ou humana. E aqui todos os evangelistas, incluindo São Paulo, nos advertem para isso com toda a clareza.»

O Padre Pier Paolo está atento às palavras do seu irmão. Responde:

«É tudo verdade, caro padre, mas eu não discuto o princípio, discuto apenas o facto, questionando se esta senhora está mesmo possuída pelo demónio.»

O Padre Apollinare não desiste. Insiste, de tal modo que, na manhã seguinte, o Padre Pier Paolo, mordido pelas dúvidas, apresenta-se ao bispo da diocese. Quer fazer silenciar o escrúpulo de consciência que as palavras do confrade despertaram nele. Monsenhor Giovanni Maria Pellizzari é uma pessoa profundamente amorosa e gentil, mas também decidida como sempre. Depois de ter ouvido o caso em pormenor, e após uma séria reflexão, diz sem preâmbulos:

«Caro Padre, faça um exorcismo a esta pessoa. É uma ordem. O Padre Pier Paolo não estava à espera de tal resposta.»

Ele estremece como se um carro em excesso de velocidade o tivesse atropelado. Pergunta: «Excelência, isto é mesmo necessário?»

«Sim.»

«E devo mesmo fazê-lo?»

«Sim.»

«Não podia encarregar outra pessoa?»

«Ou você ou o Monsenhor Mosconi, mas seria melhor você, que já conhece a pessoa.»

«Perdoe-me, Excelência. Se bem me lembro, ouvi dizer que o demónio, nos exorcismos, se insurge contra o padre, inventando histórias sobre ele que são tudo menos agradáveis. E se a mulher estiver mesmo possuída...»

«Mas quem quer que acredite nas palavras do diabo? Não sabe que o demónio é o pai da mentira?»

«Sei isso em teoria. Mas, na prática, será que aqueles que me vão ajudar acreditam mesmo que o diabo só diz mentiras?»

«Faça o exorcismo», repete o bispo, num tom de voz que não admite resposta. E levanta-se para se despedir.

O Padre Pier Paolo saiu do episcopado num estado de espírito bastante difícil. Pensa: «E se o demónio se revelar realmente? O que é que vai acontecer? Confessará a toda a gente os meus pecados? E inventará os dos outros?»

O Padre Pier Paolo tem medo. Medo de falar com o diabo, de o ver em ação. De ser confrontado por ele. Não quer acreditar na existência do demónio porque tem medo do demónio. É um bom monge. Acredita que é um grande pecador. E isso fá-lo sempre temer. Pensa:

«E se a mulher estiver simplesmente histérica? E se, depois de a ter atormentado com o exorcismo, ela se tornar ainda mais histérica, mais louca do que antes? Quais serão as consequências?»

Já está prestes a voltar ao bispo para o convencer de todas as suas dúvidas, quando algo dentro dele lhe diz para não o fazer. Uma voz fala com ele e diz-lhe:

«Não tenhas medo. Faz o que te foi pedido. Não tenhas medo.»

Então o Padre Pier Paolo decide-se. Convoca algumas pessoas de confiança e pede-lhes que assistam ao exorcismo. Entre elas estava o Dr. Lupi, o diretor do hospital, que toda Placência conhece e estima. Encontra-o no seu gabinete.

«Doutor, tenho um bom caso.»

Em poucos minutos, põe-no ao corrente da situação. Diz o médico: «Este é um caso muito bom. Terei todo o gosto em assistir às sessões. Mas com uma condição: que, quando o exorcismo terminar, o padre mantenha as suas

opiniões e eu as minhas. A não ser que os factos sejam tão óbvios que nos levem a ambos à mesma conclusão.»

O Padre Pier Paolo não se limita a convidar algumas pessoas. Faz mais. Pede a um irmão, o padre Giustino, que sabe taquigrafia muito bem, que escreva num papel o desenrolar do diálogo. É a primeira vez que se regista um exorcismo. Um facto único e inacreditável, pelo menos para aquela época. Mas, o facto, também se revela único pela forma como o exorcismo se desenrola. Um exorcismo de uma violência sem precedentes, de certa forma único.

Às 14 horas do dia 21 de maio de 1920, realiza-se o primeiro exorcismo. A mulher pálida e elegante chega acompanhada do marido, da mãe, de um amigo da família e de duas raparigas. São recebidos pelo padre Pier Paolo, pelo padre Giustino e pelo Doutor Lupi. A sala utilizada para o exorcismo fica no primeiro andar do santuário. É uma sala bonita, espaçosa, com grandes janelas muito expostas ao sol. Ao fundo da sala há um pequeno altar portátil, sobre o qual está exposto, entre duas velas, o relicário do Santo Lenho da Cruz. Duas cadeiras estão colocadas em frente do altar, para servirem de genuflexório para o exorcista e para o seu assistente, durante as orações preparatórias. Um pouco mais atrás, uma cadeira de vime para a senhora e, dos lados, em semicírculo, outras cadeiras para os assistentes e as testemunhas. À direita do altar, a cadeira para o médico, à esquerda, a secretária do estenógrafo e uma pequena mesa com a estola, a sobrepeliz, o ritual romano, o aspersório e o balde de água benta.

A senhora está sentada. Ao seu lado estão os assistentes, prontos para qualquer acontecimento; as senhoras ocupam as cadeiras em semicírculo. Os dois padres, ajoelhados diante do pequeno altar, começam a recitar a ladainha dos santos; depois, como manda o ritual, voltam-se para a mulher e começam a recitar as orações preparatórias.

«*Exorcizo te, immundissime spiritus, omne phantasma, omnis legio*» diz o padre Pier Paolo. E imediatamente a mulher, que até então estava sentada, bocejando e esticando os braços como se fosse um animal prestes a acordar, de repente, juntando as mãos na ponta dos pés, salta com admirável elegância para o ar e depois desce, desenrolando-se como uma serpente, para o meio da sala, ficando deitada. O corpo da mulher está totalmente transformado. O seu rosto é horrível. Imediatamente, tenta atirar-se ao exorcista, gritando-lhe com uma voz masculina e trovejante:

«Quem és tu, que te atreves a vir lutar comigo? Não sabes que sou *Isabò*, que tenho asas compridas e punhos fortes?» E lança um monte de insultos contra o padre.

O exorcista, tomado pela emoção, sente-se inicialmente aniquilado, mas depois uma nova força invade-o e ele sente-se forte, com um espírito de luta que não consegue explicar humanamente. Ele ordena à mulher que se cale.

«Eu, sacerdote de Cristo, ordeno-te, quem quer que sejas, e ordeno-te por causa dos mistérios da encarnação, paixão e ressurreição de Jesus Cristo, da sua ascensão ao céu e da sua vinda no Juízo Final, que estejas quieto, que não prejudiques esta criatura de Deus, nem os que a rodeiam, nem as suas coisas, e que obedeças em tudo ao que te ordeno.»

É nesse momento que começa um diálogo muito duro entre o demónio e o exorcista. Um diálogo que nos deixa sem fôlego.

«Em nome de Deus, diz-me, quem és tu?»

«*Isabò*», grita a mulher, com a cara vermelha e os olhos muito abertos.

«O que significa *Isabò*?»

«Tens inimigos que...»

«O que significa *Isabò*?»

A mulher tenta desviar a discussão, mas a pergunta do exorcista é perentória.

«O que significa *Isabò*?»

A mulher morde os braços e as mãos. Tenta agarrar a veste do exorcista. Grita: «Significa ser tão bem faturado que já não se pode afastar.»

O termo «faturação» é uma referência à arte da feitiçaria.

«Que poder é que tens?»

«O poder que eles me dão.»

«Que poder é que eles te dão?»

«Tantas forças».

«De quem recebes essas forças?»

«Da pessoa que me pode evitar.»

«Que italiano é este?»

A mulher treme de indignação.

«Não sou italiano», grita sarcasticamente. E sai numa tempestade de insultos que se repetiria muitas vezes.

O padre continua sem se deixar intimidar.

«De onde és?»

«Mas tu mandas em mim como se eu fosse teu servo.»

«Diz-me de onde vens. Em nome de Deus, esse Deus que bem conheces, diz-me de onde vens.»

A mulher, ao ouvir o nome de Deus, vira o rosto e fica imóvel durante alguns segundos.

«Em nome de Deus, pelo seu sangue, pela sua morte, diz-me de onde vens.»

«De desertos distantes.»

«Estás sozinho ou tens companheiros?»

«Eu tenho camaradas.»

«Quantos?»

«Sete.»

«Porque entraste neste corpo?»

«Por um forte amor não correspondido.»

«Não correspondido por quem?»

«És um imbecil».

«Responde! Quem não retribuiu esse amor?»

«Este corpo», grita a mulher, dando um murro forte no peito.

«E porque é que ele não te correspondeu?» Orgulhosa, desdenhosa e altaneira é a resposta da mulher.

«Porque não é certo.»

«Então este corpo é a vossa vítima.»

As palavras do padre são sublinhadas por uma gargalhada horrível. A mulher ri-se, mas desta vez com a boca fechada, e assumindo um focinho de porco, cuja visão congela toda a gente num arrepio de medo.

«Quando é que entraste neste corpo?»

Compelida pelo exorcismo, no meio de violentos empurrões que distendem os músculos dos assistentes que, de alguma forma, tentam segurá-la, a mulher responde.

«Em 1913, no dia 23 de abril, às 17 horas da tarde.»

Segundo o depoimento da mulher, um espírito estranho entrou no seu corpo através de um feitiço de um bruxo, por um copo de vinho, um pouco de salame e algumas gotas de sangue.

«Invadiste apenas este corpo ou também os membros da família?»

«Também os membros da família.»

«Dá-me uma prova.»

«Quando este corpo está doente, a família também está doente.»

«Quanto tempo demoraste a entrar neste corpo?» «Sete dias.»

«Onde é que isso aconteceu?»

«Numa casa aqui.»

«Qual delas?»

«Não perguntes», grita a mulher alarmada, «não podes».

«Então, vai-te embora!»

«Não, nunca.»

O Padre Pier Paolo renova o exorcismo.

«Ordeno-te que saias.»

«Não saio. Sou Isabò.»

E, num acesso de revolta, atirou-se ao padre, agarrou-lhe a túnica e arrancou-lhe a estola, gritando: «Demoraram sete dias a meter-me cá dentro e tu queres tirar-me deste corpo com um exorcismo?»

O momento é crítico. Todos tentam manter a mulher imóvel. Só o médico permanece imóvel, impassível. O padre abençoa a mulher com água benta e ela, como se tivesse sido escaldada por fogo vivo, atira-se para o chão, contorcendo-se.

«Quando é que vais sair?»

Uma expressão de profunda tristeza muda o rosto da mulher.

«Como hei de fazer isso se, enquanto vocês trabalham para que eu parta, outros trabalham para que eu fique?»

«Responda, em nome de Deus, quando é que te vais embora?»

«Vou quando tiver rejeitado a bola que tenho no ventre.»

De que se trata? A bola de salame com a qual foi feita a maldição. Prepara-se uma bacia.

«Vomita!»

A mulher, com um salto formidável, está em cima da bacia e vomita qualquer coisa.

«Diz-me, espírito impuro, as palavras que mais te fazem sofrer.»

O padre quer obrigar a mulher a expelir todas as coisas más. A mulher obcecada vira-se para o exorcista com terror e não responde. Mas quando a pergunta lhe é repetida, com uma explosão inexprimível de medo e revolta, ela grita:

«Não!»

Está decidida a lutar e fá-lo com afinco, até que, após um momento de incerteza e de medo profundo, acaba por perscrutar o silêncio da sala:

«*Sanctus! Sanctus! Sanctus!*»

O exorcismo já dura há muitas horas. A mulher está exausta. Depois de ter dado instruções ao espírito para não fazer mal a ninguém, o padre põe fim ao exorcismo.

É noite.

O padre Pier Paolo já não tem qualquer razão para duvidar. A sua própria aparência mostra-o claramente. Está perturbado. Está relaxado em todos os músculos do corpo, mas contraído nos músculos do rosto. Tem pouca vontade de falar. No entanto, diz:

«É inimaginável como o espírito do mal pode resistir às armas da salvação e às ordens do padre.»

Quantas vezes Satanás resistiu às minhas ordens! Cristo é mais forte do que ele, mas muitas vezes ele consegue resistir-lhe. Porque Satanás, embora sujeito a Cristo, continua a ser uma figura poderosa, dramaticamente poderosa. Experimentei tantas vezes o seu poder, o seu rancor, a sua dureza, o seu enraizamento no coração dos homens. Há muitos sinais de que uma possessão é particularmente poderosa e está enraizada. Um deles é quando o demónio permanece em silêncio durante muito tempo. Quanto mais tempo fica em silêncio, mais enraizado está no corpo que possui.

Simone é um rapaz de 18 anos. Veio ter comigo um dia com o pai. Está sempre deprimido. Os médicos não o conseguem ajudar. Desconfio do diagnóstico do pai, segundo o qual o filho está possuído por algo maléfico. Observando-o, penso que se trata apenas de uma depressão. Mas, como sabem, não tenho, como o padre Cândido, o dom de saber de imediato se uma pessoa está possuída ou não. Para o perceber, tenho de o exorcizar.

O pai diz-me:

«Simone está sempre calado. Todo o dia. Ele nunca fala».

«Há quanto tempo é que ele faz isto?»

«Há um ano. De repente, um dia, deixou de falar.»

«O que é que os médicos dizem?»

«Os médicos dizem que ele tem uma depressão profunda. Enchem-no de medicamentos, mas ele nunca mostrou sinais de melhoria.»

Aproximo-me de Simone. Faço-o sentar-se numa cadeira no meio da sala. Peço ao pai dele para se afastar. Coloco a estola. Pego na água benta, no ritual, no óleo sagrado e começo o exorcismo.

Simone mantém a cabeça baixa. Não reage.

Mantém-se em silêncio. Nem sequer olha para mim. Continuo o exorcismo durante pelo menos meia hora. Nada.

Sem reação.

Eu digo ao pai: «Na minha opinião, o seu filho não está possuído. Mas se quiser, pode voltar na próxima semana. Vamos tentar fazer o exorcismo uma segunda vez. E depois avaliamos.»

Na semana seguinte, regressaram os dois.

Faço-os sentar e continuo de onde tínhamos parado. Começo o meu exorcismo. Tento usar as palavras latinas mais duras. Marco-o várias vezes na testa. Borrifo-o com água benta. Nada. Silêncio total. Estou prestes a despedir os dois, quando da boca de Simone sai um murmúrio fino, quase impercetível, pronunciado em voz baixa mas infinita.

Eu fico em silêncio. O pai também fica em silêncio. Os murmúrios duram talvez cinco minutos.

Simone murmura sem nunca respirar. «Mmmmmm...»

«Quem és tu?», pergunto em voz alta. «Responde, quem és tu?»

Simone não diz nada, mas continua a murmurar. Por isso, faço-lhe mais perguntas.

«Fala, em nome de Jesus Cristo! Fala e diz-me quem és!»

Pouco tempo depois, Simone levanta a cabeça. Os seus olhos penetram-me.

Sinto o seu mal a vir sobre mim. Sinto que o seu mal é algo vivo, que se insinua em mim. Mas eu mantenho-me firme nos meus pés. Oponho-me à sua força com a força do crucifixo.

«Sou eu que mando, espírito imundo. Fala comigo. Quem és tu?»

Mas Simone já baixou a cabeça. Para de murmurar e volta a ficar como antes. Silencioso e distantemente melancólico.

Acabo o exorcismo e digo-lhes para virem ter comigo todas as semanas.

Durante cinco anos, Simone só murmura. Longos murmúrios intercalados com alguns olhares de ódio intenso dirigidos a mim.

É, de facto, uma das possessões mais difíceis com que tive de me debater, não só porque o diabo nunca falou, mas também pelo seu olhar. Cada olhar dele era uma punhalada na minha alma. O exorcista, de facto, nem sempre sai ileso do exorcismo. A batalha, como todas as batalhas, causa feridas. Simone causou-me muitas. Invisíveis mas reais.

Nunca compreenderei porque é que Simone foi possuído, porque é que a possessão começou. Tudo o que sei é que, depois de longos e duros exorcismos em que o seu demónio não fazia mais do que resmungar, um dia Simone conseguiu libertar-se. Inexplicavelmente, o demónio desapareceu.

Apesar do facto de o diabo nunca falar, foi muito difícil para mim. Lutar contra um demónio que se mantém em silêncio, apesar das ordens repetidas, é difícil. Isso significa que se trata de uma presença forte e bem enraizada.

O demónio que possuiu Simone lembra-me muito, em termos de dureza e pela profundidade de enraizamento no corpo, o de Placência em 1920. Também lá a luta foi longa, muito dura e amarga.

O padre Pier Paolo, de cabeça baixa, vai para a sua cela para tentar descansar. O padre Justino parece um pouco mais fresco. E é compreensível, o maior cansaço do exorcismo recaiu sobre o seu confrade. Faz um breve relato do que se passou aos outros irmãos. Depois diz:

«Se quereis uma ilustração do nosso caso, ide reler Santo Agostinho. Agostinho diz que, depois do pecado original, a primeira pena incorrida foi a morte. A morte moral para a vida da graça e a morte física. Ora, a morte dá ao demónio uma espécie de propriedade sobre nós. Ele tem pleno direito a ela, e a entrega da humanidade decaída aos seus poderes impuros aconteceu no pleno exercício da justiça.

Por causa do pecado, Deus foi expulso do coração humano? Bem, ele retirou-se dele, e o diabo assumiu o comando. O demónio pode fazer o que quiser com a natureza decaída, dentro dos limites permitidos pela ordem divina. Isso explica a enorme quantidade de possessões e obsessões que ainda existem no mundo pagão. O próprio Jesus encontrou no seu caminho um número notável de possessos. Jesus veio para lutar e erradicar do mundo o reino do demónio.

Deus fez-se homem para vencer Satanás. Um dos resultados desta primeira e decisiva batalha foi a que o padre Pier Paolo teve de travar esta tarde contra o espírito da mulher possuída. Por um novo mistério de iniquidade e porque o Senhor o concedeu, um feitiço permitiu que o

maligno se apoderasse da pobre mulher. Não podemos julgar os desígnios de Deus, nem sequer tentar saber porque é que Deus permitiu este caso de possessão. O facto é que o demónio parece ter-se apoderado daquele corpo com alegria, com luxúria, como que para reclamar o seu direito ancestral, arrebatando-o das mãos de Cristo e da Igreja. É uma força enorme, assustadora, que conseguiu apoderar-se de um corpo consagrado pelo batismo e pelos sacramentos. Deus sabe o que faz e o que permite. Tudo está ao serviço dos fins da providência divina. Ele permite o mal para dele tirar o bem. E isto deve ser repetido especialmente no que diz respeito ao nosso caso. Mas Satanás não é uma força passiva e maciça, mas inerte. Pelo contrário, é uma força assustadoramente ativa. O Padre Pier Paolo vencerá, e dessa vitória virá um grande bem, quanto mais não seja pelo imenso significado de advertência que o episódio terá aos olhos do povo: mas terá de lutar muito.

Jesus foi o primeiro a lutar contra a tentação e o poder do demónio: o padre Pier Paolo também lutará. E tal como Jesus venceu, o padre Pier Paolo também vencerá. Mas veremos coisas boas.»

Será que o padre Pier Paolo vai mesmo ganhar?

Depende do que se entende por vitória.

O segundo exorcismo teve lugar na tarde de 23 de maio. Participaram todos os que já tinham assistido ao primeiro exorcismo, com exceção da mãe da senhora, que tinha ficado aterrorizada com o que tinha visto, e não queria voltar a testemunhar aquele tormento. Depois das orações rituais de preparação, as preces recomeçaram. Mas o espírito, sempre altivo, recusa-se a sair, porque, diz ele, outros estão a trabalhar para que ele fique. Esses outros são os feiticeiros que o tinham deixado entrar no corpo da senhora.

Seguiram-se outros exorcismos nos dias seguintes, lentos e terríveis. No quarto, na tarde de 1 de junho, o exorcista quer esclarecer a questão das plantas. Diz:

«No outro dia falaste-me de três plantas. Onde é que elas estão?»

«Não sou eu que tenho de te ensinar estas coisas.»

«Em nome de Deus, diz-me onde elas estão.»

A mulher fica um pouco na dúvida, como se estivesse a enfrentar um forte escrúpulo de consciência; depois diz resolutamente:

«Uma no jardim de..., outra no fundo do Pó, a terceira numa horta perto da casa de...».

«Com que é que estão presas?»

«Com um fio de lã branca.»

«Quem as amarrou?»

«A primeira foi quem pediu a maldição. A segunda, um feiticeiro. A terceira, a que está no fundo do Pó, estes braços.»

«Quando é que a vão desatar?»

«Duas já estão desatadas.»

«Quando é que a terceira será desatada?»

«Enquanto existir o depósito (ou seja, a bola nunca
digerida pela possuída), a planta não se desamarra.»

«E quando é que sai o depósito?»

«Quando quiseres.»

«Eu quero-o agora. Levanta-te e deita-o fora.»

Depois de alguma insistência, a mulher possuída obedece e vomita algo em espasmos excruciantes. O exorcismo é então suspenso por algum tempo. Aproveitando a breve interrupção, o padre Pier Paolo pergunta à possuída se alguma vez na vida ela tinha amarrado plantas.

«Sim, eu amarrei uma.»

«Onde?»

«No fundo do Pó».

«Com que é que a amarrou?»

«Com um fio de lã branca.»

«E por que razão?»

«Porque me garantiram que, com aquele fio, eu ligaria o meu mal à planta.»

«E fez isso?»

«Longe disso. Assim que amarrei a planta, não me consegui separar. Depois disso, fiquei cada vez pior. Mas porquê todas estas perguntas?»

«Porque durante o exorcismo falou sobre essa planta.»

«Fiz mal em amarrá-la?»

«É claro que é sempre uma superstição. Sabia que, enquanto a senhora amarrava uma planta no fundo do Pó, outros amarravam duas outras plantas algures?»

«Não».

No oitavo exorcismo, o padre Pier Paolo perguntou ao diabo: «Os feiticeiros existem mesmo?»

«Sim.»
«O que é que eles fazem?»
«São pessoas capazes de fazer mal aos outros.»
«Eles têm poder sobre ti?»
«Sim.»
«Eles têm comunicação direta consigo?»
«Sim.»
«Quem deu a esta criatura o material maligno?»
«N.N. (o diretor).»
«Onde é que lha deu?»
«Na sua casa em Placência.»
«Quem é que trouxe as coisas?»
«Uma mulher.»

Era uma velhinha, que o diabo descreveu na perfeição. Apresentou-se com um vestido preto e um xaile.

«Antes de seres atirado para este corpo, onde estavas?»

«Numa bolsa.»

Uma resposta extravagante, apesar de existir uma tradição muito viva na Idade Média chamada «o diabo no saco».

«Onde estavas antes de entrares na bolsa?»

«Num deserto.»

«O que estavas a fazer lá?»

«Costumávamos ir atrás dos cavalos.»

«Atrás dos cavalos?»

«Sim, no deserto, junto ao quarto autocarro.»

Isto é cada vez mais incompreensível. De facto, é verdade que os espectadores não são obrigados a acreditar em tudo o que o espírito diz, mas também é verdade que esta história complicada da bolsa, do deserto e dos cavalos desperta uma curiosidade viva em toda a gente, mesmo que seja difícil de compreender. Por isso, o Padre Pier Paolo quer, na medida do possível, certificar-se da realidade das coisas. Suspende o interrogatório e, no breve intervalo, assim que a possuída recupera a plena consciência de si, pergunta-lhe:

«Alguma vez usou uma bolsa ao pescoço?»

A senhora hesita por um momento e depois responde:

«Sim, uma vez.»

«De quem é que ele a recebeu?»

«De N.N. (o primeiro feiticeiro).»

«Mas conhece o N.N.?»

«Sim, já estive com ele muitas vezes.»

«Desculpe, para fazer o quê?»

A senhora corou um pouco. «Para me curar.»

«N.N. é um médico?»

«Dizem que ele é um santo, que curou muitos doentes.»

«E também a curou?»

«Não. Mas ele garantiu-me que, se eu mantivesse a bolsa ao pescoço, recuperaria em pouco tempo. Em vez disso, fui ficando cada vez pior.»

«Durante quanto tempo manteve a bolsa ao pescoço?»

«Durante pouco tempo. Da aldeia de N.N. para a minha casa, porque onde tocava, produzia uma sensação de ardor muito forte e paralisava a parte que tinha tocado. O meu marido queria muito que eu ficasse com ela, que tentasse resistir, mas a certa altura, não aguentando mais, peguei nela e deitei-a fora.»

«Antes de a deitar fora, olhou para o que estava lá dentro?»

«Sim, não havia nada. Pensei que encontraria alguma imagem sagrada, alguma relíquia de um santo, mas não havia nada, penso eu, a não ser um pequeno papel.»

No recomeço do exorcismo, a possuída permanece relativamente calma, mas quando as orações chegam ao *Sanctus*, ela salta para o ar de uma forma indescritível, ameaçando o exorcista com gritos tremendos.

O padre Justino abandona a sua tarefa de estenógrafo para tentar atar as mãos da mulher, mas não consegue. Uma luz aterradora de ódio sai dos olhos da mulher possuída.

No exorcismo seguinte, a 3 de junho, o espírito mostra-se tão animado e abusivo como da outra vez. Quanto mais perde terreno, mais se vinga, insultando o padre.

«Deita fora» impõe-lhe.

«Não posso», respondeu o espírito.

«Em nome de Deus.»

«Não posso, seu imbecil.»

«Em nome de Deus», insiste o exorcista.

Então o demónio obedece.

«O que é que vomitaste?»

«O lodo com muitos fios.»

Erguendo os olhos para o padre, a possuída fica muito triste.

«Em breve expelirei tudo.»

«Deita fora!»

A possuída ainda está ao pé da bacia.

«O que é que vomitaste?»

«Fizeste-me vomitar a maior parte do depósito.»

«Porque não vomitaste tudo, porquê?»

«Porque não posso.»

«É esta a verdade?»

«Sim.»

«Impostor! Porque me disseste no outro dia que tinhas vomitado tudo? És um impostor que diz uma coisa e dá a entender outra.»

Perante este insulto, a mulher salta para cima do padre, mas os assistentes, já habituados a este tipo de disparos, atacam-na imediatamente. Começa uma luta furiosa. O Padre Justino apressa-se a ajudar os assistentes. Ao passar pelo exorcista, aconselha-o a dizer alguma coisa. Então, a mulher dispara violentamente, apesar de estar literalmente a ser pressionada pelo peso dos assistentes, e grita:

«Larguem-me, quero dar um pontapé àquele.»

Ela ficou assustadoramente furiosa. Está a espumar pela boca. O padre Justino e os assistentes esforçam-se por segurá-la e quase lhes escapa das mãos. Depois, também as mulheres acorrem para a ajudar. Um monte de corpos está sobre a possuída, mas ela ainda consegue debater-se e libertar-se. Nessa altura, o padre Pier Paolo interrompe o exorcismo, para não cansar completamente a pobre mulher.

As coisas também se passam porque, segundo o diabo, os outros sete demónios lutam para não deixar o corpo. De facto, ele refere que um dos feiticeiros enterrou quatro ovos no chão e colocou sobre eles uma pedra com palavras misteriosas que significam: «Não serás livre enquanto não vieres ter comigo.»

Os dias passam. Novos exorcismos acontecem. A mulher não se liberta, mas começa a sentir-se visivelmente melhor. O exorcista compreende que, para além de *Isabò*, há dois demónios no corpo da mulher possuída que são mais difíceis de derrotar, Maristafa e Erzelaide. Mas há ainda várias outras forças em jogo, algumas expulsas e outras ainda simpatizantes de *Isabò*. A luta ainda será longa. Muito longa. Nos sete anos em que esteve possuída, a mulher assumiu, nas suas várias transformações, uma voz masculina mas afetuosa, trémula e amiga. Uma voz que diz vir da alma santa do avô, que dá excelentes conselhos, que postos em prática, acalmam imediatamente, pelo menos por momentos, as fúrias da pobre doente. Toda a família tem uma grande veneração pelo avô e a sua voz, apesar da estranheza do caso, é um símbolo de proteção e serenidade.

«Foi o avô que o disse!» Isto bastava para que todos acreditassem e se tranquilizassem.

Um dia a mãe da mulher disse ao Padre Pier Paolo, «ai, se no meio de tantos demónios e tantos diabos não houvesse a alma santa do avô para aconselhar sempre o melhor».

O Padre Pier Paolo quer resolver este assunto. Durante um exorcismo, diz ao espírito:

«Disseste que não estás sozinho, que tens vários companheiros. Pois bem, entre os teus companheiros deve haver uma alma bela, uma alma santa, a alma do avô desta senhora. Dá coragem à senhora, exorta-a a suportar os seus males com paciência, a confiar em Deus, a entregar-se a Ele.»

A mulher ouve, com ar de quem está a ouvir.

«Tu conheces esta alma?»

A possuída continua muda. O padre Pier Paolo perde a paciência:

«Impostor. Tu és o avô, seu enganador imundo, tu, disfarçado, maquilhado.»

A mulher olha espantada para o padre, fixa-se nos seus olhos, quase hesitante por um momento; depois, solta uma gargalhada alta, ensandecida, que faz estremecer toda a gente. O padre Pier Paolo apercebe-se de que esta é a última resposta que a “santa alma do avô” dará. A voz do avô não é senão a voz do demónio.

Os exorcismos sucedem-se. O espírito é sempre altivo, mas não tão confiante como das primeiras vezes. Nos momentos mais críticos, o exorcista brandia o relicário do Santo Lenho da Cruz. Quando o duelo entre o padre e o demónio atinge momentos de particular intensidade, ocorrem cenas assustadoras. Quando a fúria do espírito é particularmente intensa, o corpo da senhora desaba sobre si mesmo, como se fosse um saco vazio, e, de repente, um corpo vivo parece saltar para dentro dele e continua a saltar sem descanso, desesperadamente. Mas o ódio ao espírito depara-se sempre com barreiras intransponíveis.

«O que é que temos de fazer para te tirar daqui mais cedo?», pergunta o Padre Pier Paolo ao demónio.

No silêncio profundo do quarto, o espírito, com calma, com solenidade, responde: «Orar.»

Durante o nono exorcismo, o padre pergunta:

«Onde estão os teus companheiros?» Refere-se aos outros espíritos que *Isabò* tinha confessado terem saído do corpo da mulher após as súplicas do exorcista.

«Não sei.»

«Há algum neste quarto?»

«Sim, dois».

«Muito bem, eu expulso-os».

«Então, expulsa-os. O que é que isso me interessa?»

«Eu expulso-os no deserto. Percebes?»

«E expulsa-os no deserto.»

É evidente que ele nutre uma certa indiferença, ou mesmo um desprezo total pelos seus companheiros.

Noutra ocasião, o Padre Pier Paolo repete a insinuação: «Vai-te embora.»

«Pensas que me podes tratar como um cão, mas estás enganado.»

O diabo é cheio de orgulho. Muitas vezes consegue fazer-se passar por ele próprio. Diz: «Se tens medo, vai para a cama.» Insiste muito no medo e, claro, tem um bom jogo.

Durante o décimo exorcismo, *Isabò* exclama, triunfante: «Sabes? Apoderei-me de Y.»

«Não acredito em ti, dá-me uma prova.»

«Dou, mas não como pretendes.»

«Dá um sinal visível a mim e aos que me rodeiam.»

«Nada de espectadores: só a ti darei um sinal.»

«Que sinal?»

«À noite, verás uma sombra ao pé da cama. Verás a minha forma.»

«Vai para o inferno. Não quero esse sinal.» O espírito ri-se ironicamente.

«Então o que é que queres?»

«Dá-me um sinal.»

«Não posso dar um sinal sem causar dor.»

«Dá-me um sinal.»

A esta última imposição, o corpo da possuída vai inchando lentamente, o seu rosto ilumina-se com uma cor vermelha coriácea, depois, com um esforço enorme, a boca abre-se-lhe e emite um som alto, penetrante, semelhante ao de uma sereia.

«É este o sinal?», pergunta o frade.

«Sim.»

«Que sinal é este?»

«O assobio de uma sereia.»

«Isso não é suficiente para mim. Quero um sinal mais claro.»

«Vou deixar-te ouvir uma voz.»

«Que voz?»

«Uma voz.»

E começa a cantar com uma voz tão estridente que chega a rasgar os ouvidos.

«Para e dá-me um sinal mais evidente.»

«Então aparecerei à noite ao pé da tua cama.»

«Calados!», grita o exorcista e, por sugestão do Padre Justino, vira-se para as mulheres e diz:

«Ordeno ao espírito que apareça aqui. Têm coragem?»

«Sim», responderam as mulheres.

Depois, o padre vira-se para o possuído e continua:

«Queres aparecer-me à noite, e eu exijo que te apresentes aqui, na presença de todos. Vamos!»

Na tensão nervosa da antecipação, pôs-se em sentido e segurou firmemente o cabo do aspersório.

Com a água benta, quer traçar uma linha de defesa intransponível contra eventuais veleidades do demónio. É um momento dramático.

«Revela-te aqui», repete o padre no silêncio da sala.

«Revela-te aqui», diz ele uma terceira vez.

Finalmente, o espírito, humilhado e com uma voz opaca, responde:

«Não me é permitido.»

E um tremor óbvio desmascara o seu orgulho despedaçado.

Noutras ocasiões, o demónio tem de enfrentar imposições mais fortes do que a sua vontade. Como quando o padre lhe pergunta:

«Que se deve fazer para afastar o mal?»

O demónio rebela-se com força em várias ocasiões, mas depois é obrigado a responder:

«Ter uma cruz abençoada ao peito.»

Os exorcismos enfraquecem cada vez mais o poder do demónio. Por vezes, o espírito parece lutar para encontrar as palavras para responder, e no esforço expressivo parece gaguejar. Então, da boca contraída e também das narinas dilatadas ouvem-se estalidos secos, semelhantes ao ruído de pedras quando uma roda de carro as pressiona e as faz saltar. Mas ele tenta sempre esconder a fraqueza com um tom de rudeza.

«Se queres que eu saia», diz ele no décimo exorcismo, «vai chamar aquele teu companheiro que não acredita».

«Ele não acredita em quê? Na tua existência?»

«Não, ele não acredita que eu esteja neste corpo.»

E tinha razão. Um irmão do Padre Pier Paolo tinha manifestado fortes dúvidas sobre a realidade da possessão diabólica.

«Até agora não há nada de errado», diz o padre. «Onde é que ele está?»

«No convento.»

«Onde?»

«No quarto.»

«Em qual deles?»

«Então», exclama o espírito desdenhosamente, com um encolher de ombros, «seria o mesmo que dizer-te o nome».

Do lado de fora da porta, ouvem-se passos. É o Dr. Lupi que se aproxima. Não chegou a horas à consulta, esperaram muito tempo por ele, mas depois tiveram de começar o exorcismo sem ele. Distingue-se o seu passo um pouco arrastado ao subir a larga escadaria de madeira e o bater da bengala em cada degrau.

Como um ato normal de deferência, o exorcismo é suspenso e o médico espera para entrar. Ao chegar à porta dupla que separa o quarto do patamar da escada, o médico abre a primeira porta e agarra o puxador da segunda, para depois entrar.

«Entre, entre, senhor doutor!», convidam os dois frades.

O médico abre e fecha a porta, mas não se decide a entrar, não se mostra.

«Está a brincar?», pergunta um deles.

Então, o Padre Justino levantou-se do banco, correu para a porta e escancara-a.

«Não está lá ninguém», diz ele.

Todos se levantam rapidamente e descem as escadas. No rés do chão, a grande porta de carvalho, toda engomada, está fechada como de costume. Não a abrem. Do outro lado da porta, o irmão António fica de guarda durante todo o exorcismo. Ninguém pode entrar secretamente no convento. O Irmão António, um guardião consciencioso, está no seu posto.

«O Dr. Lupi já chegou?, perguntam-lhe.

«Não.»

«Veio mais alguém?»

«Não.»

«Estiveste sempre no teu lugar?

«Claro que sim! Porquê?

Mas ninguém tem coragem de responder. Foram enganados por um brincalhão invisível. Esléndер, talvez? De volta ao salão, é retomado o exorcismo.

É o exorcismo do *Sanctus*. O espírito agita-se freneticamente, deformando com medo o rosto da mulher.

«A força para dançar, para cantar, ainda está em ti, sim ou não?»

«Não.»

«Então não pode ser mérito teu fazê-la cantar, dançar, gemer durante os dias entre um exorcismo e outro.»

«Eu sei», responde o espírito com um ar confuso.

«Expele!»

«Não posso.»

«Em nome de Deus, em nome de Nossa Senhora.»

«Deixa-me em paz», pede o espírito com uma voz sentida.

«Não, quero atormentar-te como atormentaste esta criatura durante sete anos.»

«Deixa-me em paz. Não tenho culpa de a ter atormentado. Eles prenderam-me aqui.»

«Pelo sangue de Cristo, pela morte de Cristo, expele!»

A rapariga possuída obedece finalmente.

«O que é que conseguimos?

«Deixaste sair muita bola.»

É o *bólus* do mal.

«Quanto é que ainda falta?

«Mais de um terço.»

«Porque é que nestes dias fizeste esta criatura sofrer?»

Naqueles dias, de facto, a mulher tinha sofrido particularmente.

Dada a hora tardia, o padre acha melhor terminar o exorcismo. O espírito parece ter-se fechado num mutismo teimoso.

«A ti, espírito imundo, eu ordeno para os próximos dias.»

Um riso interrompe-o.

«...para ficar quieto. Para não... Para não me mostrar a ti» e ri-se.

Durante outro exorcismo, o espírito revolta-se contra o padre, como de costume.

«Eu não vou sair!»

«Porquê?»

«Para te irritar.»

«Mas eu sou mais poderoso do que tu e hoje quero expulsar-te.»

«Eu não vou sair hoje.»

«E por que motivo?»

«Hoje, já tiveste demasiado».

«No entanto, no outro dia, quiseste sair, numa planta e com duas pernas, ou seja, num homem.»

«Digo-te que já tiveste demais por hoje.»

«Em nome de Deus, em nome da hóstia sagrada que esta manhã passou alta e solene entre nós (era de facto o dia da festa do Corpo de Deus – *Corpus Christi*), que desceu à alma desta criatura, sai deste corpo!»

«Não saio!», grita-lhe o diabo, vibrando de raiva.

«Mas Cristo, nosso Deus, não se deve render a ti, espírito imundo. Sai deste corpo.» Mas o espírito continua a gritar.

«Tens de sair hoje, festa de *Corpus Christi*.»

«Hoje não saio.»

«Com que direito estás neste corpo? Esta criatura foi feita um dia por Deus à sua imagem e semelhança. Por ela encarnou, por ela sofreu e morreu na cruz. Portanto, é d'Ele.»

O exorcista interrompe-se, esperando em vão por uma resposta.

«Esta criatura é o verdadeiro templo do Espírito Santo, é a verdadeira casa de Deus, e na casa de Deus não pode haver senão Deus. Fora, espírito impuro.»

Mas o silêncio envolve as palavras do padre. O espírito não responde.

«Aproxima-se a hora da bênção, escuta. Os sinos tocam, o órgão acompanha o canto do *Tantum ergo*, o povo ajoelha-se diante do Santo exposto. A esta hora, todas as frontes se inclinam. Também tu deves inclinar-te e sair.»

Mais uma vez, não houve resposta.

«Diz-me, diz-me, em nome de Deus, de Jesus Cristo, este dia, o dia de Corpus Christi, não te incomoda?»

Finalmente soa uma resposta.

«Sim.»

«Então, vai-te embora.»

«Estava nos desertos longínquos, chamaram-me, suplicaram-me. Eu vim, agora não posso ir embora.»

A sua voz soa como um gemido.

«Mas Deus, o nosso Deus, é grande, é omnipotente. Perante este Deus, o Faraó capitula, Paulo cai por terra, e tu também tens de ceder e desistir.»

O espírito lança-lhe um olhar cheio de angústia inexprimível e não responde. Ouve-se então o toque dos sinos e a bênção.

«Satanás, aqui está o momento da bênção. Agora Cristo, sob a forma de pão, é elevado para abençoar todo o seu povo. Neste momento, com toda a autoridade, com todo o poder que me vem de Deus, repito-te as palavras do Divino Salvador: "*Exi ab ea, exi ab ea!*" Satanás, dá honra a Deus Pai, dá lugar a Jesus Cristo, dá lugar ao Espírito Santo através do apóstolo Pedro. *Exi ab ea*!»

O comando cai num silêncio sepulcral que contrasta fortemente com o som alegre dos sinos. O espírito está silencioso, perturbado, mas parece acorrentado àquele corpo. Mais exorcismos.

«Em nome de Deus, ordeno-te que me obedeças em tudo o que te mando.»

A mulher não responde.

«Compreendes?» Silêncio.

«Eu te ordeno em nome de Deus, de Nossa Senhora.» Silêncio.

«Se entenderes, levanta um braço, caso contrário, dois.»

Lentamente, com grande esforço, levanta um braço.

«Hoje devia ser o grande dia da tua partida. Vais mesmo? Se fores, levanta dois braços; se não fores levanta um.»

A mulher, após um momento de hesitação, levanta os braços.

«E vais precisamente às cinco horas? Se fores exatamente às cinco horas, levanta dois braços; se fores mais tarde, levanta um.»

A mulher levanta os dois braços.

«Quando saíres, será que esta criatura vai mesmo ficar bem? Se vai ficar bem, levanta dois braços; se não, levanta um.»

A possuída torna a levantar os dois braços.

«E todos os outros membros da família vão ficar bem? Se ficarem bem, levanta dois braços; caso contrário, levanta um.»

Levanta os dois braços.

«Levanta-te e expele.»

A mulher levanta-se. Ajoelha-se junto à bacia.

«Expele!»

Ela baixa-se e tenta obedecer.

«Expele!»

Falha.

Não se levanta, mas inclina-se ainda mais sobre a tina. São quatro e trinta e cinco.

«Com toda a autoridade que me vem de Deus, ordeno-te, espírito imundo, que saias imediatamente deste corpo. Se saíres imediatamente, confino-te ao deserto, ao centro do Saara; se não saíres imediatamente, mando-te para o inferno.»

«*Voooo*...» e, num ápice, vomita uma série de coisas.

«Vai, vai. Vai para o deserto e, antes de voltares para junto de nós, espera que eu te chame.»

Um momento depois, a voz da mulher pronunciou estas palavras:

«Estou curada.»

«E a bola?»

«A bola estará na tigela», diz o médico; e levanta-se rapidamente, corre para a tigela, levanta o material descartado com a sua vara, e no fundo da tigela, completamente seca, está a famosa bola. Uma bola de salame do tamanho de uma pequena noz, com sete vagens.

Foi assim que as coisas se passaram. Depois de um exorcismo exaustivo, depois de amargas batalhas, a 23 de junho de 1920, a mulher sente-se subitamente livre. Ela está livre. Então, está tudo acabado?

Não. Infelizmente não. O demónio dentro dela continuará a agir, a semear a morte e a destruição. E é essa morte e essa destruição que tornam este caso único para ser estudado e reestudado.

Todos os exorcistas devem saber que, uma vez expulso, o demónio pode continuar a atacar. Todos os exorcistas devem saber que eles próprios, eles mais do que os outros, podem sofrer ataques pesados do demónio que ajudaram a expulsar do corpo de uma pessoa possuída.

Dias depois da libertação, o Sr. Cassani, um dos assistentes que esteve continuamente ao lado da possuída durante os exorcismos, apresenta-se ao padre Pier Paolo. Está agitado.

«Padre, preciso de si.»

«Diz à vontade».

«Ao longo dos últimos sete anos, como amigo e vizinho, assisti sempre, na companhia da minha filha, a pobre senhora nas suas crises. O Espírito já me disse várias vezes que tenho de morrer. O espírito nunca ameaça em vão.»

O Sr. Cassani parece aterrorizado. O padre quer tranquilizá-lo:

«Era mesmo preciso que o espírito lhe dissesse que tinha de morrer?»

«Padre, desculpe-me, não me deixou acabar. O espírito disse que tenho de morrer daqui três meses, vítima da sua vingança.»

«Acredita nisso?»

«E como não!»

«Será que ele não sabe que o espírito é o pai da mentira? E não sou eu que o digo: é a Igreja que o diz.»

«Padre, com as palavras ganha. Veremos, entretanto dê-me a bênção diante do altar de Nossa Senhora.»

Alguns meses depois desta conversa, numa tarde fria de novembro, o padre Pier Paolo foi chamado pela ex-possuída, que estava perfeitamente curada:

«Padre, venha depressa, se quer chegar a tempo de ver o Sr. Cassani, para o confessar.»

«O que é que ele tem?»

«Está a morrer.»

O padre entra a correr. O Sr. Cassani está, de facto, num estado gravíssimo e, com uma voz que já se desfaz em gargalhadas, diz: «Lembra-se, padre, da bênção diante do altar da Virgem Maria? Lembra-se das minhas presenças? Estou a morrer de vingança dele.»

Ele aludia ao espírito demoníaco. No dia seguinte, o Sr. Cassani, até então saudável e robusto, morre.

Pouco tempo depois, outro episódio. Um senhor, conhecido da família da pessoa possuída e do padre Pier Paolo, ele assumiu descaradamente uma atitude de descrença aberta. Até aqui, nada de errado com isso. O problema é que ele acrescenta à incredulidade uma atitude abertamente zombeteira. Um dia, para desafiar a descrença dos outros, referindo-se ao caso da possessão, exprime-se com estas palavras:

«Se era um espírito, porque não entra agora em mim?»

Alguns anos mais tarde, adoece de tuberculose. Chama o exorcista e diz-lhe:

«Seja qual for a doença de que eu tenha de morrer, não é desta.»

E desfaz-se em lágrimas. Também aqui, o terror não perdoou. Depois disso, Pier Paolo viverá sempre no pesadelo das suas memórias. Um dia, sente uma grande pancada na cabeça. Olhará em redor, mas não encontrará ninguém. A sua cabeça deixará de se sustentar e andará de um lado para o outro com o queixo encostado ao peito. Ele dirá:

«É a vingança do demónio. E é pouco, eu esperava mais. O Senhor é misericordioso.» Mas o terror não o abandonará mais. Tal como não abandonará mais o bispo de Placência. Ele que tinha ordenado ao padre Pier Paolo que fizesse o exorcismo. Durante o exorcismo, *Isabò* também previu a sua morte. Que chegou pontualmente. À noite. O demónio, como um leão que ruge, encontrou quem devorar.

Como é possível que o demónio tenha conseguido, de alguma forma, vingar-se daqueles que o expulsaram do corpo da mulher? Pode o demónio agir também depois da possessão e atuar de forma negativa e destrutiva? Aqui é necessário dizer apenas o que pode ser dito e não tentar ir além do que pode ser realmente conhecido. O demónio anda sempre a semear a maldade, sangue, morte e destruição. Sempre. Ininterruptamente. Ser possuído é uma experiência que, paradoxalmente, pode nunca acabar. No sentido em que, mesmo depois de libertado, fica uma marca, uma ferida, como um buraco negro que nos acompanha. O demónio já não é uma realidade viva dentro de nós, mas continua a ser um selo opressivo que misteriosamente se faz sentir sempre.

Nós, exorcistas, carregamos também o peso dos demónios que expulsamos. Expulsámo-los mas eles não morrem, continuam a viver e a fazer o mal. E, sobretudo, continuam a incomodar aqueles que ajudaram a libertá-los. É por isso que escolho os colaboradores da fé e da oração. Estar na graça de Deus e estar perto de Deus é um remédio seguro contra os ataques do demónio.

Os demónios observam-nos e tentam-nos incessantemente. E assim fazem com aqueles que se libertaram, porque recuperar a alma de alguém que já possuíram é uma grande vitória para eles.

É como quando se parte um braço em criança. Põem-lhe um gesso e o braço fica bem. Mas esse braço nunca mais volta a ser o mesmo. A fratura, embora curada, continua presente e a criança, quando cresce e se torna adulta, continua a senti-la. O mesmo acontece com as possessões.

Lembro-me de uma vez ter libertado uma jovem. Passado um ano, essa mulher voltou para mim. Estava novamente possuída. Por isso, tive de começar a exorcizá-la outra vez. Mas imediatamente, quando comecei o exorcismo, o demónio disse-me: «O que pensas que estás a fazer, padre? Não sabes que agora ela é minha para sempre? Ela voltou para mim. Eu ganhei. Felizmente, consegui libertá-la uma segunda vez. Mas foi muito difícil.»

Claro que, em Placência, o diabo voltou e fez coisas que nunca o vi fazer antes. Voltou para matar. É difícil dar explicações para este facto. Uma coisa pode ser dita: muitas vezes, não sempre, somos possuídos conscientemente.

É a nossa vontade que diz a Satanás:

«Entra em mim.»

Quando se faz um pacto com Satanás, dissolvê-lo pode ser quase impossível. Se se cede a alma para toda a eternidade a Satanás, é possível arrepender-se e libertar-se, mas o pacto foi feito e as consequências têm de ser pagas. A alma, em suma, pode ser salva, mas o corpo, misteriosamente, pode ainda morrer às mãos e à vontade de Satanás.

4

CRIANÇAS QUE SE TORNAM ASSASSINAS
O caso «James Bulgar» e outros

Depois dos exorcismos do agricultor da província romana, a minha vida torna-se bastante agitada. Mas, ao mesmo tempo, também monótona. Monótona porque, depois desse primeiro exorcismo, durante anos só fiz uma coisa todos os dias: mais exorcismos. Exorcizo 10, 15 pessoas por dia. Todos os dias, incluindo os feriados.

A minha é uma batalha pessoal contra o demónio. Uma batalha que eu não procurei. Uma tarefa que Deus me confiou através do Cardeal Poletti e que aceitei em espírito de obediência. Aceito a batalha mesmo que seja amarga, terrível. Como quando sou confrontado pela primeira vez com alguém que nunca esperei: um bebé com apenas alguns meses de idade.

É difícil de entender, de compreender, mas é uma realidade. Entre as vítimas do demónio há muitas crianças. Elas são inocentes. Não têm culpa. Mas é também dos seus corpos que o demónio tenta apoderar-se. E muitas vezes consegue-o. A possessão começa, por vezes, quando ainda estão na barriga da mãe. É terrível, mas é assim. Acontece que um mágico ou um feiticeiro faz uma maldição a uma mulher com a intenção de afetar também a criança que ela carrega. E, infelizmente, por vezes funciona. Inexplicavelmente, a maldição enraíza-se. É evidente que é algo que Deus permite. Porque é um mistério. Mas acontece que Deus deixa uma mão livre à ação do demónio, mesmo sobre o mais inocente dos seres humanos, as crianças.

Acontece, então, que há uma criança possuída desde o nascimento. Os sinais são imediatamente evidentes. Se levarmos a criança a uma igreja, ela começa a chorar e a contorcer-se sem motivo. O mesmo acontece quando os pais rezam em casa. Quando a criança cresce, estes fenómenos tornam-se mais fortes, mas é possível apercebermo-nos deles desde o início.

É por isso que sugiro sempre aos pais que batizem os seus filhos logo que nascem. Não deixar passar demasiado tempo. O batismo é um exorcismo poderoso. O batismo expulsa o demónio. O Batismo é temido pelo demónio. Não é, aliás, por acaso que, entre os possessos do mundo, a maioria são pessoas não batizadas. É sobretudo com os não batizados que o demónio tem mais facilidade.

Trazem-me um bebé com apenas alguns meses de idade. Os pais não conseguem explicar as suas reações invulgares. Choros que parecem vir de um mundo distante. Choros que são anormais para a sua idade. Os médicos não encontraram nada de errado e disseram:

«Esperem até ele crescer. Com o passar dos meses, tudo se vai resolver.»

E, de facto, do seu ponto de vista, têm razão. A criança não tem problemas que possam ser curados com uma simples medicação. Pelo contrário, como sempre acontece, se lhe dermos um sedativo, ele reage de forma oposta. Fica excitada e parece estar zangada. Os medicamentos, nele, têm o efeito contrário ao esperado.

Os dias passam e o pai, que é católico praticante, apercebe-se de algo estranho. Quando entra na igreja com o filho, ele começa imediatamente a chorar em desespero. Fica com a cara vermelha. As veias são visíveis. Tudo é um fogo incontrolável. Por isso, sei que há algo de desumano que tem de ser expulso. E isso vem-me à cabeça.

Nunca me tinha acontecido realizar um exorcismo em alguém tão novo. Também eu estou hesitante, mas sei – como o Padre Cândido já me disse muitas vezes – que um exorcismo nunca faz mal. Ou faz bem ou não faz efeito. E assim ponho a minha estola, pego no ritual, no óleo sagrado, na água benta e começo o exorcismo. Bastam algumas palavras. A criança começa a gritar e a chorar. O pai tem de o deitar no chão porque, apesar de ter apenas alguns meses, parece conseguir libertar-se dos seus braços. Acabo rapidamente o exorcismo e explico aos pais que deve ser repetido várias vezes, pelo menos três ou quatro vezes por semana.

Continuamos durante alguns meses. O demónio nunca fala. O único sinal visível que ele dá são os gritos tremendos da criança durante todo o exorcismo. Depois, assim que termino, silêncio. O choro durante o ritual parte o coração dos pais. Parece que não há consolação para o seu filho. Peço aos pais para rezarem muito, para jejuarem, para irem à missa todos os dias. Eles seguem as minhas instruções e, passados alguns meses, acontece algo que eu não imaginava que pudesse acontecer tão cedo.

Trouxeram-me o bebé. Começo o exorcismo e o bebé permanece calmo. Não chora. Sorri. Recito todo o ritual. Rezo. Borrifo água benta sobre ele. Ponho-lhe marcas com óleo consagrado. É incrível. Em poucos meses, ele já está livre. Aprendi à minha custa como são terríveis as possessões nas crianças, violentas, desenfreadas, poderosas, mas ao mesmo tempo compreendi como são frágeis, como é frágil a sua resistência.

Quando estas crianças crescem, há um sinal evidente de possessão: a perfídia. Uma perfídia que não se coaduna com a razão e, sobretudo, com a idade que têm, ou seja, querer magoar, querer destruir, como se fosse uma manifestação da personalidade, uma explosão para demonstrar a sua força contra tudo e contra todos.

Há muitos casos, também conhecidos pelas crónicas, de crianças ou adolescentes em que esta perfídia era um sinal claro da sua possessão. Na televisão, criminologistas e psiquiatras foram convocados para tentar dar uma explicação para tanta crueldade, mas esqueceram-se de chamar um exorcista. Este, se fosse convocado, teria resolvido os casos em poucos minutos. Teria dito:

«É uma possessão diabólica.»

Lembro-me de dois casos terríveis que o mundo inteiro conhece. Menciono-os para que as pessoas compreendam. Para que o maior número possível de pessoas abra os olhos. Para mostrar como o demónio anda pelo mundo a devorar existências que deveriam ser puras, genuínas, alegres. O primeiro é um caso inglês, o homicídio de James Bulger. O segundo é um caso italiano, o assassínio de Susanna Cassini e do seu filho Gianluca De Nardo.

James Bulger nasceu em Liverpool, a 16 de março de 1990. Em 1993, quando tinha apenas 3 anos de idade, foi raptado e assassinado por dois rapazes de 10 anos, Jon Venables e Robert Thompson. O rapto tem lugar no centro comercial New Strand, em Bootle, Inglaterra, onde James se

encontra com a sua mãe, Denise. Jon e Robert estão a vadiar pelo local. Observam as crianças a passar à entrada da loja. Um deles diz ao outro: «Porque é que não levamos uma criança?» Começam por tentar atrair um rapaz de 2 anos que brinca com a irmã mais nova, mas a mãe recupera a criança e afasta-os.

James está no centro comercial com a mãe, que fatalmente o deixa sozinho por um momento em frente à porta de uma loja. Quando regressa ao exterior, repara que o menino desapareceu. Tinha saído da loja a pé e foi apanhado pelos dois miúdos. Eles aproximaram-se dele, falaram com ele para ganhar a sua confiança e depois levaram-no para fora do pátio pela mão. As câmaras CCTV captaram a cena. Jon e Robert conduzem James durante cerca de quatro quilómetros. A criança chora. Chama a mãe. Mas eles continuam a levá-lo. Perto de um canal, Robert brinca com a ideia de atirar o bebé lá para dentro. Depois, um deles agarra o bebé pelos pés e deixa-o cair, causando-lhe uma ferida profunda na testa. Os dois rapazes sabem bem o que fizeram. Por isso, fogem para trás de uma sebe. Ficam a observar, mas ninguém para. Saem de novo do esconderijo e recuperam a criança.

Dirigem-se para a aldeia. Jon cobre a testa de James com o capuz do seu casaco para disfarçar a ferida. Quando chegam a um cruzamento, o rapazinho escapa das mãos dos raptores e corre para o meio da rua a chamar pela mãe. Robert alcança-o e arrasta-o para longe. Muitos motociclistas reparam que a criança está a ser puxada, enquanto bate com os pés e se recusa a andar, mas não ocorre a ninguém descer da mota para ver o que está a acontecer. Jon agarra James pelas pernas, enquanto Robert o agarra pelo tronco. Levam-no para o relvado em frente a um restaurante. Ali, uma mulher, apercebendo-se dos ferimentos de James, aproxima-se e pergunta-lhes qual é o problema.

«Não sabemos quem ele é, encontrámo-lo no fundo da colina», respondem Jon e Robert, fingindo não o conhecer. A mulher indica aos rapazes a esquadra de polícia mais próxima. Eles dirigem-se para o outro lado. A mulher grita-lhes para pararem, mas eles conseguem fugir.

Continuam os três a sua viagem, descendo a colina e chegando à estrada do condado. Param em várias lojas. Até chegarem à estação de comboios Walton & Anfield, em Walton Lane, uma pequena estação desativada. Voltam para trás ao longo da estrada principal e entram num beco, do qual

saem imediatamente. Têm a esquadra da polícia à sua direita e a casa de Robert à sua esquerda. Decidem voltar a caminhar em direção à linha férrea, evitando a esquadra da polícia.

No total, durante a sua longa caminhada, são vistos por trinta e oito pessoas.

Nenhuma delas, porém, os deteve. Enquanto se dirigem à estação de caminho de ferro, Jon arranca o capuz do casaco de James e atira-o para as árvores. Um dos rapazes deita tinta azul, comprada nessa manhã, para a cara de James. Batem-lhe com tijolos, pedras e uma barra de ferro. Um deles dá-lhe um pontapé. Thompson dá um pontapé tão forte na cara do rapaz que a marca do seu sapato fica marcada. Baixam-lhe as calças e um dos dois rapazes apalpa-lhe os órgãos genitais. Algumas pilhas, recentemente compradas são enfiadas na boca do menino. James sofre fraturas em várias partes do corpo. Depois, deixam-no ainda vivo na linha do comboio, cobrindo-lhe a cabeça com pedras, na esperança de que um comboio o atropele e a sua morte pareça acidental. Pouco tempo depois, o corpo da criança é efetivamente cortado em dois por um comboio. No entanto, segundo a autópsia, James já estava morto quando o comboio chegou.

Nos meses seguintes, foram efetuados vários testes aos dois rapazes. Estes revelam que Thompson, filho de um alcoólico, foi repetidamente violado pelo pai, que tinha relações semelhantes com o seu irmão mais novo, enquanto Venables, filho de pais divorciados, ambos com um historial de depressão patológica, tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova com problemas de comportamento. Por isso é gozado na escola. Por isso é constantemente vítima de *bullying*. Venables conhece Thompson na escola depois de ambos terem reprovado. Faltam os dois às aulas. Movidos por uma força inexplicável, raptam o pequeno James e matam-no como se estivessem a beber um copo de água.

Como é puderam ir tão longe? Não há uma explicação lógica. Podemos investigar o seu passado, mas a infância difícil de ambos não pode, quer queiramos quer não, explicar tanta crueldade. Tanta perfídia.

É a perfídia do demónio.

Não se pode explicar um crime destes sem recorrer ao demónio. Foi ele que, de alguma forma, conseguiu apoderar-se destes dois jovens rapazes e conduzi-los, passo a passo, à mais irracional e terrível depravação que

existe, o assassínio de uma criança inocente. É claro que tal perfídia é inexplicável. Mas a violência infligida pelos pais quando se é criança – no caso de Thompson – tem um significado importante. A violência dos pais sobre os filhos é um dos canais privilegiados para a descida de Satanás ao mundo.

O facto de Thompson ter sido repetidamente violado pelo pai não é um pormenor que deva ser ignorado. As crianças são frequentemente possuídas pelo demónio se tiverem sido anteriormente violadas pelo pai. A violência do pai contra elas é um canal de transmissão muito eficaz através do qual o demónio passa. A culpa do pai recai sobre elas através de uma transmissão do mal. Nem todos aqueles que são violados pelos pais sofrem depois os fenómenos de possessão. Mas, infelizmente, muitos sofrem. Os pais têm sobre os seus filhos uma paternidade até espiritual que as mães não têm. Se um pai abençoa frequentemente o seu filho, essas bênçãos têm um efeito positivo, muito mais positivo do que se for a mãe a abençoar. Assim, se um pai violar o seu filho, o efeito pode ser devastador.

A Marinella tinha 18 anos quando veio ter comigo pela primeira vez.

«O que te faz pensar que estás possuída?», pergunto-lhe.

«Padre», diz-me ela, «não consigo ir à igreja desde pequena. Os lugares sagrados repelem-me. Faço por entrar, mas uma força impede-me».

«Há quanto tempo sofre estas perturbações?»

«Mais ou menos desde os 7 anos de idade».

«O que é que aconteceu quando tinhas 7 anos?»

«Padre, estou um pouco envergonhada...»

«Não tens de ter vergonha comigo. Conta-me tudo.»

«O meu pai violou-me.»

«Quantas vezes é que ele te violou?»

«Muitas vezes. Agora está morto, mas nada mudou. A minha vida está cheia de infortúnios. Gostava de pedir ajuda a Deus, mas não consigo. Não consigo rezar. Não sei a quem pedir ajuda.»

Se Marinella tem 18 anos, isso significa que a possessão, se é que é realmente possessão, está presente há 11 anos. Portanto, há muito tempo. Decido, por isso, não a exorcizar de imediato. Estou sozinho em casa. Não tenho os meus assistentes comigo. Tenho medo da sua possível reação negativa e violenta. Marquei-lhe uma consulta para a semana seguinte.

Sete dias depois, Marinella aparece a horas. Estão dez pessoas comigo. Nove leigos e um jovem padre que me pedia de vez em quando para assistir aos exorcismos.

Obrigo-a a sentar-se num sofá. Ponho-a a ler. Ponho a minha estola, pego na água benta e no óleo sagrado. E começo as orações em latim.

Marinella reage imediatamente. Debate-se, mas os cintos que a prendem mantêm-se. Ao meu lado, o jovem padre acompanha a cena com um fio de apreensão. Depois, numa explosão de compaixão não solicitada, o jovem padre dá um passo que seria melhor não ter dado. Aproxima-se de Marinella. Toca-lhe no ombro e diz-lhe: «Pronto, pronto, isto vai acabar em breve.»

Marinella vira-se. Olha para ele com dois olhos de víbora. Diz-lhe: «E tu, quem és, virgenzinha?»

«Eu sou Dom...»

«Silêncio!», intervenho eu. E peço ao jovem padre para se afastar. Mas o jogo já está ganho. O diabo aponta para o jovem padre e investe-o de palavras.

«Sua virgenzinha, o que estás a fazer aqui? Não devias já estar a dormir? Oh sim, desculpa. Nunca vais para a cama quando todos os outros estão a dormir. Não dormes à noite. Masturbas-te em frente à televisão. Gostas de brincar sozinho, não gostas? Oh, sim, claro que sim. O que é que estás a fazer? Não vais responder? Pobre virgenzinha, desmascarada aqui à frente de toda a gente.»

E uma gargalhada estrondosa enterra o que resta do meu companheiro de viagem.

Mas agora não tenho tempo para ele. Tenho de continuar o exorcismo. O demónio já tratou do jovem padre e sei que, para já, não tenciona continuar com ele. Porque ao lado do jovem padre estou eu. E o meu exorcismo é um castigo tremendo para o demónio. E com esse castigo, ele tem de se confrontar absolutamente.

«Cala-te, demónio», grito eu. «Cala-te! Responde-me em nome de Cristo. Quem és tu que te atreves a incomodar esta pobre rapariga? Quem és tu?»

Marinella baba-se e agita-se. De repente, começa a abanar-se ruidosamente. Depois emite um longo uivo.

«Padre, cala-te. Não te vou responder», grita ele. «Não te vou responder!»

«Responde-me em nome de Cristo! Quem és tu? Diz-me quem és!»

Da garganta de Marinella, uma voz lamentosa e rasgada emite estas palavras: «Eu sou o pesadelo de Marinella. Sou o seu demónio e o seu prazer. Sou o demónio que, graças ao pai dela, a possuiu. E possui-la-ei para sempre.»

«Não possuirás ninguém para sempre. Cristo vence. Cristo venceu. Cristo derrotar-te-á.»

Continuo a fazer o exorcismo. As orações em latim parecem muito eficazes. Durante três horas, Marinella tem reações violentas às minhas palavras.

Depois acabo o exorcismo. A Marinella não se lembra de nada do que acabou de acontecer. Peço-lhe que me fale do pai. Ela diz-me: «Ele era violento. Eu era o brinquedo dele. Tinha de obedecer às suas exigências. Caso contrário, ele batia-me e batia na minha mãe. Por isso, sofri durante anos, até ele morrer. Mas sabe o que lhe vou dizer?»

«Conta-me.»

«Digo-lhe que não o consigo odiar. Ele era meu pai. Ele era meu pai...»

Marinella começa a chorar. Consolo-a e deixo-a ir, marcando-lhe uma consulta para a semana seguinte.

No entanto, peço-lhe que se confesse e que, todos os dias, se aproxime de uma igreja.

Digo-lhe: «Mesmo que não consigas entrar na igreja, tenta ficar à porta durante cinco minutos em silêncio. Verás que, se fizeres isso todos os dias, dentro de alguns meses conseguirás entrar.»

Deixo-a, mas sei que ainda tenho uma tarefa pela frente. A tarefa de falar com o jovem padre.

Ele espera-me à porta da sala onde fizemos o exorcismo. Fica a olhar para o chão. Está perturbado e, ao mesmo tempo, com medo.

Eu digo-lhe: «Vês o que acontece quando te atreves demasiado? É preciso ter alguma experiência com os demónios. E, acima de tudo, tem de se ter uma vida santa. Caso contrário, ele desmascara-nos e humilha-nos à frente de toda a gente.»

«Padre, eu sinto muito.»

«Seja como for, servir-te-á de lição.»

«Padre...»
«Conta-me.»
«Tenho um pedido a fazer-vos».
«Diz, anda lá.»
«Pode-me confessar?»

A 21 de fevereiro de 2001, em Novi Ligure, Itália, Erika De Nardo, na altura com 16 anos de idade, e com a cumplicidade do namorado Mauro «Omar» Favaro, de 17 anos, matou com uma faca de cozinha a mãe, Susanna «Susy» Cassini, e o irmão de Erika, Gianluca, de 11 anos. A dinâmica do crime, de que pouco se sabe ao certo, é arrepiante.

Susy regressa a casa com o filho Gianluca por volta das 19h30. A campainha toca. Erika abre a porta. Juntas, vão para a cozinha e começa uma discussão entre mãe e filha por causa das más notas da rapariga na escola.

De repente, surge a primeira facada. A jovem calça as luvas. Omar, que está lá em casa, escondido na casa de banho do rés do chão, onde já tinha calçado as luvas, corre para ajudar Erika. Ambos atacam Susy por trás. Um dos adolescentes tapa-lhe a boca com uma mão, o outro começa a dar-lhe golpes com a faca e também começa a bater-lhe. A mulher tenta fugir e choca contra a mesa da cozinha, que se parte em duas devido à violência do impacto. Esfaqueiam-na repetidamente até ela morrer. Gianluca desce a correr do primeiro andar da casa e assiste, horrorizado, ao assassinato da mãe. Ambos reparam nele. E batem-lhe. Primeiro no rés do chão e depois no primeiro andar da casa de campo. No quarto de Erika, Gianluca é morto com cinquenta e sete facadas. Nessa altura, Erika e Omar regressam ao rés do chão. Juntos, planeiam esperar pelo pai e matá-lo também, mas são descobertos primeiro. Também neste caso, não há muito a dizer.

Poder-se-á encontrar no mundo maior perfídia do que esta? Mais ódio? Mais raiva? Parece difícil. É uma perfídia desumana. É a perfídia do demónio. Como a que atingiu, por sorte tudo durou o clarão de um dia, uma menina de Cassino.

Laura tinha 14 anos em julho de 1988. Vivia em Cassino. Uma noite, uma colega de escola convidou-a para sair com ela.

«Onde é que vamos?», pergunta Laura.

«Ver algo que nunca viste», responde a amiga.

Saem da cidade e entram no bosque. Chegam perto de uma casa de campo. Entram. Dez pessoas encapuzadas estão a fazer uma sessão espírita. Invocam os espíritos para falarem com eles. Depois, sacrificam ao diabo um animal capturado há pouco. Laura tem medo, mas não se atreve a fugir. A amiga segura-lhe na mão e obriga-a a participar. Tudo isto dura uma hora. Uma vez terminado, aos olhos de Laura parece ser um jogo estúpido mas inofensivo, as duas amigas regressam à cidade. Despedem-se e vão para as respetivas casas.

Laura entra em casa. Os pais ainda estão acordados. Eles cumprimentam-na e, em resposta, Laura pragueja na cara deles. Estranho, Laura nunca praguejou. Nem nunca teve atitudes agressivas na família. Nessa noite, porém, ela está inacessível. Se lhe perguntarmos porque é que ela pragueja e pragueja repetidamente, ela ataca com malícia. Cospe. Morde. Grita. Parece uma pessoa diferente. Parece um demónio.

O pai é um católico praticante. Já ouviu falar do Padre Cândido, o exorcista da Scala Santa, meu professor. Por isso, não pensa duas vezes. A meio da noite, mete a filha no carro e vai diretamente para Roma. Chega à Scala Santa antes do amanhecer. Põe-se a caminho e espera que os frades abram a porta às seis horas.

«Preciso do Padre Cândido», diz ele ao primeiro frade.

«Para quê?»

«Tenho de lhe mostrar a minha filha», diz ele, apontando para a menina ao seu lado, que olha com ódio para o clérigo.

«O Padre Cândido está indisposto. Deve recorrer ao seu substituto. Chama-se Padre Gabriele Amorth. Este é o endereço da casa dele.»

Os dois voltam para o carro e vêm ter comigo. Esperam que eu acorde. Depois mandam chamar-me. Nessa manhã, tenho de fazer dois exorcismos muito difíceis. Por isso, deixo o pai e a filha à minha espera na casa do porteiro, até terminar. São doze horas quando me lembram que os dois têm um encontro marcado comigo. Estou muito cansado, mas aceito. Digo a mim próprio: «Dou-lhes uma bênção rápida e chega.»

«Bom dia. Como é que se chama esta menina?», pergunto eu.

O pai responde. Há uma tensão no ar. Estão os dois muito cansados, mas apercebo-me de que não é só cansaço. Começo a bênção. De imediato sou castigado por uma imprudência. Aproximo-me demasiado de Laura que,

com um salto, me agarra o pulso e me morde. Sinto os seus dentes cravarem-se na minha carne. Grito. Estremeço. E apercebo-me que ela está a ficar séria. Concentro-me. Rezo com mais força e atenção. Dez minutos são suficientes. Laura cai em si. Parece destruída por um cansaço imenso.

«Laura, como estás?»

«Estou bem, padre», responde ela.

«Laura, já estás livre, vai.»

Laura levanta-se e vai para o pátio. Corre e joga com uma bola.

Como é que foi possível libertá-la em tão pouco tempo? Graças ao pai. Ou melhor, ao *timing* do pai. As possessões, se apanhadas a tempo, não se podem enraizar. O demónio tentou apoderar-se de Laura. Na sessão espírita, entrou no seu corpo, mas em poucas horas não foi capaz de se enraizar como desejava. E assim foi fácil libertá-la.

O Evangelho fala também de um rapaz incansável. Jesus está no monte Tabor com três discípulos. Foi aí que se deu a sua transfiguração. Descem os quatro e encontram os outros discípulos que ficaram na planície. Encontram-nos rodeados de muita gente e de escribas, com quem discutem. Quando viram Jesus, um dos membros da multidão aproximou-se dele e disse: «Trouxe-te o meu filho, o único que tenho, que está possuído por um espírito mau e mudo. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram.»

Este insucesso talvez tenha provocado uma discussão com os escribas, que não deixaram de dizer mal dos discípulos e também do mestre ausente. Mas agora ele está presente e, sabendo do que se trata, exclama: «Ó geração sem fé, até quando estarei convosco? Até quando vos carregarei?»

Depois, procurando com os olhos o jovem possuído, diz: «Tragam-mo!»

Para Jesus, a fé é uma condição prévia para os milagres; lamenta a falta dela, tanto entre os escribas e o pai do jovem, como entre os apóstolos, cujo fracasso revela uma fé fraca e vacilante.

O jovem é levado a Jesus; na sua presença, é imediatamente tomado por uma convulsão súbita e cai por terra, debatendo-se, arquejando e espumando. Durante o ataque, Jesus quer interrogar o pai.

«Há quanto tempo é que isto lhe está a acontecer?» O pai responde: «Desde a infância; muitas vezes o espírito mau atira-o para o fogo ou para a água. Se podes fazer alguma coisa, vem em nosso auxílio, tem piedade de

nós!» Jesus responde: «Quanto ao “se podes”, tudo é possível a quem tem fé!»

Imediatamente, aos gritos, o pai do rapazinho diz claramente: «Eu tenho fé! Socorrei a minha falta de fé!» Jesus aproxima-se do adolescente e diz-lhe: «Espírito mudo e surdo, eu ordeno-te que saias deste rapaz e não entres nunca mais!»

E depois de ter gritado e de se ter debatido o diabo sai. E o rapazinho fica como um cadáver, de tal forma que muitos dizem: «Está morto!»

Em vez disso, Jesus pega-lhe na mão e levanta-o. Os apóstolos aproximam-se de Jesus em privado e dizem-lhe: «Porque é que não pudemos expulsá-lo?» E Jesus diz: «Por causa da vossa falta de fé! Porque em verdade vos digo que, se tivésseis tanta fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: “Passa daqui para ali!” E ele passaria, e nada vos seria impossível.»

Jesus é o primeiro grande exorcista. Este episódio testemunha a conveniência de exorcizar as crianças desde a mais tenra idade. O demónio enraíza-se violentamente nas crianças. O menino sob o monte Tabor só foi libertado pela grande fé de Jesus. Quanto mais o tempo passa, mais difícil é libertar uma criança possuída.

As crianças são inocentes. Muitas vezes, os pais não as supervisionam adequadamente. Até porque a vida dos pais está muitas vezes à mercê do nada. O diabo destrói tudo e tenta sempre pôr uns contra os outros. E quando consegue pôr uma mãe contra um pai, quando consegue dividir as famílias, atinge um dos seus grandes objetivos. Porque o demónio sabe que dois pais que se separam causam também dor e divisão em todos os que lhes estão próximos, a começar pelos filhos.

Eleonora é uma mulher de 40 anos. Casou-se quando tinha trinta e poucos anos, mas imediatamente após o casamento a sua relação com o marido enveredou por um caminho muito conturbado. Se antes do casamento a relação entre os dois corria bem, depois tudo correu mal. Eleonora não consegue passar um dia tranquilo com o marido. Estão sempre a discutir. Qualquer coisa é motivo para discussões violentas. As dificuldades prolongam-se durante anos. Até que um dia Eleonora decide vir ter comigo.

«Padre, não aguento mais», diz-me ela.

«O que é que se passa?»

«Acontece que estou casada há dez anos e estes dez anos foram os mais tristes da minha vida.»

«Porquê?»

«Não consigo dar uma resposta a mim própria. Só sei que na manhã do casamento eu estava radiante. Tudo correu bem na igreja. Mas, depois da missa, entrei no carro e o meu marido repreendeu-me porque, segundo ele, eu tinha sido fria com a mãe dele quando ela se veio despedir, num momento de paz. Desde então, tudo correu mal. Tudo, nestes dez anos, nos fez discutir. Muitas vezes, o foco das nossas discussões era uma pessoa: a mãe dele. «Portaste-te mal com a minha mãe» foi a frase que o meu marido me repetiu durante anos, até à exaustão. Antes do casamento, tudo estava bem. Depois, surgiu uma terceira pessoa entre nós, a mãe do meu marido.»

«A mãe dele ainda está viva?»

«Sim, ela está viva.»

«Qual é a tua relação com ela?»

«Não há relação. Quando ela soube que eu queria casar com o filho dela, cortou relações comigo. Não quis voltar a ver-me. Praticamente não tenho notícias dela há dez anos. O meu marido, por outro lado, ouve-a e vê-a muitas vezes. Mas nunca me diz nada.»

«Achas que a mãe do teu marido te enfeitiçou no dia em que te casaste?»

«Não posso responder a isso. Mas, nesta altura, acho que sim. O meu marido, antes de se casar comigo, amava-me. Depois, no dia do nosso casamento, algo mudou. Nem sei como é que resisti estes todos anos. Afinal de contas, não tínhamos o conforto de ter filhos. Nunca conseguimos ter nenhum. Padre, não sei o que dizer, ajude-me.»

«Olha, talvez haja um feitiço maligno, mas não tenho a certeza. Às vezes a vida corre mal e não tem necessariamente a ver com feitiços malignos. Faz uma coisa. Vai para casa e vem cá de manhã com o teu vestido de noiva.»

No dia seguinte, Eleonora volta para mim. Na mão tem o seu vestido branco comprido. Eu mando-a entregar-mo. Vamos para o exterior. Vamos para um grande campo nos arredores de Roma. Saímos do carro. Colocamos o vestido no chão. Tiro uma lata de gasolina da bagageira do carro, que já tinha enchido. Espalho a gasolina sobre o vestido e, com um

fósforo, tento acender o fogo. Mas não acontece nada. O vestido não arde. Deito mais gasolina. Não acontece nada. O vestido não arde. Apercebo-me de que algo está errado. É óbvio: provavelmente foi lançado um feitiço maléfico ao vestido da noiva para que o casamento da Eleanor corresse mal e a noiva fosse infeliz. A Eleanor está assustada, mas também incrédula.

Regressamos a casa com o vestido encharcado de gasolina na bagageira do carro. Decido guardar o vestido. Escondo-o num lugar seguro, longe da curiosidade dos meus confrades. Durante dois meses, decido abençoar o vestido todos os dias, molhando-o com água benta. Abençoo-o várias vezes.

Passados dois meses, telefono à Eleonora. Digo-lhe para vir ter comigo. Voltamos ao campo. Desta vez, o vestido arde. Lentamente, mas arde. Por fim, recolhemos as cinzas. Dirigimo-nos a um pequeno rio e atiramos as cinzas para a água. Não só é necessário queimar um vestido maléfico, como também é apropriado deitar as cinzas onde há água corrente.

Eleonora regressa a casa. A sua vida de casal melhora de dia para dia. No entanto, a mãe do marido continua a ser uma presença negativa na sua família, uma presença que, creio, a incomodará enquanto for viva. A teimosia de algumas pessoas é insaciável. A propensão para o mal é difícil de combater. Assim, algumas sogras sabem ser diabólicas como ninguém com as mulheres que «ousam» casar com o seu filho predileto. O seu egoísmo, o amor doentio pelo filho, é uma perversão que vem de Satanás. Em vez de desejarem a felicidade do filho, decidem matá-lo, sufocando-o. É uma grande vitória para o demónio. Porque um casal dividido deixa um grande rasto de sofrimento. Por mais que as coisas se resolvam mais tarde, o sofrimento causado permanece.

Mas não são apenas as famílias que sofrem divisões dilacerantes às mãos do demónio e que causam imenso sofrimento. Há uma outra divisão tremenda que também tem consequências terríveis. É a divisão que Satanás provoca entre as pessoas que são consagradas a Deus e o próprio Deus. Um padre ou uma freira possuída, quando a possessão é de alguma forma desejada e procurada pelo padre ou pela freira, causa um rasto de dor terrível e de morte nos fiéis que rodeiam os religiosos.

5

PADRES, FREIRAS E SIMPLES FIÉIS NAS MÃOS DO DEMÓNIO

A Irmã Gisella (o nome é propositadamente inventado) é uma freira muito devota. É respeitada por toda a gente na sua ordem religiosa. Reza muito. Nunca falha nos seus deveres. Em termos de fervor, é uma das líderes da sua ordem. No entanto, de um dia para o outro, começa a ter atitudes inexplicáveis. Quando entra na igreja, sente-se mal. A falta de ar é tal que tem de sair e refugiar-se no seu quarto. Em pouco tempo, deixa de poder participar em qualquer reunião de oração. Os seus superiores decidem dar-lhe umas semanas de descanso.

«Talvez ela esteja apenas cansada», pensam eles. «Talvez ela só precise de recuperar fisicamente.»

Os dias passam e o seu estado não melhora. Pelo contrário. Agora, tudo o que lhe faz lembrar o sagrado irrita-a. Se vê um padre, tem de fugir para não gritar, berrar e depois atacá-lo. O mesmo acontece quando se cruza com as irmãs. A situação tornou-se insuportável. Então, um dia, decidem chamar-me. Perguntam-me se posso receber a freira. Concordo. Quando a porta do meu quarto se abre, vejo-me diante de três freiras. A possuída está no meio. Frágil, magra, com um rosto angelical. Faço com que as três se sentem e peço-lhes que me expliquem de que doenças sofre a Irmã Gisella. Ela toma a palavra.

«Padre, estou doente. Quando entro na igreja, sinto-me tonta e uma força que não consigo explicar dentro de mim diz: “Foge. Vai-te embora!” Para me sentir melhor, tenho de sair. Refugio-me no meu quarto, o único sítio onde posso recuperar. Ali tiro as cruzes, as imagens de Nossa Senhora, os

ícones sagrados. Até os livros sobre Jesus, sobre os santos. Não sei porquê, mas a sua presença perturba-me. Tenho medo. Quando vejo um padre, sinto uma raiva forte apoderar-se de mim. Mesmo agora que está aqui à minha frente...»

Apercebo-me de que tenho de agir. Coloco rapidamente a estola. Abro o ritual e começo a rezar. Bastam alguns instantes para que o exorcismo tenha um efeito perturbador. As duas freiras que acompanham a Irmã Gisella recuam alguns passos. Parecem não estar preparadas. Nunca viram a irmã nestas circunstâncias. E não sabem o que fazer.

A Irmã Gisella transformou-se numa cobra. Rasteja sobre os cotovelos e os joelhos com uma agilidade não humana. Rasteja pela sala. Rasteja por baixo das pernas das irmãs. Debaixo da secretária e das cadeiras. Ela rasteja para debaixo da cama e, ritmicamente, põe a cabeça de fora, primeiro de um lado e depois do outro. Está muito agitada. Nunca para. Só da minha túnica é que não se atreve a aproximar-se. Rasteja rapidamente. Rasteja à minha volta sem me tocar. Eu procedo ao exorcismo, mas rapidamente me apercebo de que é apropriado parar. A boca da Irmã Gisella está a encher-se de baba. Mostra os dentes como um felino prestes a matar a sua presa. Põe a língua de fora como uma cobra prestes a cuspir veneno. E cospe, de facto, pregos, parafusos, tesouras, objetos de ferro de vários tamanhos. Cospe e volta a rastejar.

Assim que o exorcismo termina, a Irmã Gisella recupera os sentidos. Levanta-se e diz: «O que é que aconteceu?»

«Estavas a deslizar como uma cobra», explico.

«Eu?»

«Tu.»

«Não dei conta.»

«Não o conseguias ver. Não eras tu própria. Uma força que não é a tua conduzia-te. Uma força que deves tentar de todas as formas expulsar de ti. Volta cá pelo menos uma vez por semana. É a única hipótese que tens de resolver esta situação difícil.»

As duas irmãs olham uma para a outra sem saber o que dizer. Pegam na irmã Gisella pelo braço e vão lá para fora com ela.

Quando fico sozinho, pergunto-me: «Como é possível que o demónio tenha entrado numa pessoa consagrada a Deus?» Lembro-me dos ensinamentos do Padre Cândido: é inútil perguntar porquê. O mal existe. É

um facto. Deve ser combatido. Não se deve explicá-lo.

Na semana seguinte, a consulta é marcada para o início da tarde de um dia de semana. Pontualmente, ouço o som de passos à porta. São as três freiras. A Irmã Gisella parece ter envelhecido vários anos. Já não a reconheço. Sei que teve uma semana difícil. O diabo deve tê-la abalado muito. Lança-me um olhar sombrio. Acho que o demónio, percebendo a intenção da freira de se submeter ao exorcismo, decidiu perturbá-la, mas eu não lhe faço perguntas. A força maligna que está dentro dela já descobriu com quem está a lidar. Tenho de começar imediatamente.

«Não te lembres, Senhor, dos nossos pecados nem dos pecados dos nossos pais, e não nos castigues pelos nossos pecados. Pai nosso... E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.»

Uma cobra começa a rastejar descontroladamente pela sala.

«Quem és tu?», pergunto.

A serpente não para de deslizar. Sibila mas não responde.

«Em nome de Jesus Cristo, diz-me quem és!»

Os cotovelos e os joelhos da freira esfregam-se no chão. Nada parece ser capaz de a deter. Agora parece uma tarântula, avançando em passos pequenos mas muito rápidos. Só para de vez em quando, balançando a cabeça para a direita ou para a esquerda. Depois, arranca de novo como uma louca.

«Estou a falar contigo!», grito.

O tom da minha voz provoca uma reação, finalmente. De repente, a freira para de rastejar no chão. Para. Vira a cabeça para mim, mantendo o resto do corpo completamente imóvel. Com um salto, atira-se a mim. Sou suficientemente rápido para lhe mostrar o crucifixo que tenho numa das mãos. É um gesto providencial. Ela bate com o rosto contra ele e recua como se fosse sacudida por uma força contrária que não esperava encontrar. Fica atónita durante alguns instantes. O assobio transforma-se agora num longo e rouco lamento, pronunciado durante vários minutos sem nunca respirar. Agora, rasteja no chão com menos agilidade. Ela já não se atreve a olhar para mim. Por vezes, quase a ouço suspirar. Não tenho pena dela.

«Quem és tu que te atreves a entrar no corpo desta filha de Deus? Fala! Diz-me quem és!»

A cobra recupera a sua força. E volta a deslizar sinuosamente pela sala. As duas freiras que a acompanharam recuam para junto da parede. Estão petrificadas. Digo-lhes para rezarem o terço. E que não façam mais nada. Elas obedecem-me.

«Canalha que te atreves a importunar esta filha de Deus! Não sabes que Cristo Jesus te venceu para sempre? É inútil tentares resistir. Vai-te embora, volta para o teu interior e nunca mais voltes!»

Não tenho resposta. E não terei resposta nas próximas semanas. Este diabo é um osso duro. Afinal, é sempre assim. Quando um demónio se apodera de uma pessoa religiosa, vende a sua pele muito caro. Não é fácil para ele possuir um padre ou uma freira. É por isso que faz tudo para não se ir embora depois de o ter conseguido. Neste caso, a sua tática é simples. Não fala. Não me diz quem é. Vê-se que está ali, mas mantém-se calado. É a sua tentativa desajeitada, mas parcialmente eficaz, de se esconder.

E depois há a outra tentativa, de me assustar fazendo com que a Irmã Gisella vomite objetos de vários tipos e tamanhos. Em poucos instantes, a freira materializa tesouras, pregos, pedaços de vidro na ponta da língua. Ela cospe-os no chão, aos meus pés. Apanho-os e ponho-os de lado numa caixa que ainda guardo numa gaveta do meu quarto. Não têm qualquer valor para mim: são apenas formas estúpidas de o diabo me tentar assustar. Sem conseguir.

Após dois meses de exorcismos, espero as três freiras para mais uma consulta, mas ninguém aparece. Uma freira telefona-me. Diz que é a superiora da ordem religiosa a que pertence a Irmã Gisella.

«Caro Padre Amorth, agradecemos-lhe por tudo o que fez pela irmã Gisella, mas pensamos que é oportuno parar com os exorcismos», diz-me.

«Porquê?», pergunto eu. Não tenho resposta.

Diz ela: «Decidimos desta forma. É uma decisão da comunidade. Obrigada por tudo. Vemo-nos em breve.»

Nunca mais ouvi falar da Irmã Gisella desde esse dia. O que é que lhe aconteceu? Terá conseguido libertar-se? Ou ainda estará nas mãos do demónio? Porque é que os superiores da Irmã Gisella decidiram parar os exorcismos? É difícil de responder. No entanto, é um facto: quando o demónio entra neles, os padres e as freiras muitas vezes não conseguem libertar-se porque os seus superiores não lhes permitem fazer o exorcismo. Provavelmente, quando começam os exorcismos, a fúria do demónio torna-

se mais evidente, mesmo durante as horas em que os possessos estão em casa. Muitas vezes os exorcismos cansam o demónio, os superiores impacientam-se e preferem interromper. Felizmente, nem sempre isso acontece. Mas acontece muitas vezes, e é um grave prejuízo para os religiosos que estão possuídos.

Com o Padre Francisco, porém, tudo é diferente.

«Entra.»

«Bom dia, Padre Amorth. Sou o Padre Francisco. Chamei-o no outro dia para...»

«Para o exorcismo, eu sei. Primeiro, diz-me. Que tipo de doenças tens?»

«Bem, eu...»

«Não tenhas medo. Conta-me tudo. Não há nada a temer. Estou habituado a estas coisas.»

«Então, acho que estou possuído.»

Ele já me tinha dito isto ao telefone. Mas uma coisa é acreditar que se está possuído, outra coisa é estar efetivamente possuído. Porque é que ele pensa que está possuído?

«Eu, durante a missa, não sei como explicar...»

«O que é que lhe acontece durante a missa?»

«No momento da consagração, levanto a hóstia e...»

«Então, o que é que acontece quando há a consagração?»

«Eu digo “toma e come, isto é o meu corpo”, e depois “toma e bebe, isto é o meu sangue”. Mas dentro de mim só penso uma coisa. Ou melhor, só digo uma coisa.»

«O quê?»

«Não é fácil dizer isto, Padre Amorth.»

«Padre Francisco, eu sou um exorcista. Falo com o mal todos os dias. Não me impressiono com essas coisas. Vá lá, desembuche.»

«Muito bem. Quando levanto a hóstia, no momento exato em que esse pedaço de pão se torna o corpo de Cristo, dentro de mim uma voz forte e poderosa grita uma blasfémia terrível. Tenho de morder a língua para não a proferir em voz alta. Depois, durante toda a missa, sinto-me doente. Apetece-me fugir. Gostaria de sair da igreja e gritar a minha blasfémia com todo o fôlego que tenho na garganta. Não sei como consegui aguentar até hoje. Mas todos os dias, quando rezo a missa, sinto esta terrível agonia.»

«Alguma vez falaste com alguém sobre isto?»

«Nunca.»

«Padre Francisco, diga-me. Há quanto tempo é que isto está a acontecer?»

«Há muito tempo.»

«Quanto tempo exatamente?»

«Desde o dia em que fui ordenado padre. Há nove anos.»

«Há nove anos? E durante nove anos, nunca falou com ninguém sobre isso?»

«Não. Não sabia com quem falar sobre isso.»

«E agora porque é que me vem contar?»

«Porque não aguento mais.»

«Diga-me. Alguma vez participou em rituais satânicos antes de ser ordenado padre?»

«Não, nunca.»

«Já esteve com algum feiticeiro, algum mágico?»

«Não, nunca.»

«Alguma vez sofreu algum mau-olhado?»

«Que eu saiba, não, nunca».

«Já tentou encontrar uma explicação lógica para este fenómeno? Já pensou que origem poderá ter?»

«Tenho andado a pensar muito nisso. Não sei, talvez...»

«Conta-me.»

«Bem, não é fácil dizer.»

«Faça-o.»

«Pouco antes da ordenação, ia todos os fim de semana a uma paróquia para ajudar. Um dia chegou uma mulher. Disse-me que durante anos tinha sentido um “espírito mau” dentro dela. É verdade. Ela disse “espírito mau”. Tive muita pena dela. Ela disse que tinha filhos e que o espírito mau, a atormentava constantemente. Disse-me que o marido e até os filhos tinham começado a marginalizá-la na família, acreditando que ela estava louca. Mais uma vez, senti muita pena dela. Não sei o que me deu, mas tudo aconteceu num instante. Eu disse ao espírito: “Deixa-a em paz! Vem ter comigo.” Tudo se passa num instante. Tive imediatamente a perceção clara de que a coisa dentro daquela mulher me tinha obedecido instantaneamente.»

«Então acha que esse espírito entrou em si e que é esse espírito que o atormenta durante a missa?»

«Sim. Dei essa ordem porque era demasiado dolorosa...»

«Deixe estar. Não precisa de acrescentar mais nada. Teria sido melhor rezar por aquela mulher. E talvez levá-la a um exorcista. Certos pedidos não devem ser feitos nem por brincadeira. Os pedidos, as orações, as súplicas só se fazem a Deus. O nosso orgulho, caro padre Francesco, deve ser mantido à distância. Não salvamos a vida dos outros presumindo que podemos fazer coisas que não estão ao nosso alcance. A vida dos outros salva-se com a oração e muita humildade. Não se brinca com o demónio, admitindo que é o demónio.»

«Bem, e que mais poderia ser?»

«Padre Francisco, confiemo-nos ao bom Deus.»

«Está bem, eu...»

«Já não é tempo de palavras. É, antes, o momento de agir. Se a possessão tem de facto nove anos, é muito tempo. Um tempo muito longo. Vai ser muito difícil. E além disso é padre. Isso torna tudo pior. Padre Francisco, é uma pena que não tenha vindo cá mais cedo. Sente-se naquela cadeira. Agora ponho a estola, pego no óleo sagrado, na água benta, no ritual e tento exorcizá-lo. Vamos lá ver. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Glorioso príncipe dos exércitos celestes, Arcanjo São Miguel, defendei-nos na batalha contra todos os poderes das trevas e a sua malícia espiritual. Vinde em auxílio dos homens criados por Deus à sua imagem e semelhança e resgatados a grande custo da tirania do demónio. Vós sois venerados pela Igreja como seu guardião e patrono, e a vós o Senhor confiou as almas que um dia ocuparão os lugares celestes. Rogai, pois, ao Deus da paz que mantenha Satanás esmagado sob os nossos pés, para que não possa continuar a escravizar os homens e a prejudicar a Igreja. Apresentai as nossas preces ao Altíssimo com as vossas orações, para que as suas misericórdias divinas desçam em breve sobre nós e para que acorrentem o dragão, a antiga serpente, Satanás, e, depois de o terem acorrentado, o façam recuar para o abismo, de onde não mais poderá seduzir as almas.»

«Nada me acontece, Padre Amorth. Nada. Eu estou bem.»

«Estou satisfeito. Aqui, porém, só eu falo. Silêncio, por favor».

«Mas não precisas de falar. Eu estou mesmo bem.»

«Silêncio! Em nome de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, e com a intercessão da Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, de São Miguel Arcanjo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e de todos os Santos, travamos com confiança a batalha contra os ataques e as ciladas do demónio. Que o Senhor se levante e que os seus inimigos sejam dispersos. Fugi da sua presença aqueles que o odeiam. Desapareçam como o fumo: como a cera se derrete no fogo, assim pereçam os pecadores diante da face de Deus.»

«Eu insisto, Padre Amorth. Não há necessidade. Eu estou bem...»

«A minha paciência tem limites, Padre Francisco. Eu disse que só eu é que falo aqui.»

«Está bem, mas estou a dizer isto por si, não há necessidade...»

«Nós te exorcizamos, espírito imundo, poder satânico, invasão do inimigo infernal, com todas as tuas ligas, ajuntamentos e seitas diabólicas, em nome e no poder de Nosso Senhor Jesus Cristo: desarraiga-te da Igreja de Deus, afasta-te das almas redimidas pelo precioso sangue do Cordeiro divino. Doravante não te atrevas, pérfida serpente, a enganar a humanidade, a perverter a Igreja de Deus e a agitar e confundir, como trigo, os eleitos de Deus. É o Deus Altíssimo que to ordena, a quem, no teu grande orgulho, pretendes ser semelhante; é Deus Pai que te ordena; é Deus Filho que te ordena; é Deus Espírito Santo que te ordena; é Cristo que te ordena, o eterno Verbo de Deus feito carne, que, para a salvação da nossa raça, perdida pelo teu ciúme, se humilhou e se tornou obediente até à morte; que edificou a sua Igreja sobre a rocha firme, assegurando que as forças do inferno nunca prevaleceriam contra ela e que permaneceria com ela para sempre, até à consumação dos séculos. Ordena-te o sinal sagrado da cruz e o poder de todos os mistérios da nossa fé cristã. Ordena-te a excelentíssima Mãe de Deus, a Virgem Maria, que desde o primeiro momento da sua imaculada conceção, pela sua humildade, esmagou a vossa cabeça orgulhosa. A fé dos santos Pedro e Paulo e dos outros apóstolos ordena-te. O sangue dos mártires e a poderosa intercessão de todos os santos ordenam-te. Por isso, dragão maldito, e toda a legião diabólica, nós te esconjuramos pelo Deus vivo, pelo Deus verdadeiro, pelo Deus santo; por Deus, que amou tanto o mundo que por ele sacrificou o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna; deixa de enganar as criaturas humanas e de lhes espalhar o veneno da condenação

eterna; deixa de prejudicar a Igreja e de pôr obstáculos à sua liberdade. Desaparece Satanás, inventor e mestre de todos os enganos, inimigo da salvação do homem. Cede o teu lugar a Cristo, sobre o qual as tuas artes não têm poder; cede o teu lugar à Igreja una, santa, católica e apostólica, que o próprio Cristo conquistou com o seu sangue. Humilha-te sob a poderosa mão de Deus, treme e foge à invocação que fazemos do santo e terrível nome daquele Jesus que faz tremer o inferno, a quem estão sujeitas as virtudes do céu, as potências e os domínios, a quem os querubins e os serafins louvam incessantemente, dizendo: «Santo, Santo, Santo o Senhor Deus Sabaoth.» Senhor, escuta a nossa oração. E que o nosso grito chegue até vós.»

«Já acabaste?»

«Ainda não acabei.»

«Talvez não tenhas percebido a minha pergunta... já acabaste padre?»

«Cala-te, espírito imundo. Ainda não percebeste? Aqui mando eu. Cala-te e ouve bem as minhas palavras. Porque agora é esse Deus, que com o seu Filho te destruiu e humilhou de uma vez por todas, que eu chamo aqui em meu auxílio. Pois não eu, mas eu, através do meu Pai, lançar-te-ei no Inferno. Depois fecharei a porta e deitarei fora as chaves. Pois ali ficarás para toda a eternidade. O teu choro e lamento não servirá de nada. Nunca ninguém abrirá a porta. Ouve bem o que tenho para te dizer, dragão imundo, que te iludes pensando que tens o mundo nas tuas mãos, enquanto o que tens se torna pó e o vento o dispersa e nada fica. Escuta bem, porque esta é a oração de Leão XIII contra Satanás e os anjos rebeldes. Esta é a oração mais poderosa que existe. Escuta e treme, porque é o Senhor Deus que chamo diante de ti: Deus do céu, Deus da terra, Deus dos anjos, Deus dos arcanjos, Deus dos profetas, Deus dos apóstolos, Deus dos mártires, Deus dos confessores, Deus das virgens, Deus que tem o poder de dar a vida depois da morte, e a recuperação depois do trabalho, porque não há Deus fora de ti, nem pode haver outro, senão tu, o eterno criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, cujo reino não terá fim; suplicamos humildemente à Vossa gloriosa majestade que nos livre de toda a tirania, cilada, engano e infestação dos espíritos infernais, e nos mantenha sempre incólumes. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen . Livrai-nos, Senhor, das ciladas

do demónio. Para que a Vossa Igreja seja livre no Vosso serviço. Ouvi-nos, nós Vos pedimos, Senhor. Que Vos digneis humilhar os inimigos da santa Igreja. Ouvi-nos, nós Vos pedimos, Senhor.»

Agora, um silêncio gelado envolve o ar em redor. Eu terminei e o Padre Francisco parece chocado.

«Agora já acabei, Padre Francisco. Pode levantar-se. O exorcismo acabou. Não tenha medo. Agora pode falar, meu filho. Vá lá, vá lá, levante-se.»

«O que é que aconteceu?»

«Fiz-lhe um exorcismo. O espírito saiu um pouco. Está lá. Temos de nos ver muitas vezes.»

«É sério?»

«Dom Francisco, não é uma doença. É uma possessão. Nove anos é muito tempo. Não sei quanto tempo será necessário para a libertar. Agora só tem de fazer uma coisa: rezar a missa todos os dias, rezar o breviário e rezar o terço. Às sextas-feiras, jejua completamente. Abstenha-se todos os dias de comer carne. Reze o mais que puder. Vemo-nos uma vez por semana. E veremos como corre.»

Serão precisos anos para libertar o padre Francisco. Um padre possuído não é água fresca. Porque é que Deus permite tudo isto? Muitas vezes, para que o possesso ganhe em santidade. Os sofrimentos do Padre Francisco serviram-lhe certamente a ele e, de forma misteriosa, a muitos outros. Sofrer em silêncio. Sofrer dores tão terríveis. E oferecer esses sofrimentos pelo próximo. É uma maneira eficaz de fazer o bem. Quem é que vê este sofrimento? Ninguém. Está escondido do homem, mas é claramente visível para Deus. Deus vê-o e serve-se dele para ajudar aqueles que não podem sofrer. Quem está doente e não consegue aguentar. Quem peca e não consegue libertar-se do pecado. Aqueles que não têm fé. O Padre Francisco hoje está livre. Mas deve dar graças pelo sofrimento que suportou. A sua escuridão, aceite e oferecida a Deus, deu luz, estou convencido, a muitas pessoas.

É claro que é terrível que uma pessoa religiosa, que entregou a sua existência a Deus, caia nas mãos do demónio, mas isso não deve ser uma surpresa. Ninguém está imune aos ataques do mal. Mesmo os religiosos,

mesmo os padres, as freiras, os bispos, os cardeais, o Papa. Ninguém está imune. Quando penso nos religiosos possessos, penso sempre que é contra eles que Satanás se lança de forma particularmente violenta. Por isso, se não forem homens de grande fé e, sobretudo, de muita oração, correm infelizmente o risco de cair. E podem condenar-se, como toda a gente. Satanás tenta mais aqueles que se dedicam a Deus, porque conquistar um padre significa conquistar, em cascata, muitas outras almas, as almas daqueles que estão ligados ao padre. Um padre no inferno significa muitas mais almas no inferno, atrás dele.

Mas Satanás também ataca aqueles que não se querem render a ele. Por vezes, apodera-se mesmo de pessoas, padres, freiras ou mesmo leigos, que são voluntariamente retos na sua oposição ao mal.

Satanás é mau e o mal é muitas vezes cego. Lembram-se de Jesus? Pensem no que ele teve de suportar antes de morrer. Ele era o cordeiro inocente. Ele tinha do seu lado Deus, seu pai, mas o mal não o poupou. Caiu sobre ele até ao ponto de o matar. Afinal, as possessões também podem ser lidas desta forma: como ataques violentos do demónio que atingem indiscriminadamente até os inocentes. As possessões, como o mal em geral, nem sempre têm uma explicação. Por vezes, até a pessoa mais santa e inocente deste mundo pode ser atingida pelo demónio.

É o grande mistério desta vida: a cegueira do mal.

É por isso que nunca tento dar demasiadas explicações aos possuídos. Eles estão lá. E contra eles é preciso rezar a Deus. Rezar, rezar e rezar de novo.

Uma história semelhante à de D. Francisco aconteceu a Mário. Ele não é padre nem religioso. Antes da possessão, era um homem de família cheio de Deus. Era um empresário estabelecido, com muito dinheiro e muitas bênçãos para a sua família. Até que, um dia, chegou a altura de se reformar. Quando finalmente pôde dedicar mais tempo a si próprio e ao seu espírito, algo estranho entrou nele. Era o próprio Satanás que o atacava.

É uma manhã soalheira de junho em Berna, na Suíça. O último dia de trabalho chegou finalmente. Após quatro décadas de trabalho árduo e uma carreira que o levou ao topo da medicina no país, Mário entra pela porta do seu hospital pela última vez. Não gosta de olhar para trás. Não conhece o

significado da palavra nostalgia. Gosta de olhar sempre em frente. Pensar no futuro. Nos anos que, agora, poderá dedicar-se mais livremente à sua mulher, Milena, e a Deus. Quer viajar com ela e, juntos, dedicarem-se ao seu próprio espírito, à sua própria alma.

Mário é um católico praticante. É uma das almas mais devotas da paróquia onde vive. Por isso, o último dia na empresa é um dia de festa para ele. O fim de uma parte da vida e a ocasião para um novo começo. O dia passa rapidamente, entre brindes e abraços. À noite, antes de regressar a casa, Mário passa por uma florista. Compra um ramo de flores para a mulher. Entra em casa, abraça-a e senta-se para jantar.

«Mário, vamos rezar uma oração antes de começarmos. Damos graças a Deus».

Milena recita um *Glória ao Pai*. Mário, estranhamente, permanece em silêncio.

«Não rezas comigo?»

Mário tem uma cara estranha. O amor com que olhava para a mulher há momentos transformou-se em ódio.

«Cala-te!», grita ele. Levanta-se e fecha-se na casa de banho. Milena não sabe o que dizer. Fica sem palavras.

«Mário, o que é que se passa?» Silêncio.

«Mário, diz-me alguma coisa!» Continua o silêncio.

Depois de várias perguntas, Mário abre a porta. Parece ter recuperado o juízo.

«Desculpa», diz ele. «Não sei o que me deu. Vamos jantar.»

Nos dias seguintes, tudo parece normal. Os dois cônjuges vivem bem. A recordação dessa noite não é mais do que uma má memória, pelo menos para Milena.

«Talvez», pensou a mulher depois, «o dia de trabalho particularmente eletrizante do último dia, lhe tenha subido um pouco à cabeça. Mas agora, felizmente, já passou».

Na verdade, nada acabou. Mário aprendeu a simular. Não quer voltar a magoar a mulher, mas quando ela reza, ele fica louco. Mas consegue controlar-se. Também reza com ela. Apesar do facto de, dentro dele, cada vez que Milena reza, alguma coisa acordar.

«O que é isto?», pergunta-se.

E sobretudo: «Quem é ele?»

Não é fácil para Mário esconder dentro de si esta nova presença que o invade. Domingo, na missa, é uma hora de batalha furiosa. Mário contra si próprio. Mário contra a sua própria alma. Ou melhor, contra alguém presente dentro da sua própria alma. Mário sente-o, sabe que está lá, mas não o consegue nomear. Quando o padre começa a rezar a missa de domingo, Mário sente como se todo o ódio do mundo se concentrasse contra ele. É um ódio que não pode ser explicado. Feroz. Violento. Assassino. É um sentimento que vem de um mundo distante. Escuro. Remoto. E também desesperado.

Mário finge que não é nada, mas não é fácil. Até porque, quanto mais dias passam, mais violentos são os ataques. Difíceis de conter.

Um dia, marido e mulher estão à mesa. É um encontro que Mário teme particularmente. Porque Milena, como sempre, quer rezar. Mário não se atreve a dizer-lhe para não o fazer.

«Mário, vamos rezar uma Ave-Maria.»

«Vamos.»

Com um esforço sobre-humano, Mário consegue concluir a oração. Mas Milena apercebe-se de que algo está errado. E, no seu coração, recita a Ave-Maria uma segunda vez em silêncio. Mário, ou melhor, o que está dentro dele, ouve esta oração vinda do coração da sua mulher. E ataca. Mário não está preparado. Não espera a oração silenciosa de Milena e, por isso, não tem tempo para resistir ao que está dentro dele. O seu corpo é movido por uma vontade que não é a sua. É ele que age, mas ao mesmo tempo não é ele.

Levanta-se bruscamente e vira a mesa.

«Para com isso!», grita ele.

E ainda: «Para com isso! Não compreendes que tens de parar de rezar! Já chega! Basta! Basta!»

O rosto de Mário está a um centímetro de distância do de Milena que, pálida, não reage.

Mário cede. Quando recupera, conta tudo a Milena.

«Querida, não sei explicar o que me está a acontecer. Só sei que, de cada vez que alguém reza, sinto uma aversão louca dentro de mim. Tenho de me conter para não gritar. Para não atacar aqueles que rezam. Pensava que, quando me reformasse, me dedicaria mais intensamente a Deus, mas não. Hoje, se há alguém de quem não consigo deixar de fugir, é de Deus.»

O casal passa por meses difíceis. Inicialmente, recorrem aos médicos, mas os problemas de Mário não diminuem, pelo contrário, aumentam. Os médicos dão-lhe sedativos. Estes têm um efeito extasiante sobre ele. Passa horas fechado num quarto. É um quarto da casa destinada aos hóspedes. Torna-se o ninho de Mário. Passa lá dias inteiros. Até passa lá a noite. Só sai para ir à casa de banho. Às vezes, nem sempre. Porque muitas vezes defeca e urina lá. Por isso, Milena, não sem grande esforço, tem de limpar nos poucos minutos que Mário lhe permite entrar.

Um dia, Milena decide que tem de tentar abalar o marido. Pela primeira vez, entra no quarto dele sem avisar. Abre a porta e a visão que tem diante de si é arrepiante. Mário está deitado no chão. Há dias que não faz a barba. A barba é longa e chega-lhe ao peito. Um cheiro nauseabundo escapa-se do quarto. Não é apenas o cheiro da sujidade. É algo mais. É um cheiro desconhecido e terrível, de morte, um cheiro que parece vir de um abismo sem fim. A mulher olha para a parede. Quase desmaia. Gravada em sangue está uma grande cruz entrelaçada.

E, por baixo, uma inscrição. «Eu sou Deus.»

«Mário, o que é que fizeste?»

«Quem são vocês? Fora daqui?»

«Mário, sou eu, a Milena. O que é que fizeste?»

«Vai-te embora. Eu não sei quem tu és. Vai-te embora.»

«Não me vou embora enquanto não me disseres o que fizeste.»

Mário levanta-se. Empurra violentamente Milena para fora do quarto e fecha a porta.

A mulher levanta-se. Atira-se contra a porta e começa a bater com os punhos.

«Mário, já chega! Mário, já chega!», diz ela, a chorar. E ela chora durante minutos inteiros. Sem parar. Ela fora da porta. Lá dentro, Mário não responde mais. Até que, surpreendentemente, diz:

«Não sou eu.»

«O quê, Mário, o que é que disseste?»

«Não sou eu, não percebes? É ele.»

«Quem é ele?»

«É ele que me possui. É ele que faz tudo. Por favor, ajuda-me.»

Aqui está uma lacuna. Eis a vontade do homem que, nem que seja por um momento, tenta ainda agarrar-se à vida, negando a presença do mal. E é assim que a mulher se apercebe de que não pode esperar mais. Sai de casa e vai à paróquia. Encontra o pároco e diz-lhe:

«Padre, não aguento mais. O Mário precisa de ajuda. Ou será o fim.»

O pastor, juntamente com Milena, bate à porta de quase todos os bispos da Suíça. Ninguém é capaz de os ajudar. Ou melhor, ninguém os quer ajudar. Porquê? Porque ninguém – é uma verdade amarga – acredita na existência de Satanás. Não acreditam e, portanto, não acreditam no exorcismo. Então, telefonaram os dois para Roma. E depois de alguns telefonemas, chegam até mim.

Foi pouco antes do Natal que toquei à campainha da casa do casal. O pároco de Mário e Milena contactou-me, pedindo-me que interviesse. Tenho tantas pessoas para exorcizar. Não me apetece fazer mais um, mas o pároco insiste e eu não sei como dizer não quando as pessoas insistem. Eu preferia que tivessem ambos vindo ter comigo, mas Milena não conseguiu convencer o marido.

«Anda Mário, vamos ter com o Padre Amorth, ele vai ajudar-nos.»

«Não. Se ele quiser que venha ele. Eu não me vou mexer.»

É difícil, quando a possessão está tão enraizada, determinar onde começa a vontade do homem e onde começa a do demónio.

Toco à campainha. Milena é uma senhora idosa. Tem os olhos inchados, como se tivesse estado a chorar muito tempo, mas é uma mulher forte e enérgica. E, sobretudo, de grande fé.

«Padre, não sabe como estou contente por ter vindo aqui. O meu marido está na sala, à sua espera.»

Entro na sala. No sofá, está sentado um homem magro, de cabelo comprido e barba por fazer.

«Bom dia, deve ser o Mário, não é?» Sem resposta.

«Mário, está a ouvir-me? Eu sou o Padre Gabriele Amorth. Disseram-me que precisava de mim, consegue ouvir-me?»

Sem resposta.

Mário é uma estátua de sal. Não fala nem reage. O seu olhar parece perdido no vazio.

«Minha senhora, mas nem a si lhe responde?»

«Quase nunca. Agora se fala comigo, é apenas para gritar insultos. Padre, por favor, ajude-nos.»

«Mário, sou o Padre Amorth. Vou dizer uma oração por si agora, está bem?» Sem resposta.

Começo a oração de exorcismo. Mário não reage. Não se mexe nem fala. Chego ao fim do exorcismo sem qualquer problema. Despeço-me então de Milena e prometo voltar no dia seguinte.

«Até amanhã. Se o Mário está mesmo possuído, o demónio que o possui sabe esconder-se.»

No dia seguinte, a cena repete-se. Mário continua sentado no corredor. A mesma roupa. A mesma postura. O mesmo rosto.

Às minhas perguntas ele não responde. Ao exorcismo não responde. E assim será durante todo o mês. Vou ter com ele três vezes por semana e a reação é sempre a mesma. Não sei o que fazer. Não sei o que pensar. Por isso, tento sugerir outro caminho à mulher dele. Digo-lhe:

«Porque não tenta chamar outra pessoa? Há um exorcista muito bom no norte de Itália, não muito longe daqui. Penso que é necessário tentar com outra pessoa. Comigo, ele não reage. Talvez o demónio seja demasiado inteligente e compreenda que esconder-se é a sua única salvação. Mas se calhar, se tentar com outra pessoa em vez de mim, pode ser diferente.»

Entro em contacto com este meu amigo, Dom Saverio, que visita Mário no mês seguinte.

No dia seguinte à consulta, telefono a Dom Saverio.

«Como é que correu?»

«Uma possessão terrível.»

«A sério? Comigo o Mário não reagiu.»

«Comigo, sim. Assim que comecei o exorcismo, os seus olhos ficaram brancos, atirou-se para o chão. Espumava pela boca, mas não falou comigo. Disse-me apenas: “Tu não sabes quem eu sou, sou o príncipe das trevas, sou Satanás, o que pensas que estás a fazer comigo, padre?” Acho que é muito difícil.»

Mário e Milena veem Dom Saverio várias vezes durante as semanas seguintes. Mas ele nunca consegue libertar-se.

Um dia, anos mais tarde, o telefone toca em minha casa.

«Bom dia, Padre Amorth, eu sou a Milena, a mulher do Mário, lembra-se de mim?»

«Claro que me lembro. Como poderia esquecer-me? Como é que está?»

«Eu, bem.»

«E o seu marido?» Silêncio.

«Minha senhora, passa-se alguma coisa? Como está o seu marido?»

«Ele morreu ontem à noite.»

«Sra. Milena, desculpe. Como é que isso aconteceu?»

«Ele estava fechado no quarto. Conseguia ouvi-lo a gritar. A certa altura, ouvi-o dizer: “Deixem-me em paz! Deixem-me em paz!” Depois ouvi um estrondo. Abri a porta e encontrei-o no chão, morto. Tinha tido um ataque cardíaco. Padre Amorth, ele nunca se libertou, nunca se libertou.»

Milena chora inconsolavelmente.

«Querida Milena, mas agora tudo acabou. Agora Mário está em paz.»

«A sério? Como é que sabe?»

«Milena, o seu marido era um homem santo. A possessão permanece um mistério, mas, sem dúvida, os seus sofrimentos foram permitidos por Deus para a sua salvação e a de muitas outras pessoas.»

«Padre, o meu marido era mesmo um santo, não sei como é que isto foi possível.»

«Milena, não se martirize com demasiadas perguntas. Reze pelo Mário e tenha fé de que tudo se resolveu pelo melhor para ele.»

É uma luta difícil contra o demónio. E é uma luta que também se pode perder. É um combate que nós, exorcistas, travamos na linha da frente. Mas connosco, a lutar na linha da frente, estão também os possessos. Também eles lutam. E fazem-no com um sofrimento atroz. Fazem-no aparentemente levando uma vida normal. Porque é aí que reside a sua cruz: ser possuído mas, ao mesmo tempo, obrigado a viver como toda a gente. Ter dentro de si um fogo que o devora, mas não poder contar a ninguém.

Simona é uma mulher de 40 anos. Tem um cargo de gestão numa importante empresa no norte de Itália. Todos os dias tem de interagir com outras pessoas, a secretária pessoal, colegas, telefonemas de clientes, reuniões. O seu trabalho é apaixonante, mas também muito exigente. É um cargo muito cobiçado e muito difícil de alcançar. É uma pena que, para chegar àquele nível, Simona tenha tido de jogar sujo, muito sujo.

Fez um pacto com Satanás.

«Vendo-te a minha alma se me levares ao topo», disse Simona a Satanás durante uma sessão para que foi convidada por um adepto de uma poderosa seita satânica. Antes de assistir à sessão, essa pessoa diz-lhe: «Simona, queres fazer carreira e ganhar muito dinheiro? Vende a tua alma a Satanás. Vais ver quantos benefícios vais ter!» E Simona, assim que entra na sessão, faz o que o amigo maldosamente lhe tinha sugerido.

E o que é que Satanás faz? Ouve-a prontamente.

Em cinco meses, Simona conseguiu subir os degraus decisivos para os cargos de direção mais cobiçados. De simples empregada, passa a executiva, com um salário mais do que triplicado e benefícios em abundância.

Mas o pacto com o diabo não é isento de preço. De facto, entregar a alma ao diabo implica ter de levar uma vida continuamente controlada pelo próprio diabo.

Simona apercebe-se rapidamente de que a presença de Satanás na sua vida é tudo menos discreta. Ele, Satanás, faz-se presente com frequência, mesmo no trabalho. Afinal, que mais pode ela fazer? A alma é dele, já não é de Simona. E, portanto, com a sua alma, ele pode fazer o que lhe apetece.

Como é que Satanás se faz presente? Com ataques furiosos. Ataques de raiva e de ódio. Simona tem de correr para a casa de banho, trancar-se lá dentro quando estes ataques aumentam, caso contrário arrisca-se a ter incidentes com gravidade.

Está frequentemente sozinha com a sua secretária. De repente, um ódio furioso cega-lhe a mente. Tudo dentro dela diz: «Atira-te a ela, bate-lhe, mata-a!»

Simona tem de fugir. Tranca-se na casa de banho. Dá pontapés e murros na parede. Durante cinco minutos, bate violentamente contra a parede da casa de banho e depois acalma-se. A explosão é violenta. Muitas vezes, Simona dá cabeçadas na parede e, quando sai da casa de banho, as marcas são difíceis de esconder. Mas se ela não agir desta forma, as consequências para as pessoas que a rodeiam podem ser devastadoras. Após a explosão, aparentemente tudo volta ao normal, até que um novo ataque se torna novamente violento.

Simona descobre rapidamente que o pacto com o diabo é um *boomerang* para a sua vida. É verdade: ela ganha muito dinheiro e é uma executiva importante, mas a sua vida tornou-se um inferno no verdadeiro sentido da

palavra. Satanás ataca-a todos os dias, mesmo nos momentos mais inoportunos. E livrar-se dele é, de facto, impossível.

É por isso que ela vem pedir-me ajuda. Ponho-a imediatamente num regime de oração diária. Depois digo-lhe para cortar todas as relações com a pessoa que a levou à sessão espírita. Apercebo-me da influência negativa dessa pessoa na vida de Simona e peço-lhe para cortar todas as relações. Depois digo-lhe: «Uma vez por semana temos de fazer um exorcismo e ver como corre.»

«E quando Satanás me ataca no trabalho, o que é que eu devo fazer, padre?»

«Antes de mais, esconde-te. De momento, é o ideal. Não serás capaz de lhe resistir. Mas, ao mesmo tempo, enquanto te escondes, procura rezar. Diz esta oração: "Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós." Sabes que oração é esta? É a única oração que Nossa Senhora alguma vez ditou. E, por isso, é uma oração muito importante, porque sai diretamente do coração de Nossa Senhora. Era a noite de 18 de julho de 1830. Catarina Labouré, filha da Caridade de S. Vicente de Paulo, ouviu-se chamar do pé da sua cama: "Irmã Labouré! Irmã Labouré!" Ela acorda e vê uma criança resplandecente de luz, seu anjo da guarda, convidando-a a ir à capela: "Vem à capela, Nossa Senhora está à tua espera", disse-lhe. Catarina veste-se e segue o anjo. Na capela, a jovem irmã foi conduzida até ao presbitério, onde Nossa Senhora lhe apareceu. Assim começou uma conversa entre Nossa Senhora e Catarina que durou mais de duas horas. Antes de desaparecer, Nossa Senhora disse a Catarina: "Eu voltarei, minha filha, porque tenho uma missão a confiar-te." De repente, o pequeno globo que Nossa Senhora segurava sobre o seu coração desapareceu para cima e as suas mãos baixaram, envolvendo o mundo sob os seus pés com raios de luz, símbolo das graças alcançadas. Depois, à volta da figura de Nossa Senhora, formou-se uma moldura oval com as palavras da jaculatória em letras douradas: "Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!" Depois, o quadro parece dar uma volta. A figura de Nossa Senhora desapareceu e um grande M, encimado por uma cruz, brilhou no centro. Por baixo do M, brilhavam os corações sagrados de Jesus e de Maria. À volta deles, doze estrelas. A vidente ouviu uma voz que lhe dizia: "Manda cunhar uma medalha neste modelo, as pessoas que a usarem ao pescoço com confiança receberão grandes graças!" A medalha da

Imaculada Conceição, cunhada em 1832, foi chamada pelo próprio povo Medalha Milagrosa, devido ao grande número de graças espirituais e materiais obtidas por intercessão de Maria. Algum tempo depois, Nossa Senhora apareceu uma segunda vez. Tinha uma veste branco-aurora, um manto azul, um véu branco na cabeça e estava de pé sobre uma meia esfera, rodeada por uma serpente esverdeada. À altura do coração, Nossa Senhora segurava nas mãos e apertava com carinho um outro globo de ouro, oferecendo-o a Deus com uma atitude maternal. Uma voz disse à vidente: "Este pequeno globo simboliza o mundo inteiro e cada alma em particular." Então os dedos de Nossa Senhora encheram-se de anéis brilhantes, adornados com pedras preciosas que irradiavam raios de luz para baixo. Então, Simona, usa também tu esta medalha ao pescoço e quando o ataque de Satanás for furioso, recita esta oração com fé.»

Simona volta às suas ocupações. Os exorcismos revelam-se muito pacíficos. O demónio, durante os exorcismos, consegue manter-se escondido.

Aparentemente, Simona está bem. Mas depois, quando volta ao trabalho, o diabo mostra-se com toda a sua força. Com Simona, sou claro desde o início: «Não acredites que tudo se vai resolver num instante. Vendeste a tua alma a Satanás. Agora vai levar anos para a recuperar. Tenho a certeza disso.»

No trabalho, a Simona tenta pôr em prática a minha «técnica». Durante os ataques, foge para a casa de banho e aí recita a oração que lhe ensinei, segurando com força a Medalha Milagrosa. Inicialmente, esta oração não tem qualquer efeito, mas passados alguns meses, o resultado aparece. Quando a Simona sai da casa de banho, já não está marcada por nódoas negras e hematomas. Ainda bate com a cabeça na parede, dá pontapés e murros na parede, mas, misteriosamente, o seu corpo não é afetado.

«Já viste?», pergunto-lhe.

«Satanás ainda está em ti, mas Nossa Senhora também está a fazer a sua parte. Vais ver, tudo vai correr bem.»

Passam dois anos e Simona vê-se confrontada com um grande dilema no trabalho. O chefe da empresa oferece-lhe mais uma promoção numa bandeja de prata. Propõe-lhe torná-la sua adjunta, essencialmente o número dois de toda a empresa. Só que a promoção tem um custo: o despedimento do atual diretor-adjunto. Simona fala comigo sobre o assunto. Eu digo-lhe:

«Desiste da proposta. Esta é a prova do céu. Satanás fez a tua carreira. Agora oferece-te uma nova promoção. E o facto de ta oferecer é óbvio: oferece-ta à custa do trabalho do teu colega. Para isso, só tens uma coisa a fazer: renunciar. Tem fé em Nossa Senhora. Se disseres sim ao demónio, será a prova de que estás do lado dele e essa prova será usada por ele contra Nossa Senhora diante de Jesus. Renuncia e confia em Nossa Senhora.»

«Mas Padre Gabriele, se eu disser que não, outro no meu lugar dirá que sim e o diretor-adjunto será despedido na mesma...»

«Sim, mas terás a consciência tranquila. E o facto de dizeres não a Satanás será de grande ajuda para a tua libertação.»

Simona não aceita a proposta do seu chefe. Este, incrédulo, toma nota da sua decisão. A partir desse momento, a carreira da Simona começa a descer em espiral. Em seis meses, é despedida. Será este o fim de tudo? Não, é o início de tudo. Simona fica desempregada durante dois anos. São dois anos muito difíceis para ela. Eu apoio-a, dizendo-lhe para ter fé. Depois de dois anos, ela livra-se de Satanás. Acontece numa tarde. Ela está em casa com uma amiga. Ela sente Satanás a tornar-se presente dentro dela. Sente o seu ódio por tudo e por todos a crescer dentro dela. Sente que odeia a amiga e tem vontade de a matar. Corre para a casa de banho, mas em vez de dar pontapés, grita. No fim do grito, ela está livre. Nos dias seguintes, a sua vida muda. Encontra um novo emprego. A luz volta a brilhar.

Simona descobriria mais tarde. Durante aqueles anos, sem o seu conhecimento, fiz com que muitas pessoas rezassem por ela. Estas orações também a ajudaram. Estas pessoas que rezam são uma bênção do céu. Uma bênção para os meus exorcismos. Ao longo dos anos, tive muitas pessoas ao meu lado que me apoiaram com orações. Juntos, tive também uma pessoa especial. Uma pessoa com um carisma único. Sem ela, o meu trabalho teria sido muito, muito mais difícil.

Um dia, uma jovem farmacêutica vem ter comigo. Está possuída e não consegue libertar-se. No entanto, diz-me que a sua vida melhorou muito desde que conheceu «o professor».

«Desde que conheces quem?»

«“O Professor”, Padre Amorth. Toda a gente lhe chama assim. Vive numa pequena aldeia no centro de Itália. Foi ele que me ajudou e me falou do lenço vermelho.»

«Peço desculpa, mas não a estou a conseguir seguir. Que história é essa do lenço?»

«Um dia, um amigo, que sabia da minha possessão, deu-me o número de telefone de uma pessoa, "o professor", um médium que me disseram ser capaz de dar grandes benefícios às pessoas. Telefonei-lhe, contei-lhe a possessão e pedi-lhe ajuda. Sem nunca me ter visto ou falado comigo antes, disse-me para ir para o meu quarto. Disse-me: "No teu quarto tens um roupeiro de três portas. No fundo do armário da esquerda está escondido um lenço vermelho com um nó. Pega nele. Queima-o. Esse lenço está amaldiçoado. Se fizeres isso, a tua vida será melhor." Incrédula, vou para o meu quarto. Esvazio o roupeiro e no fundo da porta esquerda encontro o lenço. Não sei explicar como é que lá foi parar, mas está lá. Pego nele. Queimo-o e sinto-me imediatamente melhor.»

Ao ouvir esta história, não imagino que, em breve, «o professor» se tornará também indispensável para mim. Não imagino que seja ele a dar-me uma grande ajuda, sobretudo quando me deparo com casos de possessão que não consigo resolver.

«O professor» é um médium. Vive no centro de Itália. Tem um dom muito especial que lhe permite reconhecer, só pelo facto de estar ao telefone, se a pessoa que fala com ele está possuída ou não. E não é só isso. Consegue saber de onde vem a possessão. Se é causada por um mal adquirido através de um mágico ou de um satanista ou por qualquer outra coisa. Já lhe telefonei muitas vezes, mas nunca o encontrei pessoalmente.

Estou convencido de que posso confiar nele quando Gianluca, um senhor de 50 anos com uma possessão muito profunda, vem ter comigo. Recebo-o em casa e pergunto-lhe imediatamente:

«Há quanto tempo tem estas perturbações?»

«Desde que era pequeno.»

«E durante todos estes anos, o que é que fez para combater estes fenómenos?»

«Padre Amorth, eu não fiz nada.»

O Gianluca tem 50 anos. Nunca foi à igreja. Não acredita. Declara-se ateu.

Aos 6 anos de idade, começa a ter algumas perturbações ligeiras. À noite, não consegue dormir. Ouve vozes que falam com ele no escuro: «Gianluca, Gianluca, não consegues dormir. Nós estamos aqui, tens de ter cuidado. Não consegues dormir, Gianluca. Nós vamos buscar-te e levar-te embora. Gianluca...»

Os pais não prestam muita atenção a estes fenómenos.

Pensam: «Ele vai crescer. São perturbações da idade.»

E Gianluca também tenta não pensar demasiado no assunto. Os meses passam e as queixas não diminuem, pelo contrário, aumentam. Passa noites sem dormir e está agitado durante o dia. Está sempre a zangar-se com tudo e com todos. Os pais acreditam que ele tem problemas de caráter. Levam-no a um psicólogo. A situação não melhora. Pelo contrário, piora. Quanto mais velho fica, mais os problemas de «caráter» se agravam. O seu desempenho escolar é mau. Na escola secundária, reprova. Os seus colegas marginalizam-no. Não o têm em consideração. Se puderem, gozam com ele. Gianluca sofre, mas os pais não o ajudam muito. Nem os professores, que se limitam a dizer que «até às melhores famílias acontece ter uma maçã podre em casa».

O Gianluca não consegue ter relações normais com ninguém. Não tem amigos. Não tem namoradas. Não tem amores. Sai cedo da escola. Procura trabalho, mas não o encontra. Fica desempregado durante anos. Por vezes, consegue fazer pequenos trabalhos por muito pouco dinheiro. Nunca consegue um emprego estável. As vozes acompanham-no sempre. Seguem-no e atormentam-no. Agora, não aparecem apenas à noite. Mas também durante o dia, sempre. Perturbam-no a toda a hora. São inúmeras. Constantes. Um pesadelo sem fim. Os médicos não sabem o que fazer com ele. Os medicamentos não o acalmam. As psicoterapias não o levam a lado nenhum.

«Talvez ele seja apenas louco», pensaram todos.

A religião, o cristianismo são temas que não lhe tocam nem o entusiasmam. Um dia, na Internet, lê a história de uma pessoa que, como ele, ouviu vozes durante anos e que, após imenso sofrimento, deixou de as ouvir graças à ajuda de um exorcista. Esse exorcista sou eu.

O Gianluca consegue encontrar o meu número de telefone.

Ele telefona-me e eu marco-lhe uma consulta.

«Então, durante 50 anos, nunca foste à igreja.»

«Nunca.»

«És batizado?»

«Não.»

«Sabes o que é a Eucaristia?»

Não.»

«Sabes o que significa viver perpetuamente fora da graça de Deus?»

«Não.»

«Gianluca, porque vieste ter comigo? Eu sou um exorcista...»

«Eu sei.»

«O que é um exorcista?»

«Aquele que expulsa o demónio, penso eu.»

«Pensas bem. Mas é alguém que o expulsa, não em nome próprio, mas em nome de Jesus Cristo. Pensas que tens um demónio dentro de ti?»

«Muitos demónios, talvez. As vozes que ouço são muitas e diferentes.»

«Sabes que, se realmente tens demónios dentro de ti e se esses demónios te têm possuído desde criança, a luta pela libertação será muito difícil, talvez impossível de vencer? Sabes que terás de aceitar que é Cristo que te libertará? Se não o quiserdes, ele não pode.»

Silêncio.

«Ouve, Gianluca. Para te ajudar, tenho de tentar descobrir se estás mesmo possuído e, se estiveres, quando e porquê começou essa possessão. Descobrir a causa pode ser um bom começo. É por isso que te peço para ligares para este número de telefone quando chegares a casa. Um médium irá atender. Penso que ele é muito bom e conhecedor. Em todo o caso, se não for, um telefonema não fará mal. Liga-lhe. Pede-lhe que te ajude. Pergunte-lhe se ele acha que estás mesmo possuído e como é possível que o demónio tenha entrado em ti. Depois, vem ter comigo amanhã e diz-me.»

Gianluca regressa a casa. Entra. Senta-se no cadeirão. E marca o número do «professor».

«Boa noite, peço desculpa pelo incómodo, o Padre Amorth deu-me o seu número.»

«Sim, diga.»

«Eu gostaria de saber...»

«Quer saber se está possuído.»

«Exatamente».

«Como é que se chama?»

«Gianluca.»

«Que idade tem?»

«Cinquenta.»

«Gianluca, é filho único, não é?»

«Sim.»

«Aos 6 anos, começou a ouvir vozes à noite. E essas vozes não o deixavam dormir.»

«Sim.»

«A sua mãe não sabe. Mas, nessa altura, um conhecido da sua família (o médium diz a Gianluca o primeiro e último nome da pessoa) deitou um mau-olhado à sua mãe. Essa pessoa pediu ajuda a um mágico que, pagando-se, pediu ajuda a Satanás. O mau-olhado enraizou-se. Vários demónios entraram na sua mãe, mas também em si. Ela sofre por causa desta maldição poderosa.»

«Não sei o que dizer. Sei que esta pessoa tinha várias razões para nos odiar... mas não pensei que...»

«O mal é imprevisível. E ataca das formas mais estranhas, mas ataca, infelizmente. Depois, quanto mais crescia, mais as vozes o incomodavam. Os médicos nunca o ajudaram. Consultou muitos. Na escola secundária, reprovou. Os seus colegas de turma marginalizaram-no. Procurou trabalho, mas nunca o encontrou. Um emprego estável, quero eu dizer. Assim, os anos foram passando. As vozes nunca deixaram de o assombrar. Tornaram-se cada vez mais poderosas e invasivas. E agora quer livrar-se delas, com a ajuda do Padre Amorth.»

«Ouça, como é que sabe estas coisas? Falou com o Padre Amorth? Com alguém da minha família?»

«Não falei com o Padre Amorth nem com ninguém da sua família. Não preciso de o fazer. Sou médium. É um dom que me foi dado por Deus. Peça ao Padre Amorth que o ajude. E diga-lhe para lhe fazer o exorcismo com o objetivo de quebrar esta maldição antiga, mas ainda poderosa. Pode ser que o feiticeiro tenha morrido, e que já não lhe possa fazer mal, mas pode ainda estar vivo e, de alguma forma, vir a aperceber-se de que um exorcista está a agir sobre ele. Tenha fé no Padre Amorth. Os meus cumprimentos e dê cumprimentos meus ao Padre Amorth.»

No dia seguinte, Gianluca vem ter comigo. Fala-me do telefonema. Fico sem palavras. Apercebo-me de que «o professor» pode dar-me uma grande ajuda, não só com o Gianluca, mas também com outras pessoas possuídas. Descobrir a origem da possessão é crucial para a liberdade. Por isso, exorcizo o Gianluca com a intenção específica de lhe retirar esta maldição.

Quarenta anos não podem ser apagados com um exorcismo.

Quarenta anos é muito tempo. Muitíssimo. Satanás, em tanto tempo, conseguiu criar raízes muito profundas. Por isso, aqui não estamos a lidar com um demónio, mas com muitos demónios. A tarefa é das mais difíceis. Apercebo-me imediatamente de que o mágico ainda está vivo. Graças a telefonemas posteriores para o «professor», fico a saber que ele se apercebeu dos meus exorcismos. E por isso repete todas as semanas a maldição contra o Gianluca, mas um feitiço maléfico repetido perde cada vez mais a sua força. Eu puxo para um lado. O mágico para o outro. Mas o mais forte sou eu, porque Cristo é mais forte do que Satanás. Cristo é Deus. Satanás é apenas um anjo que decidiu rebelar-se contra Deus para sempre.

Há anos que me encontro com o Gianluca. A batalha é feroz, mas, no fim, Cristo triunfa. E o mágico é derrotado. Sem a ajuda do «professor», tudo teria sido diferente. Por isso, começo também a recomendar o seu nome a outros exorcistas. E muitos beneficiam com isso. Lembro-me, por exemplo, do que aconteceu a um exorcista, o Padre Gerard, quando um dia teve de ir a uma casa. Não uma casa qualquer. Mas a uma casa de doentes.

Há muitas casas assombradas no mundo. São casas onde talvez tenha vivido um satanista durante anos. A presença demoníaca permanece mesmo depois de a pessoa ter partido. Ou são casas construídas, sem se saber, onde antes havia um cemitério. Alguma alma que partiu, por razões misteriosas, pode ter afetado negativamente o local, causando muito incómodo. Pode, ainda, ser uma casa onde ocorreram crimes, assassínios. O mal deixa sempre um rasto de si próprio. E, por vezes, esse rasto é como uma ferida viva de onde a morte, a destruição, a maldade e o mal podem brotar a qualquer momento.

O Padre Gerard é chamado pelos proprietários dessa casa. Compraram-na recentemente. Desde que lá estão a viver, vivem aterrorizados. À noite, ouvem barulhos estranhos. Tosses. Luzes que se acendem e apagam. Portas que abrem e fecham sem razão aparente. Uma noite acordam com um cheiro nauseabundo a gás. Vão a correr para a cozinha e encontram uma

torneira de gás inexplicavelmente aberta. Por vezes, ouvem pancadas no chão da cozinha, vindas do corredor. Se estão na cozinha, ouvem pancadas no corredor. Quando se aproximam da divisão onde ouvem os estrondos, os ruídos intensificam-se e tornam-se mais fortes. No entanto, quando abrem a porta e entram, não encontram ninguém. O quarto está deserto.

O Padre Gerard pediu-me um conselho. Sugeri-lhe que telefonasse ao «professor». O professor disse-lhe: «Deixo-lhe o meu telemóvel. Quando entrar naquela casa, ligue-me. Talvez eu possa ajudá-lo.»

Quando chega ao exterior da casa assombrada, o Padre Gerard sente que algo está errado. A casa, de uma forma misteriosa, repele-o. Tem vontade de fugir, mas detém-se. Cumprimenta os donos da casa que estão à sua espera no exterior. Pega nas chaves e pede-lhes que saiam durante pelo menos duas horas. Prefere fazer tudo sozinho. Os donos da casa podem atrapalhar o seu trabalho. Nunca «fumigou» uma casa. Está hesitante e um pouco receoso. A casa, com os seus mistérios, parece querer repeli-lo e capturá-lo ao mesmo tempo.

A casa não é mais do que uma casa de campo. Tem um pequeno jardim à volta e, nas traseiras, um bosque denso que sobe depois uma grande colina. A floresta é escura, virada para norte. Inspira medo. O Padre Gerard decide não se demorar muito. Sente que há uma força na casa que o tenta confundir. Não quer que ele entre. Pega nas chaves e mete-as no buraco da fechadura. Roda a chave duas vezes e entra. Uma grande sala com uma lareira apagada dá-lhe as boas-vindas. O chão é feito de grandes ladrilhos escuros. Carrega no interrutor da luz, mas os contactos não fazem qualquer ligação. Está quase às escuras. Um pouco de luz entra pelas persianas meio fechadas. Tenta abrir as janelas, mas também elas, inexplicavelmente, estão bloqueadas.

É difícil, muito difícil, de explicar. Porque é preciso viver uma experiência destas para a compreender. Mas quando um exorcista entra em sítios como este, sente tudo à sua volta, uma presença que o perscruta, que o observa. O exorcista sente-se paralisado por esse olhar. Não sabe dizer onde estão os olhos que o perscrutam. Não pode dizer como são. Nem sequer pode dizer de quem são, mas sabe que estão lá. Sabe que alguém o está a observar. E observa-o com um olhar de ódio total. Todo o ódio do mundo é dirigido a ele. O exorcista interior vive uma luta furiosa. Gostava de fugir,

mas não pode. Gostava de ripostar, mas sabe que seria pior. Se ele reagisse oferecendo ódio contra o ódio do adversário, seria imediatamente derrotado. Só lhe resta fazer uma coisa. Rezar.

«Senhor Jesus Cristo, que vencestes o mal para sempre, tende piedade de mim. Senhor Jesus Cristo, ajudai-me. Socorrei-me. Não me deixeis só e derrotado.»

O Padre Gerard reza. E liga imediatamente para «o professor».

«Bom dia, professor, eu sou o Padre Gerard.»

«Olá. Já está no local?»

«Sim. Estou aqui. As luzes não funcionam.»

«As luzes não estão a funcionar momentaneamente. Ele bloqueou-as.»

«Não consigo abrir as persianas.»

«Ele também as bloqueou.»

O Padre Gerard não se atreve a pedir explicações ao «professor». Como é que ele sabe todas estas coisas? Como é que ele pode estar tão seguro de si?

«O que é que eu devo fazer?», pergunta o Padre Gerard.

«Eu guio-o. Caminhe até à porta que está à sua frente. Abra-a.»

«Está aberta. Está tudo escuro. Não consigo ver nada.»

«À sua direita há uma escada. Suba-a.»

O Padre Gerard sobe os degraus. A certa altura, ouve um rangido. Um quadro cai-lhe na cabeça. O telemóvel cai no chão e desliga-se. Ele também cai. Toca na cabeça. Sente uma pontada de dor mesmo por cima da testa. Já se formou um inchaço. Procura o telemóvel. Encontra-o. Consegue voltar a ligá-lo. Marca o número.

«Está tudo bem?»

«Sim, professor. Um quadro veio na minha direção. Não sei como é que isto aconteceu.»

«É ele. Mas ele não precisa de ter medo. O quadro estava preso a um prego na parede da escada. Rebentou o prego e o quadro caiu-lhe na cabeça. Tente subir as escadas.»

O Padre Gerard volta a subir. Tenta não fazer barulho para poder ouvir os outros ataques. Pensa nas palavras do professor:

«É ele.»

É ele quem?

Sente o medo a crescer dentro de si.

Chega ao cimo das escadas.

«Padre Gerard, tem agora um corredor à sua frente. Deve entrar na primeira divisão à direita. A porta é de correr, abra-a.»

O Padre Gerard abre a porta, mas esta fecha-se rapidamente. Abre-a de novo. A porta fecha-se de novo. Abre-a e salta para dentro do quarto. A porta fecha-se atrás dele.

«Consegue ouvir-me, Padre Gerard?»

«Sim, professor, estou a ouvi-lo. O que devo fazer aqui dentro?»

«É muito simples. Siga pela parede do lado esquerdo. Na parte inferior, encontra-se uma aba. No interior, há cabos elétricos. Abra a escotilha.»

O Padre Gerard, na escuridão total, rasteja ao longo da parede. Encontra a porta. Abre-a.

«Eu abri-a, professor.»

«Ótimo. Introduza a sua mão no interior. No fundo, atrás dos cabos, deve encontrar uma pequena caixa. Pegue nela e leve-a lá para fora. Saia de casa o mais depressa possível. Agora os jogos estão à vista de todos. Não pode haver mais prevaricação.»

O Padre Gerard encontra a caixa. Pega nela e começa a andar para trás. Agora a porta do quarto está aberta. Sente-se mais aliviado. Parece que a presença sinistra, aquele «ele» de que falava o professor, já lá não está.

Mas está enganado.

Ao descer as escadas, ouve alguém a segui-lo freneticamente. Começa a correr. Ele também corre atrás dele. Entra no corredor. O Padre Gerard avança na escuridão, na esperança de encontrar a porta de entrada. Atrás dele, a pessoa que o segue já quase o alcançou. De facto, ele já o alcançou. Sente o seu hálito a morder-lhe o pescoço. O Padre Gerard lança-se para a frente. As suas mãos conseguem agarrar o puxador da porta. Num salto, está lá fora. Vira-se para trás, convencido de que está a enfrentar o diabo. Está pronto a invocar Cristo para o salvar. Em vez disso, não está lá ninguém. Apenas a porta da frente bate e volta a bater violentamente. E um riso sinistro, pelo menos é o que lhe parece, irrompe.

«Professor, estou fora. O que é que devo fazer?»

«Abre a caixa e esvazia-a aos teus pés.»

«Feito.»

«Há ossos pequenos e outras coisas?»

«Sim.»

«Bem, esmague-os com os teus pés e depois espalhe-os».

«Feito.»

«Ótimo. Agora já não podem fazer mal a ninguém. Desunidos, perderam todo o seu poder maléfico.»

«O que era aquilo?»

«Uma mistura feita pelo feiticeiro que habitava a casa. Uma mistura destinada a assombrá-la até que alguém a descobrisse e a destruísse.»

«Professor, o que é que eu faço com ele?»

«Com ele quem?»

«Bem, dentro de casa, um demónio, penso eu, estava a seguir-me. Também disse que ele...»

«Padre Gerard, vire-se. Olhe para a casa.»

O Padre Gerard obedece. E fica sem palavras.

As persianas estão todas abertas. As luzes estão acesas.

A casa já não é assustadora.

«Padre Gerard, sabe o que aconteceu?»

«Conte-me.»

«O que aconteceu foi que ele se foi embora.»

Confio no «professor» porque ele nunca fez um diagnóstico errado de nada. Mas também porque sei, sem nunca o ter conhecido, que é um homem humilde. Mas atenção: não é «o professor» que liberta. Sou eu, através de Cristo, que liberto. Quero dizer: os leigos não são exorcistas. Os exorcistas são padres que trabalham por mandato conferido pela Igreja. Os leigos não têm esse mandato. Não podem exorcizar. É perigoso, muito mau se o tentarem fazer. Nem sequer podem dialogar com o demónio durante o exorcismo feito por um padre. O demónio tenta muitas vezes conversar com eles. É uma forma de os atacar e, ao mesmo tempo, de desviar a atenção do exorcista de si próprio.

Um dia, um demónio disse a uma das minhas assistentes, que tinha acabado de regressar do hospital onde o seu filho tinha sido operado por causa de uma doença grave:

«Aqui está Nossa Senhora das Dores.»

Ela respondeu-lhe: «Não tenho medo de ti. Cristo vence.»

E ele: «Nossa Senhora das Dores, não te bastou o quanto fiz ao teu filho? Não te fartaste? Que quereis mais?»

Nessa altura, intervim. Ordenei à mulher que não respondesse. E prossegui com o exorcismo.

Os leigos não podem exorcizar e não podem falar com o demónio. O seu trabalho é rezar e, apenas aqueles que o exorcista escolhe sabiamente, segurar a pessoa possuída quando ela fica furiosa. Os leigos podem fazer orações de libertação.

A tarefa frequentemente assumida pelos médicos. Também eles podem ser úteis. Há, de facto, alguns médicos que trabalham na terra de ninguém que são as manifestações sobrenaturais. Peço muitas vezes a esses médicos ajuda para o discernimento. Para que me ajudem a perceber se certos casos são realmente possessões ou apenas doenças mentais.

Uma dessas pessoas chama-se Walter Cascioli. É um médico especializado em psicologia clínica em Roma. Já resolvi alguns casos com a ajuda dele.

O Walter trabalha com casos particularmente graves de sofrimento mental. Tenta discernir a origem da doença e depois curar os seus pacientes. Muitas vezes, ao contrário de muitos dos seus colegas, reconhece que certas manifestações de sofrimento se devem a causas sobrenaturais, ou seja, a algo que não pertence nem a Deus nem ao homem. Precisamente a Satanás.

Muitos casos seriam difíceis de resolver sem a sua ajuda. Isto porque os sintomas que manifestam os possuídos são, muitas vezes, exatamente os das doenças mentais. A diferença reside no facto de as curas naturais, ou seja, as curas proporcionadas por medicamentos e terapias psiquiátricas, não terem qualquer efeito sobre o possuído.

Quando Walter recebe os seus pacientes pela primeira vez, fá-los contar-lhe os sintomas que têm. Muitas vezes, ouve-os em silêncio. E enquanto falam, recita uma oração. Nos possuídos, o efeito por vezes é imediato.

Um dia, entrou no seu gabinete um jovem com vários tipos de tonturas. Enquanto fala, Walter formula esta súplica no seu espírito: «Senhor Jesus, livra esta pessoa.» A reação é imediata. O jovem levanta-se da cadeira. O seu corpo incha até ficar enorme. E, na cara de Walter, emite um rugido trémulo. Um rugido de leão. Walter apercebe-se de que não se trata de uma doença psíquica, mas de uma possessão.

Outra técnica utilizada por Walter é receber os seus pacientes, fazendo com que um padre efetue um exorcismo na sala ao lado, sem o conhecimento do paciente. Mesmo nestes casos, é frequente os doentes

reagirem de forma violenta. É o que acontece um dia a Erminia, uma senhora de mais 80 anos. Fragilizada, física e psicologicamente exausta, parece não ter mais energia. Enquanto Walter a recebe, um padre na sala ao lado inicia um ritual de exorcismo. Ele recita o ritual em latim. A mulher está a contar os seus sintomas ao médico, mas de repente cala-se. Depois, levanta-se e, com os seus braços finos, levanta a secretária de Walter e atira-a contra a parede. Walter para imediatamente o exorcismo. E apercebe-se de quem tem diante de si: não é apenas uma velha, mas uma velha possuída por Satanás. Uma velha com uma força sobrenatural, diabólica e maligna dentro de si.

Walter faz parte de um grupo que efetua orações de libertação para os possessos. Reúnem-se semanalmente para rezar. Não podem exorcizar os possessos. Esse ministério só é atribuído a padres explicitamente nomeados pelos seus bispos. A sua tarefa consiste exclusivamente em rezar. A sua oração é muito eficaz. Também ela serve para a libertação. As suas orações têm um sentido invocativo. Invocam Deus para que liberte em breve o possuído das correntes do demónio.

Por vezes, sou eu que peço ao Walter e ao seu grupo orações pelos possuídos. Outras vezes é ele que me telefona e me pede para o ajudar nos exorcismos. São poucos os médicos que acreditam como ele na existência de Satanás. Os médicos são muitas vezes céticos e ridicularizam os exorcistas. Mas se depois são convidados a participar num exorcismo, a sua cara de céticos transforma-se numa máscara de terror.

Muito diferentes dos médicos são os médiuns. O «professor», como muitos outros médiuns, tem dons sobrenaturais e é correto que os exerça. Como é que se pode reconhecer se se está a lidar com verdadeiros médiuns?

A humildade é uma caraterística muito importante dos médiuns de confiança. A humildade anda de mãos dadas com a pobreza e a dissimulação. Para serem válidos têm de ser pobres, humildes e ocultos. Existem muitos em Itália. Alguns chamam-lhes «curandeiros do campo». São pessoas com dons especiais e humildes. Vivem muitas vezes fora das grandes cidades. Em lugares esquecidos. Até «o professor» se insere nesta categoria.

Lembro-me, por exemplo, de um médium que tem o dom de curar a gota. É um dom que toda a sua família tem. Diz-se que, há dois milénios, a sua família recebeu em sua casa São Pedro, o primeiro Papa, durante algum

tempo. Quando São Pedro partiu, deixou de presente aos membros da família e a todos os seus futuros descendentes este carisma particular.

Um dia, o Papa Pio IX adoece. Tem gota. Um dos membros da família recebe um telefonema do Vaticano. Vai visitar Pio IX e cura-o. É uma pessoa tão humilde e inculta que, quando está diante do Papa, repete o que diz sempre a toda a gente: «Agora curei-o. Mas nunca se esqueça de rezar pelo Santo Padre, o Sucessor de Pedro, que tanto precisa de orações.»

É uma frase que foi transmitida na sua família durante séculos. E repete-a ao Papa.

«Não faltarei», respondeu o Papa, sorrindo.

6

«SAI BABA», O FILHO AMADO DE SATANÁS

É preciso ter muito cuidado. A par dos bons médiuns, há os maus. Como reconhecê-los? É fácil. Pedem sempre dinheiro. O dinheiro é a primeira tentação do demónio. Porque o dinheiro pode comprar tudo: sexo, drogas, prazer e poder. A maior parte dos médiuns atuais são falsos médiuns, dos quais é preciso fugir. Fazem pactos com o demónio. E pedem dinheiro a toda a hora. Dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Nunca estão saciados.

«Volte daqui a uma semana e traga mais dinheiro», dizem sempre.

Há pessoas que fazem fila à porta de sua casa. Querem publicidade. São o oposto dos verdadeiros médiuns que escondem o seu carisma. Deixam que Deus traga as pessoas até eles. E não querem dinheiro das pessoas. Sabem que o dinheiro conduz ao inferno. Por isso fogem dele.

«É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus», disse Jesus. Estas não são palavras lançadas ao acaso. São palavras para serem levadas à letra. O dinheiro corrói a alma. Aqueles que não têm nada contam apenas com a providência. Com Deus. Rezam a Deus e obtêm dele o que precisam. Deus favorece os pobres. Se um médium de Deus começasse a procurar dinheiro, Deus retirar-lhe-ia certamente o carisma que lhe concedeu anteriormente.

Muitas vezes, estes falsos médiuns são satanistas. Realizam missas negras. Reúnem em torno de si alguns seguidores unidos por um forte laço de cumplicidade. Reúnem-se em locais afastados. Muitas vezes em casas abandonadas. A sua reunião é uma missa que segue uma liturgia pré-estabelecida. Uma liturgia, no entanto, virada do avesso. Não rezam a Deus,

mas a Satanás. As salas são pintadas de preto. Preto é o pano que cobre o altar. No centro, um crucifixo invertido. Nunca falta uma estátua do diabo com o falo esticado. E muitas vezes há também uma caveira. É verdade. Não há luz. Há apenas algumas velas que projetam sombras sinistras na sala. Os poucos seguidores estão em círculo, vestidos de preto. Por vezes, cobrem a cara. Invocam Satanás em latim. Pedem-lhe que venha. Que desça entre eles.

A liturgia inverte deliberadamente a liturgia católica. Muitas vezes, há uma sacerdotisa, uma mulher jovem e virgem, completamente nua, deitada no altar. Por vezes, trata-se de uma presa capturada. Mulheres inocentes. Drogadas e obrigadas a submeter-se a essa liturgia macabra. Profanam as hóstias com cuspo. Depois introduzem a hóstia na vagina da mulher. Bebem uma mistura de sémen e secreções vaginais. Todos se revezam para possuir a mulher. São derramadas drogas e álcool. A alma de cada um é entregue ao diabo, que pode fazer o que quiser com ela em troca dos prazeres da carne. Satanás dá-lhes o prazer da carne. Eles entregam-lhe as suas almas. Para sempre. Quem ganha? Não é difícil responder a isso.

Os videntes e os mágicos são muitas vezes a porta de entrada para este tipo de atividade. São a porta de entrada para práticas satânicas das quais é difícil escapar. Muito difícil. Atrever-me-ia a dizer que é quase impossível, embora por vezes se consiga. Quem confia neles é suscetível de entrar mais tarde em círculos satânicos. São círculos assassinos. Infernais. Eles são realmente a porta de entrada para o inferno. A porta dos infernos. A porta para o nada eterno.

Não é por acaso que uma figura-chave na história do satanismo foi um mágico. O seu nome era Edward Alexander «Aleister» Crowley. Nasceu em 1875 e morreu em 1947. Era um mágico inglês, que sobrevivia com morfina e ópio. Ele manipulava a mente das pessoas. O seu aliado era Satanás. Juntos destruíram muitas vidas. Foi ele que escreveu as regras do satanismo.

Entre elas: «Faz o que quiseres, será a tua lei.»

E depois: «Não há Deus senão o homem.»

Em 1920, mudou-se para Cefalù. Alugou ali uma casa e fundou a Abadia de Thélema. A casa situava-se no campo. Junto a ela havia um cemitério. Nessa casa, Crowley procurava acumular energias mágico-satânicas para

conquistar o mundo inteiro e submetê-lo ao seu domínio. De Cefalù, um farol, uma luz do mal, conquistaria o mundo, submetendo-o a si próprio.

Em Cefalù, Crowley viveu com duas concubinas, as americanas Leah Faesi e Ninette Fraux, a quem chamava Irmã Cypris. Depois juntaram-se outras mulheres. A casa foi objeto de várias visitas. Rapidamente se espalharam por toda a Sicília rumores perturbadores sobre aquela casa. Para muitos, Crowley era «o homem mais perverso do universo», um «génio do mal e do pecado». De facto, estranhos rituais tiveram lugar naquela casa. Orgias selvagens. Incesto. Missas negras a favor da «besta do Apocalipse», o grande dragão do mundo, Satanás.

Depois de Crowley veio Anton LaVey. É um pseudónimo de Howard Stanton Levey. Morreu em 1997. Foi ele que fundou – o especialista em satanismo Fabrizio Artale, entre outros, relata muito bem todos estes acontecimentos – juntamente com um realizador de Hollywood, Kenneth Anger, a Magic Circle Association, que em 1966 se tornou a Igreja de Satanás em São Francisco. Procurava seguidores que estivessem determinados a dedicar toda a sua existência a Satanás. Várias estrelas do rock juntaram-se a ele.

Os satanistas estão por todo o mundo, mas a maioria parece residir em Londres. Depois seguem-se Turim, São Francisco, Chicago e Roma. Porquê? Porque o diabo tem os seus próprios padrões e desenhos para aplicar. Estas cidades estão ligadas por estranhas geometrias exotéricas que recordam o diabo e o oculto. Mas o centro do satanismo é Londres. Afinal, Crowley é inglês e, portanto, é lógico que a capital do Reino Unido seja o centro onde estes grupos demoníacos têm maior influência.

Mas os grupos estão por todo o lado. Como em todo o lado estão os seus líderes, os mágicos, os homens santos. A eles Satanás, é inegável, dá poderes especiais que os tornam quase como Deus. Esses poderes, esses dons, que outrora concedeu a Marco que, durante um período bastante longo, acreditou ser Deus.

Marco é um dos muitos homens santos com quem tenho lidado. Um dos poucos, talvez o único, que recuperou o juízo, que escapou às garras do demónio.

Marco tem muitos dons, todos lhe foram dados por Satanás. Porque Satanás faz isto, ele dá todo o poder que pode aos seus devotos. Muitas vezes fá-los acreditar que estes dons não vêm dele, para não os assustar.

Mas são eles, os seus devotos, que mentem a si próprios. Entregaram a sua alma ao diabo e fingem não saber que tudo o que lhes acontece vem dele, vem do diabo. Mentirosos como Satanás, o grande mentiroso, o rei da mentira.

Marco faz um pacto de sangue com o diabo. Entra várias vezes em contacto com ele através do chamado «jogo do copo». Satanás fala com ele. Inicialmente, envia-lhe mensagens de paz e fraternidade. É claro: não o quer assustar. Pelo contrário, pretende oferecer-lhe uma boa imagem de si próprio.

Os dias passam. Marco vai em peregrinação a Lourdes, mas a sua alma está nas mãos do demónio. Vai lá talvez como desafio: «Vamos ver o que acontece a um servo de Satanás num lugar santo como este?», pergunta a si próprio. Satanás decide voltar a Lourdes. É num dos mais importantes santuários marianos do mundo que Marco descobre que tem dons extrassensoriais. É Satanás que lhos dá.

É Satanás que astutamente escolhe Lourdes para lhos dar.

Marco torna-se clarividente, lê mentes de pessoas, pode fazer diagnósticos clínicos, lembra-se do passado de pessoas que não conhece. Prevê o seu futuro.

Algumas pessoas começam a segui-lo, a questioná-lo, a confiar nele. Passado algum tempo, Satanás volta a aparecer e dá a Marco outra faculdade extraordinária: com a imposição das mãos, consegue anular a dor física. Qualquer dor física.

Marco tem um grande número de seguidores, mas torna-se um homem irascível, sempre mau e zangado. Rapidamente começa a tratar mal as pessoas que cura. Insulta-as. Trabalha para os levar, tal como ele, à perdição. Trabalha para destruir as suas vidas, os seus afetos.

A salvação de Marco chega quando um grupo de católicos ouve falar dele. Conhecem-no e começam a rezar por ele. Estas pessoas rezam e conseguem mostrar-lhe a origem diabólica das suas novas faculdades. Graças às orações destas pessoas, Marco inicia um caminho para se libertar de Satanás. E consegue-o. Assim que quebra o seu pacto de sangue com o demónio, todos os seus poderes cessam também. Marco volta a um homem como qualquer outro. Menos poderoso do que antes, certamente, mas livre. Já não é um escravo do príncipe do mal. É livre porque é filho de Deus.

Marco consegue libertar-se. O mesmo acontece com Anita. Uma mulher da província de Roma que se torna livre depois de vender a sua alma a um homem santo. Não é um guru qualquer, mas aquele que eu digo que era (morreu recentemente) o filho preferido de Satanás.

Anita é uma mulher jovem da província romana, casada e com um filho pequeno. Tem uma vida normal. Casa-se quando acaba de atingir a maioridade e tem imediatamente um bebé. Trabalha num hospital como enfermeira. Faz frequentemente turnos de ambulância. Por isso, todos os dias, tem de lidar com a dor das pessoas.

Um dia, o pai adoece. É-lhe diagnosticado um cancro em estado avançado. Os exames de raios-X são impiedosos. O seu corpo está cheio de metástases. As hipóteses de recuperação são praticamente nulas.

Anita leva o pai a um pranoterapeuta.

«O seu pai não tem remédio, minha senhora», diz-lhe ele.

«Eu sei», respondeu Anita. «O que é que eu posso fazer?»

«Não há muito que possamos fazer. Talvez a única esperança seja levá-lo a Sai Baba».

«A quem?»

«A Sai Baba. Ele é um curandeiro fenomenal. Vive na Índia, em Puttaparthi. Se conseguir levar o seu pai para lá, talvez consiga salvá-lo. Ele tem milhares de seguidores. Experimente.»

Anita confia neste pranoterapeuta[1]. Ela está desesperada, o seu pai está a morrer. E ela acha que Sai Baba pode ajudá-la.

Apanha o avião com o pai e voa para a Índia.

Estamos no início dos anos 90. Aterram e dirigem-se os dois para a casa de Sai Baba. O homem santo só recebe em determinadas alturas. Ou melhor, mais do que recebe aparece. Sim, porque todos os dias centenas de pessoas se aglomeram numa espécie de grande “claustro” adjacente à casa de Sai Baba. E quando ele sai de casa, de vez em quando, para ser visto, parece uma aparição. Não anda, mas parece voar a alguns centímetros do chão. Ali, ao acaso, escolhe algumas pessoas. São estas que depois têm o «privilégio» de poder entrar nos seus aposentos e falar com ele.

Anita está hesitante. Não sabe se deve confiar. Mas um dia, à porta da casa de Sai Baba, vê uma pessoa que lhe chama a atenção. É um padre católico. Ele inspira-lhe confiança e ela aproxima-se dele. Para seu espanto, descobre que ele é italiano.

«Olá, padre, chamo-me Anita e venho da província de Roma. Posso incomodá-lo por um minuto?»

«Claro, minha senhora, diga-me.»

«Como é que se chama?»

«Dom Marco.»

«Padre, o meu pai está doente. Eu gostava de ver Sai Baba, mas não sei se posso confiar nele. Eu não o conheço...»

«Mas minha senhora, é claro que pode confiar nele! Sabe quem é Sai Baba?»

«Não muito bem... Disseram-me que é uma pessoa que cura...»

«Senhora, ouça bem o que lhe vou dizer. Sai Baba é Jesus que desceu à terra.»

«A sério?»

«Se sou eu que lho digo, que sou um padre católico, pode confiar em mim.»

Anita fica sem palavras. Ela tem uma fé imatura. Não tem conhecimentos religiosos e o facto de um padre lhe dizer que Sai Baba é Jesus que desceu à terra ajuda-a a ganhar forças. E vai para o «claustro» na esperança de que Sai Baba a receba.

Anita não pode saber que Dom Marco é um padre peculiar. Há muito que é vigiado pela hierarquia do Vaticano pelas suas opiniões heréticas. Dom Marco está tão fascinado pela figura de Sai Baba que se tornou um dos seus seguidores. Como? Assim. Um dia, Dom Marco consegue encontrar-se com Sai Baba. Este pergunta-lhe: «O que queres?» Dom Marco responde: «Quero pensar em Deus a toda a hora.» Então Sai Baba pega num anel. Sopra nele e, de repente, o anel muda de forma. Dom Marco fica espantado. Pensa na Bíblia, onde se diz que Deus criou o mundo e a vida com o sopro. E decide pegar no anel como sinal da sua nova amizade com Sai Baba. Como sinal de um pacto de amizade. Sai Baba coloca o anel no dedo de Marco e ele sente o anel a fechar-se à volta do seu dedo com tanta força que, a partir desse momento, não o consegue tirar. Durante muito tempo, Dom Marco sente-se seguro dentro de uma proteção metálica. Sente-se guardado por esse anel que o envolve e o guarda. Sente-se seguro, como se já não tivesse nada a temer. O que é que aconteceu? O que aconteceu é que, desde esse dia, o padre Marco abandonou Deus e entregou a sua alma e o seu corpo a Sai Baba. E, portanto, a Satanás.

Anita entra no grande «claustro» com o pai. Centenas de pessoas ajoelham-se à espera de que ele chegue. Entram os elefantes. Seguidores de Sai Baba precedem-no e seguem-nos tocando e cantando motivos indianos. Passado algum tempo, abre-se uma porta ao fundo do «claustro». Um homem baixo, com pouco mais de um metro e cinquenta, magro, com cabelo preto espesso e muito encaracolado, mais parecido com um africano do que com um indiano, sai da porta com um longo manto cor de laranja. Parece estar a voar. Percorre o «claustro» num silêncio geral. De vez em quando, aponta para algumas pessoas com a mão: «Tu, tu e tu».

É ele. É Sai Baba.

Anita olha para ele. Está extasiada mas não sabe dizer porquê. Sai Baba aproxima-se da zona onde Anita está ajoelhada com o pai. Sai Baba repara neles e aponta para eles. Eles foram escolhidos. É inacreditável. A primeira vez que entram no «claustro» são escolhidos. Sentem-se sortudos: algumas pessoas passam meses no «claustro» antes de serem escolhidas.

Anita não sabe o que esperar. As palavras de Dom Marco ecoam-lhe na mente: «Sabes quem é Sai Baba? Ele é Jesus que desceu à terra. É Jesus que desceu à terra.»

Sai Baba não regressa imediatamente aos seus aposentos. Continua entre os seus, no «claustro». Sobe para um grande baloiço e balança-se durante horas. As pessoas observam-no e veneram-no. E ele, como se fosse Deus, não faz nada, exceto deixar-se adorar.

Depois de muito tempo, Sai Baba regressa aos seus aposentos. Anita, juntamente com o pai, segue-o. Sai Baba pede-lhes para se aproximarem. Ele olha para eles. Gira a mão direita. Materializa uns pós que oferece imediatamente aos dois. Pede-lhes que os ingiram. Eles obedecem. Anita fica como que enfeitiçada. Atira-se aos pés de Sai Baba e diz-lhe: «Eu pertenço-te. O meu corpo e a minha alma pertencem-te para a eternidade. São teus para sempre.»

Sai Baba sorri e vai para outro quarto.

Anita sai. Ela fica perto do «claustro» com o seu pai durante um mês. Inicialmente, o pai está melhor. Anita pensa que ele está a curar-se.

Regressam os dois a Itália, a Roma, onde o pai de Anita, em vez de melhorar, começa a deteriorar-se dramaticamente e acaba por morrer. Anita fica destroçada, mas continua a seguir aquele a quem entregou a alma. Em Roma, encontra vários seguidores de Sai Baba. Descobre que há muitos, especialmente na área da Medicina. Pessoas como ela, que têm de viver todo o dia em contacto direto com a doença e a dor. Sai Baba é a miragem de uma nova vida, é a miragem, ou melhor, a ilusão do fim da dor, da morte. «Ele é Deus», dizem a si próprios. «Ele é Deus e vai salvar-nos.»

O filho de Anita cresceu. Ele sabe que a mãe é uma devota de Sai Baba e isso incomoda-o. Não sabe porquê, mas não gosta das fotografias desse homem em casa, não gosta dos altares que Anita mandou construir em casa em honra de Sai Baba. Também não sabe nada sobre Sai Baba, mas sente instintivamente que deve ter cuidado com ele. É o filho de Anita que, um dia, a obriga a encontrar-se com um grupo de amigos carismáticos. Anita aceita e dirige-se a uma paróquia onde esse grupo se reúne. Entra na igreja e encontra o grupo a rezar. Assim que Anita ouve estas pessoas a rezar, reage furiosamente. Sai da igreja e grita para o filho: «Eles estão possuídos! São demónios! Não quero ter nada a ver com eles!»

O filho dela é um rapaz inteligente. Não lhe responde e leva-a embora. Só que, algum tempo depois, leva-a a outra paróquia para conhecer duas pessoas. São marido e mulher. Dois cônjuges simples que dirigem um grupo de oração nesta paróquia há muito tempo. Anita sente tanto amor à sua volta e decide, com uma grande força de vontade, procurar ajuda. No seu íntimo, sente-se duplicada. Existe ela, Anita, mas sente que existe mais alguém. Sente, apercebe-se, que há algo mau dentro dela. A parte sã da sua alma, leva-a a confiar nestes dois cônjuges e no grupo de oração que eles dirigem. A parte má, não confia. Mas por uma razão misteriosa, que ela própria só compreenderá anos mais tarde, é a parte boa que leva a melhor. Anita decide procurar ajuda.

Problemas não faltam. Quando Anita começa a rezar com estas pessoas, sente crescer dentro de si uma forte aversão, um grande ódio. É ele, é o espírito maligno que a possui, fazendo-se ouvir, batendo coisas indescritíveis dentro na sua mente. De tal modo que Anita não consegue acabar as suas orações. Os dois esposos não sabem o que fazer para a ajudar.

Só lhes resta uma coisa solução. Ligar-me.

Um dia, vou à paróquia dos dois casais. Entro na igreja e vejo ao fundo, sentada num banco, uma mulher magra, de cabelo preto, a olhar para mim. É a Anita. Apercebo-me imediatamente de que algo está errado. A Anita, de facto, levanta-se e foge. E, enquanto corre, grita: «Socorro! Socorro! Está ali um monstro! Há um monstro!» Mais tarde, dir-me-ia que nessa altura, a primeira vez que nos encontrámos, ela viu-me mesmo como um monstro. Eu não tinha olhos. A minha cara era deformada. Aos seus olhos, eu era algo terrível e mau.

Com grande dificuldade, Anita aceita ser exorcizada por mim. Os exorcismos duram anos. Apercebi-me ao longo do percurso dos exorcismos, que Sai Baba é um homem santo intimamente associado a Satanás.

Para mim, ele é o filho preferido de Satanás na Terra.

É o filho preferido como poucos no mundo. Faz magia, falsos milagres que não levam a lado nenhum. E torna milhares de pessoas suas. Pessoas que ele leva à perdição. A quem depois deixa sozinhas. Perdidas no seu desespero. As pessoas mordem o isco porque nem todos conseguem materializar objetos do nada. Nem toda a gente é capaz de andar a poucos centímetros do chão. Ser capaz de realizar um gesto espantoso e aparentemente inexplicável. Não é para todos, mas aqueles que se tornam filhos de Satanás sabem fazer essas coisas.

Sai Baba nasceu a 23 de novembro de 1926 e morreu em abril de 2011. Afirmava ser um Avatar, ou seja, uma encarnação divina na Terra sob forma humana. Afirmava saber quem tinha sido na encarnação anterior, um santo adorado por muitos devotos chamado Shirdi Sai e que tinha morrido oito anos antes de ele nascer. Por isso, afirmou saber quem seria depois da sua morte, que disse (mas que mais tarde não aconteceu) que ocorreria aos 96 anos de idade. Disse que oito anos após a sua morte encarnaria em Prema Sai. Prema, que significa amor divino absoluto, que tem uma semelhança impressionante com Jesus Cristo. Foi o mestre e revolucionário Sri Aurobindo, a 24 de novembro de 1926, no dia a seguir ao nascimento de Sai Baba, que disse ter sentido uma entidade divina encarnada descer à terra para ajudar a ascensão do homem. Aurobindo fechou-se num quarto durante o resto da sua vida, ao todo vinte e cinco anos. Ele não queria voltar a ver ninguém porque, dizia ele, Sai Baba tinha nascido com todos os poderes: omnipresença, omnipotência e omnisciência. Sai Baba pregava a não violência, a verdade e o amor. Os seus seguidores continuam a pensar que

ele é um poder divino. Em todo o mundo existem milhares de locais de devoção em sua honra. Sai Baba estava rodeado de pessoas que, quanto mais tempo passavam com ele, mais perturbadas ficavam, evidentemente possuídas. Todos esperavam ser curados por ele, mas ninguém foi realmente curado.

Sai Baba era o filho primogénito de Satanás, não tenho dúvidas disso. Falava bem de toda a gente, de Jesus em particular, mas o Deus era um só: ele e só ele. Era isso que ele pensava de si próprio. Ajudava os hospitais das aldeias indianas com grandes donativos, aparentemente fazendo o bem, porque o diabo é muito astuto. Muitos turistas italianos, sobretudo mulheres, caíram na sua rede.

Libertar a Anita foi difícil.

«Cospe, cospe tudo», dizia-lhe eu durante o exorcismo. «Tens de cuspir todo o pó, senão nunca te vais livrar dele.»

Levou anos a cuspir o pouco pó que tinha engolido na Índia. Levou anos, mas depois libertou-se. Fui eu que lhe disse porque é que foi capaz de se libertar. Porque a parte boa da sua alma prevaleceu sobre a parte má. E porque é que prevaleceu? Por uma razão muito simples que a própria Anita desconhecia. Logo que Anita nasceu, foi visitada no hospital pelas senhoras de São Vicente, freiras que, entre outras coisas, ajudavam as famílias necessitadas.

Estas freiras consagraram-na a Nossa Senhora com uma oração simples e ágil.

«Sabes o que te salvou de Sai Baba e da destruição eterna de Satanás, querida Anita?», disse-lhe eu no dia do último exorcismo.

«Não padre, diga-me.»

«Foste salva por Nossa Senhora a quem as senhoras de S. Vicente, sem o saberes, te consagraram quando ainda eras criança.»

Claro que o satanismo não se espalha no mundo apenas através de seitas ou grupos como os seguidores de Sai Baba. Há também outras formas de disseminação. Uma delas é o rock satânico. Aqui não quero ser instrumentalizado. Não quero de forma alguma dizer que todo o rock é pervertido e conduz a Satanás. Não é esse o caso. Nego-o terminantemente. Mas o rock satânico existe e é neste tipo de música que penso quando falo de outras formas de propagação do satanismo para além das seitas. O que é que o rock satânico faz? Prega o niilismo absoluto, combate a religião

católica e qualquer ordem social. Ensina que tudo é permitido e que o indivíduo é Deus. Leva-nos a odiar a Igreja. O rock satânico tem um inimigo declarado, Cristo e a Igreja. E apenas um objetivo: levar o homem à devoção a Satanás e, assim, à autodestruição.

Muitos jovens, graças a este tipo de música e às amizades que se formam entre os que ouvem este tipo de música, caem muitas vezes nas trevas, no oculto.

Estou a pensar em Marilyn Manson, o cantor e artista americano que está completamente escravizado pelo diabo. Tão escravizado que declarou: «O diabo não existe, o satanismo é a adoração de si próprio.» A sério? Só Satanás pode levar um dos seus seguidores a dizer tal disparate. Manson é um escravo, um filho do demónio que existe e o manipula. É um homem sem fé. Gostaria de chamar a atenção de todos os pais. E dizer-lhes: «Se os vossos filhos ouvem música satânica, tenham cuidado. Salvai-os para não terdes de os chorar mortos. Sim, isso mesmo, para não terdes de os chorar mortos.» Quando digo estas coisas, algumas pessoas riem-se. Muitas vezes a imprensa ri-se de mim por causa destas minhas «explosões». Gostaria de dizer àqueles que se riem: vão falar com os pais das crianças que hoje já não existem porque foram apanhadas no vórtice do satanismo. Vão. Riam-se na cara deles, se tiverem coragem. Repito. Eu diria aos pais que têm filhos que ouvem música satânica: salvem-nos, acompanhando-os desde a adolescência. Eduquem-nos na fé. Levem-nos à igreja mesmo quando são crianças. Mesmo que eles chorem e corram por toda a igreja. Levem-nos. É por osmose que se é educado na fé.

Querem um exemplo de como o rock satânico leva à morte? Deixem-me falar-vos de um acontecimento que teve lugar em Itália. Foi o assassinato da Irmã Maria Laura Mainetti por três menores de Chiavenna, uma pequena aldeia da província de Sondrio, em junho de 2000.

É de noite. Por volta das 22 horas, a Irmã Maria Laura deixa o convento de Chiavenna onde vive. Uma rapariga de 17 anos, Ambra Gianasso, telefonou-lhe a pedir ajuda. Diz que foi violada e que está grávida. Era um pretexto para se encontrar com a freira num local isolado, o parque Marmitte dei Giganti, frequentado à noite por toxicodependentes e prostitutas, e para a oferecer, com as suas amigas Veronica Pietrobelli e Milena De Giambattista, como sacrifício a Satanás. De acordo com as confissões das raparigas, a primeira vítima era o pároco da cidade, mas foi

rejeitado por ser demasiado grande. As três raparigas acompanharam a freira por uma rua pouco iluminada, bateram-lhe com uma telha e depois mataram-na com dezanove facadas. Quando se confessam, as três jovens dizem que a freira, agora ajoelhada no chão, está a pedir a Deus que lhes perdoe.

Os meios de comunicação social deram destaque ao interesse das raparigas pelo esoterismo e por Marilyn Manson. Que papel poderá ter tido esta paixão musical nas ações das três raparigas? É claro que não posso dizer que a causa que despoletou o homicídio foi uma canção de Manson ou mesmo o próprio Manson. Mas uma coisa deve ser dita: a música satânica é um dos principais veículos de difusão do satanismo entre os jovens. As mensagens da música satânica conseguem certamente influenciar as mentes e os corações dos jovens. Através de um certo tipo de música, os jovens têm a possibilidade de abordar novos temas. Desconhecidos. Fronteiras do mal até então inexploradas.

Atualmente, multiplicam-se os cantores de rock inspirados pelo demónio. É uma porta aberta para mundos perigosos. As palavras de Manson já citadas – «O demónio não existe, o satanismo é a adoração de si próprio.»

E ainda: «Satanismo não significa adorar o demónio. Significa que o homem deve ser o seu próprio Deus na terra» isto não é mais do que os não valores que certas músicas estão a transmitir aos jovens. É como uma lavagem cerebral que conduz ao nada, à abominação, à raiva assassina, à autodestruição. A mensagem negativa proposta por um disco é uma semente perigosa lançada na alma dos jovens. Almas puras e facilmente contaminadas. Nos últimos anos, o rock satânico tornou-se uma moda que se exprime através das correntes musicais mais extremas. As capas dos discos estão cheias de imagens blasfemas e as letras incitam ao ódio e à violência contra os cristãos.

Muitos destes cantores estão intimamente ligados a seitas satânicas. Olhemos para os Estados Unidos. Vejamos os cantores King Diamond e Acheron. Colaboram com a Igreja de Satanás, que se apresenta como uma religião alternativa perfeitamente legal, com Bíblia e mandamentos. Será que esta colaboração não significa nada? Até Marilyn Manson, há anos, conheceu Anton LaVey, o fundador da Igreja Americana de Satanás, e foi

ordenado sacerdote. Blanche Barton, expoente desta seita, disse: «Recebemos muitas perguntas de jovens que se interessaram por Satanás por causa da música e da atitude de Marilyn Manson.»

A revista *Flash*, dedicada ao *heavy metal* e ao *hard rock*, num dos seus artigos, publicitou a Igreja Americana de Satanás descrevendo-a como «a associação mais séria e fiável para onde se podem dirigir os amantes e devotos das teorias ocultas». Então escreveu: «Se pensas que o conhecimento do satanismo te pode ajudar, e se queres fazer parte desse grande ginásio de pensamento que é a filosofia satânica, a Igreja de Satanás espera por ti.» Ótimo. São livres de escrever o que quiserem. Mas, pergunto-me, será que eles sabem o que estão a escrever? Será que sabem que consequências podem ter as palavras que escrevem? Será que sabem o que significa propor certas coisas a uma criança?

Em 1996, um jovem de La Spezia, em Itália, rondava os cemitérios à noite. Foi detido pela polícia e, arrependido, declarou: «Peço desculpa. Deixei-me levar pela música *black metal*, que sigo há mais de 10 anos. Em particular, as letras de algumas bandas norueguesas e suecas, incluindo Mayhem, Darkthrone e Marduk. Condicionaram-me ao ponto de eu repetir como um autómato o que diziam nas canções. Essa música, que eu ouvia até dez horas por dia, afetou-me de tal forma que não me apercebi da gravidade dos meus atos.» Daniele Murgia, inspetor da polícia de La Spezia, que acompanhou a operação, declarou: «O fio condutor que unia estas pessoas no seu culto do mal era a música *black metal*. Os seus contactos faziam-se tanto por correspondência como em concertos de rock satânico.»

Para além do rock satânico, há também muitas imagens que contaminam a alma, especialmente dos mais jovens. Por exemplo, há muitas bandas desenhadas que glorificam Satanás. Mesmo estas deixam uma marca, uma ferida na alma. E depois a televisão. As imagens nem sempre ajudam. Pelo contrário, muitas vezes incutem às crianças a ideia de que só se é feliz na vida por causa do dinheiro, do sexo e do poder. Dinheiro, sexo, poder: os três ídolos queridos de Satanás.

E depois há a Internet. Por acaso, num motor de busca da Internet, cliquei na palavra Satanás. Apareceu uma instrução completa sobre como seguir Satanás, como aderir a uma seita satânica, como dispersar a própria vida no ar.

É aqui que reside a questão. A Internet tornou a informação sobre o satanismo mais acessível do que nunca. Com um simples clique, é possível encontrar seitas satânicas e entrar em contacto com elas. O risco é particularmente elevado para os jovens em dificuldades ou emocionalmente frágeis. Se um adolescente numa situação desconfortável vai à Internet para procurar respostas e ajuda para a sua angústia, pode facilmente cair nestas seitas. Para ele, pode ser o princípio do fim. A Internet está cheia de pessoas que, mesmo por mera curiosidade, acedem a filmes que seria melhor nunca verem. Acedem a eles e Satanás atua. Um pouco é suficiente. Mesmo com um simples filme, Satanás pode plantar uma semente maligna no coração de uma pessoa. Não se pode generalizar, mas pode ser realmente o começo do fim. O início de um vórtice que leva cada vez mais para baixo. Por vezes, Satanás entra na vida das pessoas de forma discreta, quase intangível. Mas depois, a pouco e pouco, vai conquistando terreno, até conquistar a alma por completo. Quanto mais terreno conquista, mais difícil é escapar-lhe. A Internet não é o mal absoluto, mas na Web, infelizmente, o mal absoluto está presente. E atua. E há quem se deixe seduzir.

O que é a Internet? Em grande parte, um mundo sem Deus.

E num mundo sem Deus, quem é o rei? Satanás. Não por acaso, é sobretudo onde não há Deus que Satanás tem mão livre. Tal como numa parte do mundo da Internet, também numa parte do mundo real. Onde não há Deus, o demónio reina. Ele reina e possui as pessoas. Entre estas pessoas, há muitas pessoas possuídas não batizadas. Há muitos crentes possuídos pertencentes às mais diversas religiões: judeus, muçulmanos, hindus, mas também protestantes e ortodoxos, além, é claro, daqueles que não acreditam em nada, que não têm fé.

Muitos destes crentes vêm ter comigo.

Alì, 34 anos, de religião hindu, é um deles.

«Padre, ajude-me.»

«Porque é que quer ser ajudado?»

«Padre, estou possuído. Sinto-o dentro de mim.»

«O que é que sente?»

«Algo mau.»

«Acha que sim?»

«Eu sou hindu.»

«Já ouviu falar de Jesus Cristo?»

«Sim, mas não sei muito sobre ele.»

«Não me interessa se sabe tudo sobre ele. Se Deus quiser, um dia também poderá conhecer o seu filho, Jesus Cristo. Mas talvez não. O que me interessa é outra coisa. É que saiba que, se estiver mesmo possuído, os exorcismos que lhe vou fazer serão em nome de Jesus Cristo. É ele que liberta, não eu. Eu sou apenas um intermediário. Ele faz tudo.»

«Eu não acredito em Cristo, eu...»

«Não estou a pedir-lhe que acredite em Jesus Cristo. Estou apenas a pedir-lhe que saiba. Que saiba que é Cristo que o liberta, se chegarmos à libertação.»

Tenho muitas conversas como esta com Alì. Cada vez mais recebo pessoas que não são católicas. Não estou a pedir a conversão de ninguém. A conversão é uma dádiva de Deus. Só peço que as pessoas saibam quem é que liberta. Aquele que liberta chama-se Jesus Cristo. Eu liberto em nome de Cristo.

Juntos, peço que saibamos de quem somos libertados, Satanás, o mais belo anjo do céu que, num tempo sem tempo, se rebelou contra Deus e foi mergulhado para sempre no inferno.

Peço que acreditem nestas duas verdades. Muitos escutam-me. Outros não. Afinal, não é de admirar: mesmo na Igreja Católica, poucos acreditam na existência de Satanás. Muitos deles, lamento dizê-lo, são também bispos e cardeais. Com um cardeal, em particular, tive um *tête-à-tête* que dificilmente esquecerei. Pensei que ia encontrar certezas. Encontrei algo completamente diferente.

---

[1] N.T. Terapeuta de Pranoterapia (também conhecida por Cura Prânica), que deve o seu nome à palavra do sânscrito «prana», que significa energia vital, sendo, no campo das medicinas alternativas, uma das disciplinas mais antigas.

7

UM DIA, UM CARDEAL DISSE-ME:«AMBOS SABEMOS QUE SATANÁS NÃO EXISTE»

«Bom dia, Eminência, chamo-me Padre Gabriele Amorth. Sou um sacerdote paulino. Vivo em Roma. Sou também o exorcista oficial do...»

«Eu sei quem é. Já ouvi falar de si. Diga-me. O que é que quer?»

«Precisava de o conhecer.»

«Por que razão?»

«Bem, eu criei uma associação de exorcistas. Encontramo-nos em Roma para discutir e ajudarmo-nos uns aos outros. Sabe, somos muito poucos no mundo.»

«Ouve. Agora não tenho tempo. Se quiseres, podes vir a minha casa amanhã. Depois dizes-me o que queres. Saudações.»

O cardeal termina a chamada de forma bastante abrupta. Pelo menos é o que me parece. Algo me diz que ele não gosta de mim. Posso adivinhar porquê, mas quero conhecê-lo na mesma.

No dia seguinte, sou anunciado em casa dele à hora marcada.

Um pequeno padre obsequioso entra numa sala ao fundo dum corredor. Sai alguns instantes depois sem olhar para mim. Vem na minha direção. Entra numa outra sala sem me dizer nada.

«Entre!», grita uma voz rouca que consigo ouvir vinda do quarto ao fundo do corredor.

Entro.

Sua Eminência está sentado numa poltrona. À sua frente, tem um televisor ligado. Na mão tem o telecomando. Faz-me sinal para me sentar num cadeirão ao lado da televisão. Depois, quando estou sentado, desliga a televisão.

«Queria ver-me. Por isso, aqui estou eu. Conte-me.»

«Pois, Eminência. Queria comunicar-lhe que como exorcista da diocese de Roma, pensei convocar uma pequena reunião de exorcistas. Somos muito poucos no mundo e muito poucos em Itália. Pensei que vermo-nos uns aos outros nos ajudaria. É um ofício difícil. Por isso, vim aqui apenas para vos informar sobre esta iniciativa.»

«Mas tem de informar Ruini (o Cardeal Camillo Ruini é, na altura desta conversa, ainda o bispo vigário da diocese de Roma, sucessor do Cardeal Hugo Poletti), não a mim. Eu dirijo um gabinete do Vaticano que, no papel, pode ter competência nesta matéria, mas só no papel. Quem tem de ser informado é Ruini.»

«Vossa Eminência, Ruini já foi informado. Escrevi-lhe pessoalmente. Pensei que seria bom informá-lo também...»

«Sim, sim, sem dúvida. Fez bem. Mas, de qualquer modo, este estória do diabo...»

«Desculpe?»

«Estou a dizer... É um exorcista, mas ambos sabemos que Satanás não existe, certo?»

«O que quer dizer com “sabemos que não existe”».

«Padre Amorth, por favor. Sabe melhor do que eu que é tudo superstição. Não quer que eu acredite que acredita mesmo nisso?»

«Vossa Eminência, estou espantado por ouvir estas palavras de uma personalidade tão importante como vós.»

«Surpreende-o? Mas porquê? Não me diga que acredita mesmo nisso!»

«Eu acredito que Satanás existe.»

«A sério? Não acredito. E espero que ninguém acredite nisso. Difundir certos medos não é uma coisa boa...»

«Bem, Eminência, não tem de mo dizer. De facto, se me permite, gostaria de lhe sugerir algo».

«Sim, diga-me».

«Devia ler um livro que talvez o possa ajudar.»

«Ai sim? Que livro, Padre Amorth?»

«Devia ler o Evangelho.»

Um silêncio gelado instala-se na sala. O cardeal olha-me seriamente sem responder. Então, pressiono-o.

«Eminência, é o Evangelho que fala do demónio. É o Evangelho que fala de Jesus expulsando os demónios. Não só isso, é o Evangelho que diz que entre os poderes que Jesus deu aos apóstolos está o poder de expulsar demónios. O que é que quer fazer, atirar o Evangelho borda fora?»

«Não, mas eu...»

«Eminência, quero ser franco consigo. A Igreja comete um grave pecado ao não falar sobre o demónio. As consequências desta atitude são muito graves. Cristo veio e travou a sua batalha. Contra quem? Contra Satanás. E derrotou-o. Mas ele ainda é livre para tentar o mundo. Hoje. Agora. E o que é que sua Eminência faz? Diz-me que é apenas superstição? Então o Evangelho também é apenas superstição? Mas como é que a Igreja pode explicar o mal sem falar do demónio?»

«Padre Amorth, Jesus expulsa os demónios é verdade. Mas é apenas uma figura de retórica para realçar o poder de Cristo! O Evangelho é uma expressão contínua de parábolas. Todas elas são parábolas. Jesus fala sempre por parábolas.»

«Mas, Eminência, quando Jesus quer usar uma parábola, diz-nos claramente. O Evangelho diz: “Jesus contou-lhes esta parábola.” O Evangelho distingue claramente os factos históricos, que realmente aconteceram, as curas, os ensinamentos, as repreensões, os exorcismos, distinguindo estes últimos das curas. Quando Jesus expulsa os demónios, não se trata de uma parábola, mas de uma realidade. Não combateu um fantasma, mas uma realidade, caso contrário seria uma farsa. Tantos santos lutaram com o demónio, tantos santos foram tentados pelo demónio, pense, por exemplo, nos Padres do deserto, tantos santos fizeram exorcismos. Então eram todos falsos, todos neuróticos? Como é que se pode não acreditar na existência de Satanás?»

«Está bem, mas mesmo admitindo que eram factos reais, mesmo admitindo que Jesus expulsou realmente os demónios, o facto é que Jesus, pela sua ressurreição, venceu tudo e, portanto, venceu também o diabo.»

«Sim, é verdade, ele ganhou tudo. Mas esta vitória deve ser aplicada e encarnada na vida de cada um de nós. Cristo venceu, mas a sua vitória por nós deve ser reafirmada dia após dia. A nossa condição de homens exige-

nos isso. A ação do diabo não foi completamente anulada. O demónio não foi destruído. O Evangelho diz que o demónio existe e que chegou a tentar Cristo. Jesus deu armas, deu-as também a nós, para o vencermos. O demónio pode ainda tentar-nos, todos nós podemos ser tentados, como o demonstra a oração contra o maligno que o próprio Jesus nos ensinou, no Pai-Nosso. Até ao Vaticano II, a oração a São Miguel Arcanjo, o pequeno exorcismo composto pelo Papa Leão XIII, era rezada no fim da Missa, e o Prólogo do Evangelho de São João era lido como uma oração libertadora.»

Sua Eminência já não sabe o que dizer. Não fala e não reage. Levanto-me, despeço-me e vou-me embora. E penso: a que ponto chegámos? E sim, até antes da Idade Média, havia exorcistas por todo o lado. Depois, infelizmente, algo mudou.

O primeiro milénio está repleto de grandes Padres da Igreja que falam do diabo. Lutam com ele. Eles veem-no. É por isso que falam dele. Os seus testemunhos são únicos. Entre os mais impressionantes e poderosos estão os dos monges do deserto. As suas batalhas contra Satanás têm algo épico.

Há uma forte tendência no Ocidente, em parte devido ao direito romano, para querer regularizar tudo. Já no fim do século II, Santo Ireneu fala com admiração dos exorcistas como uma classe à parte, embora todos possam pertencer-lhe. Em Roma, o Papa Cornélio, numa carta de 251, é o primeiro a falar dos exorcistas como tendo um ofício sagrado. Penso que podemos considerar que esta instituição do sacramento do exorcismo terminou no ano 416, quando o Papa Inocêncio I decretou que os exorcismos só podiam ser administrados com autorização do bispo. É esta a disciplina ainda hoje em vigor (com a ressalva de que o bispo só pode dar a faculdade de exorcismo aos sacerdotes).

Antes de 416, é necessário mencionar 313. Foi nesse ano que o édito de Constantino fez do cristianismo a religião do Estado. Na sequência deste édito, a Igreja corre um grande risco de se secularizar. Ou seja, corre o risco de ver os seus crentes conformarem-se com os princípios do mundo. Isto pode ter consequências nefastas, como a decadência do empenhamento evangélico e o empobrecimento dos valores da tradição cristã.

Daí a necessidade de procurar novas formas de viver o Evangelho de forma mais consentânea com os seus ditames.

Isto é o monasticismo: fuga do mundo, concentração em si mesmo, na ascese e na oração.

Os primeiros monges apareceram no Egito no século III d.C. São chamados anacoretas ou solitários. No século IV, surgem as duas primeiras grandes figuras: António e Pacómio, o primeiro expressão de um monaquismo hermético e o segundo de um monaquismo comunitário e cenobítico.

O que é que estes monges têm em comum? Muitas coisas, mas acima de tudo a luta contra Satanás. Ele é o seu inimigo. O que os monges dizem e escrevem é a melhor maneira de o derrubar. Se ao menos houvesse mais homens da Igreja atualmente que pudessem falar tão claramente como estes homens. Não há, há apenas alguns. E a vida dos homens está sob grande ameaça por causa disso.

O combate, como Orígenes escreveu várias vezes, é espiritual. O combate, como escreveu Atanásio ao narrar a vida de António, é amargo e terrível.

O deserto é o lugar preferido de Satanás para tentar o homem. Porquê? Porque o deserto é também o lugar preferido de Deus para falar ao homem. O deserto é, portanto, um campo de batalha onde o monge tenta lutar e, sobretudo, resistir às tentações do demónio. António deixa tudo e vai para o deserto, o lugar de Satanás. Satanás não o quer lá. Ele sabe que António representa uma poderosa ameaça para ele.

Os factos relatados podem ser considerados pura fantasia. Eu acredito que são verdadeiros. O mundo sobrenatural existe e está sempre connosco. Não só o mundo da luz, mas também o das trevas. Só o homem cujo espírito está especialmente treinado pode ir para além do mundo real e ver o que se passa no mundo sobrenatural. Apenas alguns homens podem ver e experimentar dentro de si a grande batalha que desde sempre existiu no céu, a batalha entre Deus e Satanás. Os acontecimentos narrados são um confronto incrível entre António, um rapaz que se tornou monge, e Satanás. Um confronto muito semelhante ao que se dá entre um exorcista e Satanás.

O diabo, ao ver como António vive, fica com inveja. E por isso começa a pôr os olhos nele.

Inicialmente, faz tudo o que pode para o afastar dos seus exercícios ascéticos. Tenta-o recordando-lhe os tempos em que era rico, os tempos de uma vida familiar despreocupada. Depois, as tentações do dinheiro, da

comida, da vanglória. Muita poeira começa a entrar na mente de António. Rapidamente fica confuso, um sinal de que Satanás está a trabalhar bem com ele.

À noite, Satanás tenta António de todas as formas. De dia, atormenta-o com pensamentos terríveis. Satanás apresenta todo o tipo de tentações na mente de António. António luta com a única arma que tem, a oração. António também responde às tentações sexuais com o jejum. A oração e o jejum tornam-se rapidamente um muro intransponível para Satanás. À noite, Satanás faz aparecer uma mulher bela e sensual no quarto de António. Ela está lá apenas para ele. Um pedaço de carne saboroso. António responde com mais oração e jejum. Empurra para longe de si as brasas da sedução e da tentação.

Uma noite, Satanás aparece sob a forma de uma criança negra. Entra no quarto de António e fala.

«Muitos eu seduzi, muitos eu derrubei. E muitas outras coisas realizei. Agora, em vez disso, fui rebaixado.»

Diz António: «Quem és tu para me falares assim?»

«Eu sou o amigo da fornicação, eu sou aquele que assedia os jovens, e sou chamado o espírito da fornicação. Quantos seduzi que queriam ser recatados! Quantos castos persuadi, seduzindo-os! Eu sou aquele que muitas vezes vos molestou e que tantas vezes rejeitastes.»

«Por isso és demasiado desprezível. És negro de alma e de aspeto e revelaste ser uma criança fraca. Quanto ao resto, não quero saber de ti. O Senhor é o meu auxílio e eu desprezarei os meus inimigos.»

Perante estas palavras, Satanás, disfarçado de criança, foge.

António vai viver entre os sepulcros perto da cidade. É um lugar que ninguém frequenta. Fecha-se num túmulo e inicia as suas práticas ascéticas. Satanás lança um ataque. Envia contra ele uma multidão de demónios. Batem-lhe ferozmente. António jaz no chão, como se estivesse morto. Num estado de semiconsciência, António dirige-se aos demónios: «Eis-me aqui, sou António. Não fujo aos vossos golpes. Mesmo que me deem mais, não me separarei do meu amor por Cristo.»

Satanás está sem palavras e cheio de ódio. Por isso, convoca os seus cães e diz-lhes: «Vedes que não conseguimos vencê-lo nem com o espírito de fornicação nem com pancadas; pelo contrário, ele tornou-se ainda mais corajoso do que nós. Vamos abordá-lo de outra forma.»

Os demónios transformam-se em bestas ferozes e cobras. E à noite atacam o sepulcro de António. Ursos, leões, serpentes, tigres, leopardos, escorpiões aproximam-se do sepulcro. Todos eles conseguem atingi-lo, mordê-lo. António está no chão. Parece derrotado, mas a sua mente está lúcida. Diz: «Se tivésseis algum poder, bastaria que um de vós viesse, mas como o Senhor vos tirou toda a força, tentais assustar-me com quantidade. É um sinal da vossa fraqueza o facto de assumirdes a aparência de animais e de brutos. Se realmente tendes força, porque hesitais? Vinde. Mas se não podeis, porque me perturbais inutilmente? Temos o sinal da cruz e a nossa fé no Senhor para nos dar força.»

Num instante, as feras desaparecem.

António sai vitorioso. Agora dirige-se para uma montanha. Este é o seu novo refúgio. Uma montanha, ele e Deus. Satanás vê-o. Mantém os olhos fixos nele. E no seu caminho faz aparecer um enorme vaso de prata.

Diz António: «De onde vem este vaso no deserto? Esta não é uma rua movimentada, nem há vestígios de viajantes, que teriam chamado a atenção para ela. Além disso, é tão grande que ninguém poderia passar pela rua sem o ver. Se alguém a deixasse cair, a pessoa que a perdeu poderia voltar e encontrá-la. O sítio está deserto. Tudo isto é arte do demónio, mas nem desta vez conseguirás impedir a minha vontade. Pois este vaso irá para a perdição contigo.»

Quando António diz estas palavras, o vaso desaparece numa nuvem de fumo.

Muitas pessoas começam a ir ver o António. De alguma forma, sentem que ele é um homem de Deus. E vão ter com ele. À noite, ninguém tem acesso ao local onde António descansa. De lá, ouvem-se gritos.

«Saiam daqui!»

E ainda: «O que é que tu tens a ver com o deserto? Não podes continuar a suportar as nossas armadilhas!»

Alguns tentam aproximar-se do local onde António está a descansar. Conseguem espreitar para dentro, mas não veem ninguém. Apenas António a descansar.

Quando os gritos se tornam mais fortes, quando os ataques se tornam mais ferozes, ouve-se também a voz de António, alta e potente. Canta para si próprio: «Que Deus se levante e os seus inimigos sejam dispersos, e que

aqueles que o odeiam fujam da sua presença. Quando o fumo se dissipa, eles desaparecem. Como a cera se derrete na presença do fogo, assim pereçam os pecadores na presença de Deus.»

António recebe muitas pessoas durante o dia.

Ele diz a todos estas coisas: «Com as nossas orações, os nossos jejuns, com a nossa fé em Cristo, os demónios caem imediatamente. Mas mesmo que caiam, não ficam quietos. Voltam a aproximar-se, com astúcia e malícia. Como não conseguiram seduzir o coração pelo prazer, lançam outras armadilhas e formam imagens transfiguradoras, imitando mulheres, belezas, serpentes. Contudo, essas imagens não devem ser temidas. Não são nada e logo desaparecem. Por vezes, fingem prever o futuro. Não conhecem o futuro. Só Deus conhece o futuro. Um dia, veio ter comigo um demónio muito alto. Disse-me: “Eu sou o poder de Deus. O que é que queres que te dê?” Em resposta, soprei contra ele, pronunciando o nome de Cristo. Noutra ocasião, enquanto jejuava, o demónio voltou a aparecer-me disfarçado de eremita. Ofereceu-me um pouco de pão e disse-me: “Come e desiste destes esforços. Tu és um homem. Se continuares assim, vais enfraquecer.” Respondi-lhe com uma oração. E desapareceu. Uma vez, o próprio Satanás veio visitar-me. “Quem és tu?”, perguntei. “Sou Satanás.” “Porque vieste aqui?” “Porque é que os cristãos se queixam de mim? Porque é que se queixam?” “Porque tu os tentas.” “Não sou eu, mas são eles que se perturbam. Eu fiquei fraco. Agora não tenho um sítio, não tenho raio, não tenho nenhuma cidade. Os cristãos estão por todo o lado. Agora até o deserto está cheio de eremitas. Que eles se guardem e não me amaldiçoem sem motivo.” “Embora sejas um mentiroso e nunca tenhas dito a verdade, desta vez disseste a verdade. Cristo, que vem, tornou-te fraco, deitou-te abaixo e desnudou-te.” Quando ouviu o nome de Cristo, não pôde resistir e fugiu.»

Assim fala António. As pessoas continuam a ir ter com ele. E em breve começam também a trazer-lhe pessoas possuídas.

Afinal de contas, é lógico: as pessoas apercebem-se de que quanto mais se dedicam à oração e ao jejum, mais aptas estão para fazer exorcismos.

É por isso que, ainda hoje, na Igreja Ortodoxa, basta ir a um mosteiro para encontrar um exorcista; administrar exorcismos é considerado um carisma e, como afirmam as Constituições Apostólicas de 380, «uma pessoa

torna-se exorcista não por ordem sagrada, mas por decisão pessoal, boa vontade, força de espírito e graça».

Entre os possessos que levam a António está um homem distinto. Ele está possuído de uma forma terrível. Manipula os seus próprios dedos. Bate-se a si próprio. À noite, deixam-no perto de António, que reza por ele. De manhã, o demoníaco ataca-o. António diz: «Não é ele que faz estas coisas. É o demónio que está dentro dele. Desde que lhe ordenei que fosse para lugares áridos, ele enlouqueceu e faz isto. Glorificai, pois, o Senhor. O facto de ele me ter atacado é um sinal de que o demónio se vai embora.»

E, de facto, o homem fica curado de repente. Agora está livre.

António, como os apóstolos, expulsa os demónios. António, como muitos no primeiro milénio da era cristã, fala de Satanás e adverte contra ele. Porque António, como muitos, acredita na existência de Satanás.

Não é assim no segundo milénio e nos nossos dias. Satanás parece que já não existe. Mas não é assim. Ele existe. E não acreditar em Satanás é um assunto muito sério que tem consequências terríveis. É um pecado pelo qual, infelizmente, muitos homens da Igreja são responsáveis.

Tudo começa no século XII. Um período muito triste para a Igreja. Surgem as grandes heresias. A Europa é devastada por guerras constantes, morte e destruição. De repente, as mulheres com problemas de loucura deixam de ser vistas como loucas. Tornam-se antes bruxas. São elas que deveriam ter sido exorcizadas, mais do que os outros, que são queimados na fogueira. A Europa e o mundo inteiro estão cheios, como em todas as épocas históricas, de mulheres demonizadas. Essas mulheres precisam de ser exorcizadas. Em vez disso, é-lhes recusado esse «remédio» e são consideradas carne para queimar.

Em 1252, Inocêncio IV autorizou a tortura dos hereges. Em 1326, João XXII autorizou pela primeira vez a Inquisição contra as bruxas.

A loucura reina em toda a Europa. Chega também a peste negra, de 1340 a 1450. Morrem gerações inteiras. A Igreja divide-se. O mundo divide-se. Os irmãos guerreiam-se uns aos outros. É um período de grande destruição. São todas estas desgraças juntas que levam a Igreja a demonizar tudo. Só que esta demonização não leva, como seria certo, a fazer mais exorcismos. Leva à destruição de vidas inocentes.

Com o tempo, os exorcismos foram diminuindo cada vez mais até ao período mais negro, os séculos XVI e XVII. É nesse período que os exorcismos desaparecem essencialmente. Claro que há exceções. Uma delas é o caso da Irmã Giovanna Fery. Viveu de 1559 a 1620. É uma das freiras negras de Mons, em França. Fez vários pactos com o demónio, mas um prelado culto e capaz, em vez de a queimar na fogueira, decidiu submetê-la a um exorcismo. O seu nome é Monsenhor Louis de Berlymont e ele será a salvação da Irmã Fery. Os exorcismos duram um ano, mas ela é libertada.

Nem todos os bispos, porém, têm a visão de Berlymont. Entre eles está São Carlos Borromeu. Um grande santo, mas que, no que diz respeito às bruxas, se conforma com o sentimento comum.

A caça às bruxas espalhou-se rapidamente, sobretudo nos países onde o protestantismo era forte. Em Roma, os casos de queimas de bruxas são reduzidos ao mínimo. O mesmo acontece na Irlanda e em Espanha.

Depois, subitamente, no século XVIII, tudo cessa. As bruxas deixam de ser perseguidas. Foram abandonados os exorcismos durante várias décadas, já ninguém os faz. O mundo está basicamente desprovido de exorcistas. O demónio já não existe para ninguém. É um fantoche, um boneco. É assim que, muitas vezes, ainda hoje o consideram. Com consequências terríveis para toda a gente.

A partir do século XVIII, é negada qualquer existência do demónio. De quem é a culpa? Sem dúvida, da cultura laica, do ateísmo pregado às massas, do racionalismo do mundo científico e cultural. A consequência é a perda da fé que ainda hoje vivemos e, ao mesmo tempo, o crescimento de todas as formas de superstição e a expansão de todos os tipos de ocultismo.

A Igreja Católica é vítima desta influência maciça. Tanto assim é que, nela, os exorcistas quase desapareceram durante três séculos. Claro que sempre houve alguns exorcistas. Mas, de um modo geral, o número diminuiu drasticamente para perto de zero. Sem exorcistas, quem é que tem levado a melhor? Satanás e a sua fúria assassina.

Há décadas que nos seminários e nas universidades eclesiásticas já não se estuda a parte da teologia dogmática que, falando de Deus Criador, fala dos anjos, da prova da sua existência, da rebelião dos demónios; assim, nos estudos os demónios já não existem. Já quase não se estuda a teologia espiritual, que trata da ação ordinária do demónio, a tentação, e da sua ação extraordinária, a possessão e os males; aborda também os remédios,

incluindo o exorcismo. Consequentemente, já não se acredita nos exorcismos, confirmada esta descrença pelo facto de nunca terem sido realizados ou vistos. Já não se estuda, na teologia moral, a parte que diz respeito a certos pecados contra o primeiro mandamento: a magia, a necromancia, o espiritismo, isto é, as formas de superstição mais condenadas pela Bíblia e atualmente mais difundidas. Daí que o povo de Deus não tenha sido instruído e que, quando se dirige aos padres sobre estes assuntos, se depare quase sempre com um muro de ignorância e de incompreensão.

O que custaria às faculdades eclesiásticas incluir textos dedicados às lutas espirituais de Santa Teresa do Menino Jesus, Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz? Quanto custaria abordar, com textos na mão, as batalhas dos grandes padres do Oriente cristão contra o demónio? Não custaria nada, mas ninguém pensa nisso como se outros assuntos fossem mais importantes. Certamente que são importantes, não o nego, mas também é importante conhecer o outro lado do céu, o lado negro, o lado que nos arrasta para a condenação eterna.

Se a estas duas grandes lacunas, de estudo e de experiência direta, juntarmos os erros doutrinais de tantos teólogos e biblistas, que chegam a negar o exorcismo do Evangelho, considerando-o uma «linguagem cultural», «adaptação à mentalidade da época», compreendemos bem em que abismo nos encontramos. É verdade que a voz dos Pontífices se levantou contra estes erros, especialmente Paulo VI e João Paulo II, e hoje também a voz de Bento XVI, é verdade que a Congregação para a Doutrina da Fé publicou um documento dedicado à demonologia a 26 de junho de 1975, incluindo-o entre os documentos oficiais da Santa Sé, mas isto não é suficiente. A incredulidade sobre a existência de Satanás é generalizada e não permite que as pessoas se defendam contra o inimigo, que se salvem das suas garras infernais.

A culpa na Igreja Católica é, em grande parte, dos bispos. Não lhes caberia nomear pelo menos um exorcista nas suas dioceses? Sim, caber-lhes-ia. Mas muitas vezes não fazem nada. Porquê? Porque são ignorantes na matéria. Porque não estudaram. Porque não confiam plenamente no que está escrito no Evangelho mas sobretudo porque, lamento dizê-lo, nunca assistiram a um exorcismo. Não percebo: os aspirantes a médicos, quer venham a ser cirurgiões ou não, são obrigados a assistir a uma cirurgia.

Porque é que as faculdades de teologia não adotam o mesmo método com os seminaristas? Deixem-nos assistir a exorcismos! Não importa que não se tornem exorcistas. Pelo menos veem e percebem o que é uma possessão, o quanto o demónio pode magoar, magoar como o inferno. É difícil acreditar na existência de Satanás se nunca se assistiu a um exorcismo. Acrescentaria ainda que este abandono de três séculos da prática dos exorcismos fez com que, aos olhos de muitos, os próprios exorcismos surjam como algo abominável, algo monstruoso, a que se deve recorrer o menos possível, sendo ainda melhor se nunca forem feitos.

Atualmente, é difícil encontrar um exorcista na Igreja latina. Só em Itália é que se mudou alguma coisa. A maior parte dos outros países, infelizmente, não tem exorcistas. Por isso, as pessoas procuram mágicos, cartomantes e, muitas vezes, satanistas. A Igreja Católica está a dormir, mas devia saber que Satanás nunca dorme. Ele está sempre acordado, alerta, pronto para atacar.

Diz o Concílio Vaticano II, a grande assembleia convocada em 1962 em Roma pelo Papa João XXIII e na qual participaram bispos de todo o mundo:

«Toda a história da humanidade é permeada por uma tremenda luta contra os poderes das trevas; uma luta que se desenrola desde o início do mundo e está destinada a durar, como diz o Senhor, até ao último dia.» E João Paulo II diz, a 20 de agosto de 1986: «À vitória de Cristo sobre o demónio participa na Igreja: de facto, Cristo deu aos seus discípulos o poder de expulsar os demónios. A Igreja exerce este poder vitorioso através da fé em Cristo e da oração, que, em casos específicos, pode assumir a forma de exorcismo.»

«Aqueles que acreditam em mim expulsarão demónios em meu nome... imporão as mãos sobre os doentes e eles ficarão curados», diz Jesus. Se os sacerdotes acreditassem pelo menos nas palavras do Senhor e no poder que têm, não se cansariam de abençoar todas as pessoas que lhes pedem uma simples bênção. Creio que muitos males desapareceriam e que um exército de pessoas (mágicos, cartomantes, videntes, etc.) seria dispensado. É um dos objetivos que nós exorcistas, pelo menos indiretamente, tentamos atingir.

O que é curioso é o seguinte: os Papas acreditam na existência de Satanás, mas, apesar disso, não conseguem que essa crença se traduza em decisões conscientes que envolvam toda a Igreja. Em suma, não conseguem convencer os bispos do mundo inteiro da necessidade de nomear exorcistas. Falei várias vezes com os Pontífices sobre a minha «carreira» de exorcista. Fui consultado várias vezes. Recordei-lhes sempre um grande homem que também se tornou Papa. Um homem que, como Pontífice, teve o privilégio de ver o reino de Satanás. E depois de o contar ao mundo, obrigando toda a Igreja a rezar para o derrotar. O seu nome era Gioacchino Pecci.

Quem é Giocchino Pecci? É um dos maiores pontífices da história. Tornou-se Papa em 1878 e assumiu o cargo com o nome de Leão XIII. Antes de João Paulo II, detinha o recorde do segundo pontificado mais longo da história da Igreja, depois do seu antecessor, Pio IX.

Um dia, 13 de outubro de 1884, Leão XIII assiste a uma missa. Sempre, depois de celebrar uma missa, assiste a outra. É uma missa de ação de graças.

A certa altura, as pessoas que o rodeiam veem que ele levanta a cabeça para cima. Olha em frente, como se estivesse em transe. Para onde é que ele está a olhar? O seu rosto muda de cor. Fica vermelho. Leão XIII parece assustado. Por vezes, até aterrorizado, como se estivesse num mundo monstruoso.

Pouco depois, como se nada tivesse acontecido, levantou-se e dirigiu-se rapidamente para o seu escritório.

«Sua Santidade, não se está a sentir bem? Aconteceu alguma coisa?», perguntam-lhe os seus secretários, um pouco assustados.

«Nada. Nada. Deixai-me em paz. Não aconteceu nada.»

Na realidade, algo aconteceu. Leão XIII senta-se à sua secretária e mergulha em minutos de escrita profunda e intensa. Escreve. Escreve incessantemente.

Pouco depois, chama um dos seus colaboradores, o secretário de um «ministério» da Cúria Romana, a Congregação dos Ritos. Sem dizer nada, entrega-lhe um papel. «Manda imprimir e difunde-o por toda a Igreja», ordenou-lhe.

O secretário sai do escritório, abre o jornal e lê escrito estas palavras que o chocam. Trata-se de uma oração a São Miguel Arcanjo, aquele que no texto sagrado defende a fé em Deus contra os ataques de Satanás.

«São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate; contra a maldade e as ciladas do demónio sede o nosso auxílio. Nós vos suplicamos: que o Senhor o ordene! E tu, príncipe da milícia celeste, com o poder que vem de Deus, lança no inferno Satanás e os outros espíritos malignos, que vagueiam pelo mundo para a perdição das almas.»

Porquê esta oração?

Por causa da visão que teve pouco antes. É uma visão sobre o futuro da Igreja. Um período de cerca de cem anos à frente, quando o poder de Satanás atingiria o seu auge. Cem anos! Quase o nosso tempo! Leão XIII ouve duas vozes: uma doce e suave, a outra rouca e áspera. Parece-lhe que essas vozes vêm de perto do tabernáculo. De repente, compreende que a voz doce e suave é a de Jesus Cristo, enquanto a voz rouca e áspera é a de Satanás.

Satanás afirma com orgulho que pode destruir a Igreja, mas para o fazer exige mais tempo e mais poder.

Jesus concorda misteriosamente com o pedido e pergunta-lhe de quanto tempo e de quanto poder precisa. Satanás responde que precisa de cerca de cinco anos e de mais poder sobre aqueles que se puseram ao seu serviço.

Jesus concede a Satanás o tempo e o poder que ele exige, dando-lhe total liberdade para dispor dele como quiser: mas ele não destruirá a Igreja.

Leão XIII foi assim abalado por esta experiência, escreve uma oração em honra de São Miguel para a proteção da Igreja. É a oração confiada ao seu secretário e, através dele, a toda a Igreja.

O Papa quer que esta oração seja recitada no fim de cada missa. Esta disposição foi seguida até aos anos 60, altura em que, com a reforma da missa implementada pelo Concílio Vaticano II, a oração foi definitivamente suprimida da liturgia. Voltaremos ao significado desta oração. Voltaremos aos nossos tempos, dias em que Satanás sente expirar a liberdade que lhe foi concedida por Cristo e, por isso, tenta, com uma força sem precedentes, destruir a Igreja e o mundo. Estamos na batalha final, e desta batalha teremos de falar. Mas primeiro paremos por um momento. Onde? No Vaticano.

8

SATANÁS NO VATICANO
Os possuídos de Bento XVI e João Paulo II. Nota sobre o caso Orlandi

A descrença do Vaticano na existência de Satanás ficou demonstrada quando tive de lidar com uma comissão de cardeais encarregada de reescrever o ritual dos exorcistas.

No fim dos seus trabalhos, o Concílio Vaticano II tinha ordenado que todos os textos litúrgicos fossem atualizados. Infelizmente, neste trabalho de atualização prevaleceu muitas vezes a busca da novidade, de modo que, quando se trata de «atualizar», a ideia é deitar fora os textos antigos e fazer tudo novo. Uma ação muitas vezes perversa, porque foi posta em prática partindo do princípio de que o antigo estava sempre e em todo o caso errado: que loucura!

O último texto a que os «*inovadores*» deitaram a mão foi o ritual para exorcistas, ou seja, o texto que um exorcista segue quando efetua um exorcismo. Eu, com outros exorcistas, tinha-me preparado pensando que em breve seria consultado por esta comissão. Em vez disso, nada. Em vez disso, surpreendentemente, a 4 de junho de 1990, um novo ritual «*ad interim*», sem que nenhum de nós tenha sido consultado, nem verbalmente, nem sequer por telefone.

Não é mau. Um texto provisório é sempre reformável, pensámos. Tanto mais que este novo ritual foi inicialmente distribuído para ser testado pelos exorcistas, dos quais o Vaticano teria de receber comentários. No fundo, segundo os acordos, os exorcistas deviam experimentar este novo ritual «no terreno», depois deviam transmitir as suas observações ao bispo da sua

diocese, que as transmitiria à Conferência Episcopal e, por fim, à Congregação para o Culto Divino, o «ministério» da Santa Sé responsável pela renovação do texto. Na realidade, este caminho tortuoso revelou-se uma armadilha. O Cardeal Eduardo Martínez Somalo, prefeito do Culto Divino desde 1988, disse: «Dentro de dois anos, as conferências episcopais de todo o mundo devem enviar-nos um relatório sobre a utilização do novo ritual, bem como conselhos e sugestões dados pelos sacerdotes que o utilizaram.»

Na realidade, nada disto aconteceu. Principalmente por causa do caminho tortuoso – dos exorcistas aos bispos, dos bispos à Conferência Episcopal e depois à Congregação para o Culto Divino – nenhum comentário chegou ao Vaticano. Nenhum.

Nós, os exorcistas, teríamos muito a dizer. A leitura e o ensaio do novo ritual foram, de facto, desastrosos para nós. Era demasiado evidente que o novo ritual tinha sido preparado por pessoas que nunca tinham feito exorcismos nas suas vidas e que nunca os tinham testemunhado.

Então nós, exorcistas, decidimos reunir-nos em assembleia para decidir o que fazer. Éramos dezoito, de diferentes países do mundo, entre os exorcistas mais veneráveis que existem. Discutimos este texto provisório e decidimos redigir um longo relatório a que chamámos «as observações dos dezoito». Entregámos as nossas observações à Conferência Episcopal Italiana, à Congregação para o Culto de Deus, e uma cópia foi entregue diretamente nas mãos do Papa João Paulo II, que a tomou diante dos seus olhos e nos agradeceu.

Os meses passaram e um dia chegou a notícia de que o texto final do novo ritual tinha sido publicado em latim a 22 de novembro de 1998. A tradução italiana, editada pela Conferência Episcopal Italiana, foi publicada em 25 de novembro de 2001.

A nossa deceção foi grande. O texto final, para nossa surpresa, era substancialmente o mesmo da edição «*ad interim*», mas com o acréscimo de erros graves. Por exemplo, o texto proibia o uso do exorcismo em casos de maleficência, casos que causam mais de 90% das doenças diabólicas. E, mais uma vez, o texto proibia a realização de exorcismos se não houvesse certeza da presença do demónio. Isto é absurdo. Só fazendo exorcismos é que se pode ter a certeza se se está possuído ou não! Além disso, o autor deste texto não se apercebeu de que estava a contradizer o Catecismo da

Igreja Católica, que afirma que o exorcismo deve ser feito tanto no caso de possessão como no caso de perturbações causadas pelo demónio. Nestes distúrbios nunca há possessão, nunca há a presença do demónio dentro do corpo das pessoas, como não há quando se exorcizam animais, casas, objetos.

Para que servem, então, «as observações dos dezoito»?

Só serviram para o desprezo. Lamento dizê-lo, mas tenho de o dizer: só serviram para o desprezo.

O secretário da Congregação para o Culto Divino declarou perante a comissão de cardeais encarregada de redigir este novo texto que os únicos interlocutores deviam ser os bispos e não os padres ou os exorcistas. E acrescentou: «Era preciso reconhecer que um grupo de exorcistas e também de demonologistas, que mais tarde formaram uma associação internacional, estavam a orquestrar uma campanha contra o ritual.» Éramos nós. Éramos nós os dezoito.

Foi uma acusação indecente.

Nós, exorcistas, só quisemos fazer observações depois de termos usado o ritual «*ad interim*» e de termos experimentado a sua total ineficácia em muitas partes. Nós acreditámos na *Lumen gentium*, o texto dogmático sobre a Igreja que resultou dos trabalhos do Concílio Vaticano II, que diz: «De acordo com o conhecimento, a competência e o prestígio de que gozam, têm o direito, e por vezes até o dever, de dar a conhecer a sua opinião sobre questões relativas ao bem da Igreja.» Nós acreditámos na *Lumen gentium*, mas eles não o fizeram no Vaticano. Não me parece que tenha sido recebida por todos no Vaticano.

Felizmente, *in extremis*, o Cardeal Jorge Arturo Medina Estévez, que se tornou prefeito da Congregação para o Culto Divino em 1996, conseguiu, num golpe de última hora inserir uma notificação especial em que os exorcistas eram autorizados a continuar a usar o antigo ritual, fazendo um pedido ao bispo. Foi a nossa salvação. Todos podíamos continuar a exorcizar com o antigo ritual, na minha opinião o único eficaz contra o demónio.

No entanto, tenho de dizer mais uma coisa. E isto diz respeito a Joseph Ratzinger. O atual pontífice era um dos membros da comissão de cardeais encarregada de redigir o texto aquando da elaboração do ritual provisório.

Foi o único que procurou e ouviu a nossa opinião, dos exorcistas, embora, infelizmente, essa opinião não tenha sido partilhada pelos seus colegas.

É uma manhã de maio do ano 2009. Joseph Ratzinger já é Papa há quatro anos. Durante o seu pontificado, falou várias vezes de Satanás.

Compreendo que, para ele, o diabo é um espírito existente, que luta e atua contra a Igreja. E contra ele. De outra forma, não se poderiam explicar frases como estas: «Para aqueles que continuam a pecar sem mostrar qualquer forma de arrependimento, a perspetiva é a condenação eterna, o inferno, porque o apego ao pecado pode levar-nos ao fracasso da nossa existência. É este o destino trágico de quem vive no pecado sem recorrer a Deus. Só o perdão divino nos dá a força para resistir ao mal e não pecar mais. Jesus veio dizer-nos que nos quer a todos no paraíso e que o inferno, de que pouco se fala no nosso tempo, existe e é eterno para aqueles que fecham o coração ao seu amor.»

E ainda: «Hoje constatamos com nova dor, sabemos que foi permitido a Satanás peneirar os discípulos visivelmente perante o mundo inteiro. E sabemos que Jesus reza pela fé de Pedro e dos seus sucessores. Sabemos que Pedro, através das águas agitadas da história, vai ao encontro do Senhor e corre o risco de se afundar, mas é sempre de novo amparado pela mão do Senhor e guiado sobre as águas.»

Está calor na Praça de São Pedro. A primavera está a começar. O sol bate na praça onde uma multidão de fiéis aguarda o Papa. É quarta-feira, dia da audiência geral. Os fiéis chegam de todo o mundo.

Do fundo da praça surge um pequeno grupo de quatro pessoas. Duas mulheres e dois homens jovens. As mulheres são duas das minhas assistentes. Ajudam-me durante os exorcismos, rezam por mim e pelos possessos e ajudam-nos, na medida do possível, no seu longo e difícil caminho para a libertação.

Os jovens são dois possuídos. Ninguém sabe disso. Só eles e as duas mulheres que os «acompanham» sabem.

Nessa quarta-feira, as mulheres decidem levar os dois à audiência do Papa, porque acham que eles podem beneficiar com isso. Não é mistério que muitos gestos e palavras do Papa irritam Satanás. Não é mistério que até a simples presença do Papa acalma e, de alguma forma, ajuda os possuídos na sua luta contra aquele que os possui.

Aproximam-se os quatro das barreiras junto ao «palco» de onde Bento XVI irá discursar em breve. Os guardas suíços detêm-nos. Não têm bilhetes para avançar mais. As duas mulheres insistem. Para elas, é importante que os dois possessos se aproximem o mais possível do Papa. Os guardas suíços não permitem qualquer exceção e ordenam-lhes que saiam. Então, uma das mulheres finge sentir-se mal. A farsa dá resultado. São obrigados, os quatro, a sentar-se para lá das barreiras, nos lugares reservados aos deficientes.

«Viram, João e Marco?», perguntam as duas mulheres aos dois homens possuídos.

«Conseguimos. Em breve o Papa vai chegar e nós estamos aqui ao lado dele.»

Eles os dois não falam. Estão estranhamente silenciosos. É como se aqueles que os possuem (são dois demónios diferentes) começassem a perceber quem vem à praça.

Tocam as dez horas. Um jipe branco emerge do arco do sino, do portão ao lado da basílica do Vaticano. Em cima dele estão três homens. Um motorista, o Papa em pé e, sentado ao seu lado, o seu secretário particular, Monsenhor Georg Gänswein.

As duas mulheres voltam-se para João e Marco. Instintivamente, apoiam-nos com os braços. Os dois, de facto, começam a comportar-se de forma estranha.

Giovanni treme e bate os dentes.

As duas mulheres apercebem-se de que alguém está a começar a agir no corpo de João e Marco. Alguém que está a ficar cada vez mais agitado com o passar dos minutos.

«João, controla-te», diz uma das duas mulheres.

«Controla-te, João. Não te excedas. Reage. Mantém o controlo.»

A outra mulher diz as mesmas palavras a Marco. João parece não ouvir as palavras da mulher. Mas, de repente, vira-se e diz-lhe numa voz lenta que parece vir sabe-se lá de que mundo:

«Eu não sou o João.»

A mulher não diz mais nada. Ela sabe que só um exorcista pode falar com o demónio. Se o fizesse, seria muito arriscado. Por isso, fica em silêncio e limita-se a segurar o corpo de João, agora completamente nas

mãos do demónio.

O jipe dá a volta à praça. Os dois homens possuídos curvam-se no chão. Batem com a cabeça no chão. Os guardas suíços observam-nos, mas não intervêm. Estarão porventura habituados a estas cenas? Talvez sim. Talvez já tenham assistido às reações dos possessos perante o Papa.

O jipe percorre um longo caminho. Depois chega ao cimo da praça, a poucos metros do portão da basílica do Vaticano. O Papa sai do carro e cumprimenta as pessoas que estão nas primeiras filas.

O João e o Marco, juntos, começam a uivar. Deitados no chão, uivam. Uivam muito alto.

«Santidade, Santidade, estamos aqui!», grita uma das duas mulheres para o Papa, tentando chamar a sua atenção.

Bento XVI vira-se, mas não se aproxima. Vê as duas mulheres e vê os dois jovens no chão a gritar, a babar-se, a tremer, a gritar. Vê o olhar de ódio dos dois homens. Um olhar dirigido a ele.

O Papa não hesita. Observa de longe. Levanta o braço e abençoa os quatro. Para os dois possuidores é uma sacudidela furiosa. Um chicote a fustigar o corpo todo. De tal forma que caem três metros para trás, atirados ao chão. Já não gritam. Agora choram, choram, choram. Gemem durante toda a audiência. Quando o Papa sai, recuperam a razão. Recuperam os sentidos. E não se lembram de nada.

Bento XVI é temido por Satanás. As suas missas, as suas bênçãos, as suas palavras são como exorcismos poderosos. Não creio que Bento XVI se comprometa com o exorcismo. Pelo menos que eu saiba, não. Creio, no entanto, que todo o seu pontificado é um grande exorcismo contra Satanás. Eficaz. Poderoso. Um grande exorcismo que deveria ensinar muito aos bispos e cardeais que não acreditam: eles, porém, terão de responder pela sua incredulidade. Não acreditar e, sobretudo, não nomear exorcistas onde há uma necessidade explícita é, na minha opinião, um pecado grave, um pecado mortal.

A forma como Bento XVI vive a liturgia. O seu respeito pelas regras. O seu rigor. A sua postura é muito eficaz contra Satanás. A liturgia celebrada pelo Pontífice é poderosa. Satanás é ferido sempre que o Papa celebra a Eucaristia.

Satanás temia muito a eleição de Ratzinger para o trono de Pedro. Porque via nele a continuação da grande batalha que o seu antecessor, João Paulo II, travou contra ele durante vinte e seis anos e meio. O Papa que, segundo ele, efetuava exorcismos.

Sabe-se que Wojtyla efetuou vários exorcismos no Vaticano. A primeira vez foi a 27 de março de 1982. O então bispo de Spoleto, Ottorino Alberti, traz-lhe uma jovem, Francesca Fabrizi, que começa a gritar e a rolar pelo chão quando o vê, sem se importar com o facto de o Papa pedir repetidamente ao diabo que saia de dentro dela. Só se acalma subitamente quando João Paulo II lhe diz: «Amanhã rezarei a missa por ti.»

Alguns anos mais tarde, a mulher voltou ao Papa com o marido, tranquila, feliz, à espera de um filho.

«Nunca tinha visto uma coisa assim», confidenciou

O Papa ao seu prefeito da casa, o cardeal Jacques Marín: «Uma verdadeira cena bíblica.»

Outra testemunha, que confirma o que aconteceu, é o padre Baldino, pároco da Igreja de Santa Assunta em Cesi.

«A rapariga possuída tem 22 anos», diz ele.

«É um caso desesperado e muito difícil. Quando foi submetida ao exorcismo do Pontífice, acalmou. Hoje Francesca é feliz. Casou-se e já não vive em Cesi. Tem dois filhos lindos.»

Mas o exorcismo mais difícil feito por Wojtyla, penso eu, foi o de Sabrina. É uma jovem que não vive em Lazio. Vem a Roma todas as quartas-feiras para ser exorcizada por mim. Numa quarta-feira, decide ir à Praça de São Pedro para assistir à audiência do Papa. Quando João Paulo II chega à praça, ela começa a gritar. Têm de a segurar. Ela quer atirar-se ao Papa. A sua cara está cheia de ódio. Baba-se. Blasfema. O seu corpo treme. É uma fera pronta a atacar.

A audiência termina e os acompanhantes de Sabrina estão exaustos. Durante a audiência, o Papa repara nesta mulher. Ouve os seus gritos. Por isso, pergunta quem é ela e diz ao seu secretário, Dom Stanislaw Dziwisz, para lha trazer.

O carro do Papa volta a passar pelo arco do sino e para mesmo em frente, do lado da basílica, onde os fiéis não podem ver nem aproximar-se. Sabrina é arrastada para lá. Está em transe. Os seus olhos são dois globos

brancos. Baba-se e inclina a cabeça para trás. Assim que se aproxima do Papa, começa a gritar e a tremer.

«Não, não, deixa-me em paz. Deixem-me em paz», grita.

O Papa faz-lhe um exorcismo. Abençoa-a várias vezes. Depois deixa-a ir.

À tarde, trouxeram-me a Sabrina. Apercebo-me imediatamente de que ela ainda está possuída. A sua, de facto, é uma possessão muito profunda. Enraizada.

Começo o exorcismo.

A Sabrina está particularmente agitada. Não deve ter sido fácil para o demónio enfrentar o Papa. De facto, vejo imediatamente que ele está furioso. Ainda quer provar que manda.

Começo as orações e digo: «Vai-te embora, espírito imundo. Vai-te embora.»

«Vá-se embora, padre», responde ele.

«Porque estás nesta mulher? Porque te rebelaste contra Deus e te tornaste maldito? Porquê? Responde em nome de Cristo!»

«Rebelei-me porque sou o mais forte. Todos vós deveis adorar-me porque sou o mais forte. Eu sou o Senhor.»

O diálogo prossegue com uma longa troca de palavras. O demónio está furioso com o encontro com o Papa, mas ao mesmo tempo sente-se forte porque o exorcismo de João Paulo II não foi capaz de o derrotar. Sente-se forte e quer provar-me a sua força.

Sabrina levanta-se da cadeira onde a sentei. Caminha na minha direção. Passa ao meu lado, sem me olhar.

Vai direta à parede atrás de mim.

E horizontalmente, como se fosse a coisa mais natural do mundo, caminha sobre a parede em direção ao teto. Ela caminha contra todas as leis da gravidade. É uma coisa natural para ela. E depois desce como se nada tivesse acontecido.

Fico sem palavras. Acabo o exorcismo.

A Sabrina ainda não está livre.

Pergunto-lhe: «Sabrina, o que é que te lembras do dia de hoje?»

«Nada», responde. «Não me lembro de absolutamente nada.»

Sabrina continuará comigo durante muitos mais anos. Será necessário muito tempo para a libertar completamente. Mas estou convencido de que, de alguma forma, o exorcismo que Wojtyla lhe fez deixou uma marca nela.

Durante o seu longo pontificado, João Paulo II lutou várias vezes contra Satanás. E a sua luta continua ainda hoje, depois da sua morte.

De facto, João Paulo II ainda hoje está presente em muitos exorcismos.

Dou um exemplo. Uma vez uma mulher possuída disse-me: «Enquanto me exorcizava, vi João Paulo II ao seu lado. Não te apercebeste, mas ele estava a exorcizar-me contigo.»

As declarações de vários exorcistas mostram que a invocação de João Paulo II tem um impacto muito vasto sobre o demónio.

Monsenhor Andrea Gemma, por exemplo, afirma, no seu livro *Confidências de um Exorcista*, que o demónio reage violentamente durante os exorcismos à invocação do nome de João Paulo II, cujo pontificado, como ele próprio admite, o perturbou muito. Durante um exorcismo, o demónio admitiria: «O velho (é assim que ele chama a João Paulo II) fez-nos um mal enorme, mas o que está aí agora é pior...» Palavras que também confirmam a profunda aversão do maligno a Bento XVI.

Uma vez, Satanás falou-me longamente sobre João Paulo II. Ainda me lembro da voz áspera do príncipe das trevas. Ele falou-me pouco antes de deixar a pessoa que possuía. Era como uma confissão que me queria fazer antes que eu o pudesse expulsar pelo poder de Cristo. É claro que as suas palavras podem ter sido uma mentira. Mas, mesmo assim, vale a pena relatá-las porque dizem alguma coisa. Ele disse: «Odeio Karol Wojtyla. Todos nós o odiamos. Wojtyla destruiu os meus planos. Eu queria destruir o mundo, mas foi ele que precipitou o comunismo na Rússia e na Europa de Leste antes de eu conseguir concretizar o meu plano. Foram anos em que países inteiros viveram no terror. Eu tinha-os colocado num estado de terror permanente. A Segunda Guerra Mundial foi a minha obra-prima. Mas o que se seguiu depois, o comunismo com os seus milhões de mortos e, sobretudo, a fome e o sofrimento de populações inteiras foi como a cereja no topo do bolo que ultrapassou o próprio bolo em bondade. O polaco ajudou a trazer de volta a luz. E depois tirou muitos jovens das minhas mãos. Eles eram meus. Eu tinha-os iniciado no mal. Eles viviam para mim, alguns conscientemente, outros sem saberem. Ele tirou-os de mim. Odeio-o por isso. E odiá-lo-ei sempre.»

Quando se fala de João Paulo II num exorcismo, a pessoa possuída espuma literalmente de raiva. Creio, aliás, que o demónio lutou bastante contra a beatificação de João Paulo II e lutará ainda mais pela sua canonização. Mas não conseguirá impedi-la, porque Satanás é o grande perdedor, enquanto Deus ganha sempre.

Mesmo quando se fala do Padre Pio de Pietrelcina, o demónio enlouquece e fica furioso e agitado. Mas quando se fala de João Paulo II, Satanás torna-se ainda mais brutal, incontrolável. Satanás detesta João Paulo II e diz muitas vezes: «Odeio-o com mais intensidade do que ao Padre Pio.»

Até mesmo a invocação de Pio XII deixa o demónio em frenesim, porque cada Papa é o sucessor de Pedro e, portanto, como chefe da Igreja, é o seu principal inimigo.

O irmão Benigno, exorcista oficial da diocese de Palermo, confirma no seu livro *O Demónio Existe* que obteve várias libertações por intercessão de João Paulo II desde o dia da sua morte. Colocando um rosário que pertenceu a Wojtyla na cabeça dos possessos, testemunha sempre reações violentas por parte dos afetados por grandes males. Mas ao lado de João Paulo II há também um nome de mulher que deixa o demónio particularmente furioso: é Santa Gemma Galgani.

João Paulo II foi fundamental para nós, exorcistas. Devolveu-nos o nosso lugar na Igreja, depois de séculos de esquecimento. E à Igreja dizia sempre: «Quem na Igreja não acredita no diabo nem sequer acredita no evangelho.»

Wojtyla acreditava na existência de Satanás. E entregou-se totalmente a Cristo. Não foi o que fizeram e talvez continuem a fazer alguns no Vaticano.

Não há provas de que existam pessoas no Vaticano que realizem rituais satânicos. Pessoas que são deliberadamente escravas de Satanás e que trabalham para estabelecer o seu reino de trevas, morte e destruição neste mundo. Eu, pelo menos, não tenho provas.

Quero, no entanto, dizer duas coisas. A primeira diz respeito ao Papa Paulo VI. Estamos a 29 de junho de 1972. É a homilia da festa dos Santos Pedro e Paulo. Paulo VI faz esta terrível denúncia. Diz: «Tenho a sensação de que o fumo de Satanás entrou no tempo de Deus por uma fresta. Há dúvidas, incertezas, inquietações, insatisfações, confrontos. Não se confia

na Igreja. Acreditava-se que, após o Concílio, viria um dia de sol para a história da Igreja. Em vez disso, o que veio foi um dia de nuvens, de tempestades, de escuridão, de busca, de incerteza... Acreditamos em algo sobrenatural (o Diabo) que veio ao mundo precisamente para perturbar, para abafar os frutos do Concílio Ecuménico e impedir que a Igreja irrompa no hino da alegria de ter recuperado a plena consciência de si.» E eis, ainda, o que ele disse a 15 de novembro de 1972 durante a audiência geral:

«Uma das maiores necessidades da Igreja é a defesa contra esse mal a que chamamos demónio. Realidade terrível. Misteriosa e assustadora... Está fora do quadro do ensinamento bíblico e eclesiástico se alguém se recusa a reconhecer a sua existência... É o inimigo número um, é o tentador por excelência. Sabemos que este ser tenebroso e perturbador existe realmente e que, com astúcia traiçoeira, continua a atuar: é o inimigo oculto que semeia o mal e a desgraça na história da humanidade. Finalmente, a 3 de fevereiro de 1977, ainda durante a audiência geral:

«Não é de admirar que a Escritura nos advirta severamente que "o mundo inteiro está sob o poder do Maligno".» Paulo VI fala muitas vezes do demónio. E liga frequentemente a sua figura à Igreja. Porquê? Talvez porque queira simplesmente admoestar a Igreja, pedir-lhe que seja prudente, que fuja das tentações de Satanás. Mas, na minha opinião, há mais do que isso. Paulo VI, de alguma forma, apercebe-se de que Satanás está dentro da Igreja, talvez mesmo dentro do Vaticano. E dá o alarme.

A segunda coisa que gostaria de dizer diz respeito a um livro. Em 1999, saiu um livro chamado *E Tudo o Vento Levou no Vaticano*. O autor, anónimo, era um monsenhor da Cúria Romana. Em breve toda a gente sabia o seu nome, Luigi Marinelli. Antes de o livro ser publicado, Marinelli veio confidenciar-me várias vezes. Estava indeciso sobre se publicava ou não o livro. Porquê a indecisão? Porque o livro é uma coleção de pequenas anedotas. Histórias de carreiras, arrivismos, aventuras amorosas.

E também rituais e práticas pouco claras que se aproximam do satanismo. Claro que nem tudo nesse livro é verdade, mas uma grande parte é. Esta é a minha opinião. Ora, este livro, logo que saiu, desapareceu das prateleiras das livrarias. O Vaticano mandou comprar todos os exemplares. E depois, mais curioso ainda, o lançamento fez muito pouco barulho nos jornais. Porquê? Como é possível que revelações tão explosivas não tenham desencadeado o habitual carnaval mediático? É difícil responder a esta

questão. Um facto é certo: esse livro confirma que, quando Paulo VI de alguma forma falava da presença do diabo na Igreja, tinha razão. Devia ter sido um alarme para a Igreja, mas não foi.

A este respeito, gostava de dar um exemplo. Falar de um caso relativamente recente em que, na minha opinião, a parte minoritária que, dentro dos muros sagrados, trabalha para o mal e não para o bem, pode ter levado a melhor. Trata-se do caso que dá pelo nome de Emanuela Orlandi.

Emanuela Orlandi é uma rapariga de 15 anos, filha de um funcionário do Vaticano, um funcionário que trabalha na prefeitura da casa papal, alguém que tem muitas vezes a oportunidade de ver o Papa de perto no seu trabalho. Emanuela é uma rapariga alegre e cheia de vida. De repente, a 22 de junho de 1983, desapareceu. Até hoje ainda não foi encontrada.

Desaparece depois de ter ido à aula de música. Emanuela toca flauta na igreja de Sant'Apollinare in Classe, onde existe uma espécie de conservatório. De acordo com as últimas informações recolhidas antes do seu desaparecimento, Emanuela entra num carro preto. Mas isso não é certo. O que é certo é que, às 19h15, foi vista pela última vez por dois colegas de escola, na aula de Renascimento. Depois disso, não se sabe mais nada sobre Emanuela, ela desaparece. Alguns dias mais tarde, muitos cartazes com a fotografia de Emanuela apareceram por toda a Roma, com um apelo a quem a tivesse visto nas horas anteriores ou posteriores ao seu desaparecimento, para que se apresentasse.

Nos dias que se seguiram, e ainda nos meses e anos seguintes, tudo foi dito sobre este rapto. As teses sobre o desaparecimento da pobre Emanuela são múltiplas. Não quero enumerá-las. Quero apenas dizer o que penso. Devo dizer, no entanto, que não falo por ter conhecimento dos factos, mas falo por transmitir os meus sentimentos. Os sentimentos que senti imediatamente quando soube do desaparecimento da jovem Emanuela.

Penso que uma rapariga de 15 anos não entra num carro a não ser que conheça a pessoa que lhe pede para entrar. Penso que devemos investigar dentro do Vaticano e não fora. Ou pelo menos investigar à volta das pessoas que de alguma forma conheciam a Emanuela. Porque, na minha opinião, só alguém que conhecesse bem a Emanuela a poderia ter induzido a entrar num carro. As seitas satânicas agem muitas vezes assim: metem uma rapariga num carro e depois fazem-na desaparecer. O jogo é fácil, infelizmente. Eles metem a presa no carro, narcotizam-na com uma seringa

e depois fazem o que querem com a rapariga. Evidentemente, espero que não seja esse o caso. Espero que, se de facto, como penso, se trata de uma seita satânica, pelo menos essa seita não tenha nada a ver com o Vaticano. Espero que esta história que parece não ter fim acabe em breve. Mas não hesito em dizer que as jovens desaparecem muitas vezes desta maneira em todo o mundo. Pode uma rapariga desaparecer tão perto de um lugar que deveria ser tão sagrado como o Vaticano? Infelizmente, sim. Porque Satanás está em todo o lado.

Satanás ataca sobretudo os padres e as pessoas que se consagraram a Deus. Porque atacar um padre significa arrastar muitas outras pessoas para o inferno. Pensemos em todos os padres que mancharam o seu hábito abusando sexualmente de menores. Esses atos são demoníacos. Que pode haver de mais perverso do que um ato destes? Satanás é a perversão total. É ele que entra nos corações e leva a praticar tais atos. Os padres são as pessoas mais atacadas pelo demónio.

Eles só têm uma hipótese de não serem vencidos: rezar e jejuar.

Um padre que abusa sexualmente de uma criança causa uma avalanche de dor e destruição. É um pecado muito grave. É a maior vitória de Satanás sobre a Igreja, convencer pessoas que só deveriam ser de Cristo a fazer apenas o contrário e apenas para o diabo.

Bento XVI trovejou contra a «sujidade» da Igreja nas meditações que fez, em 2005, durante a Via-Sacra no Coliseu pouco antes a sua eleição. Não se sabe exatamente a que se referia. Mas é impossível não saber desvincular as suas palavras daqueles que, na Igreja, vivem apenas para subir, para se afirmarem, para satisfazerem o seu ego. E é impossível desligar as suas palavras daqueles que, dentro da Igreja, praticam ações impuras, demoníacas, satânicas.

Marinelli escreve no já citado livro *E Tudo o Vento Levou no Vaticano*: «A aliança de Deus com os pobres e humildes está em contradição com a arrogância de todo o poder que condena e elimina os inocentes incómodos. Este livro é um eco recolhido no deserto, um pombo livre com uma mensagem na pata, uma garrafa no mar com um aviso... Se Deus investe alguém com o carisma de denunciar o desleixo, o conforto, o engano, a maquinação, a ociosidade, os privilégios de uma certa classe clerical, ele, o denunciante, revestido de zelo místico para aparecer como defensor da santidade da igreja, deve esperar uma reação igualmente feroz.»

Quem denuncia Satanás deve esperar uma reação feroz. Os exorcistas sabem-no. Os Pontífices sabem-no.

Estamos na batalha final contra o demónio. Leão XIII compreendeu-o bem. Depois dele, todos os Papas travaram a sua batalha pessoal contra Satanás. Todos eles até Bento XVI, que foi tão odiado por Satanás que o demónio o considerou «pior» que João Paulo II. Nesta batalha, Deus e os seus anjos estão na linha da frente. Intervêm, não deixam os homens em paz. E permitem que alguns digam o que eles não podem dizer. Deixam que alguns falem por eles sobre o inferno, sobre o mal, para que todos possam equipar-se para escapar a Satanás e ao seu reino. A algumas pessoas, em suma, hoje, Deus pede uma grande prova: ver o inferno e o reino de Satanás e depois avisar toda a gente do perigo que correm se não viverem de acordo com Deus.

Uma dessas pessoas está viva atualmente. O seu nome é Gloria Polo e anda pelas ruas deste mundo com a sua própria história incrível para contar. Gloria viu o inferno. Ela esteve lá. Mas Deus salvou-a e trouxe-a de volta a este mundo. Para contar, para dizer, para testemunhar. Quando fala da sua história, começa sempre assim:

«Estive às portas do céu e do inferno.»

9

GLORIA POLO NO INFERNO, COM BILHETE DE REGRESSO

Tudo acontece a 5 de maio de 1995, perto da Universidade Nacional de Bogotá, na Colômbia. São 16h30 da tarde. Gloria é uma dentista recém-licenciada. Com o primo de 23 anos, está a estudar para a sua especialização. Caminham juntos em direção à faculdade, onde Gloria tem de ir buscar livros. Está a chover. Abrigam-se debaixo de um único guarda-chuva. A certa altura, um raio cai do céu, atravessa o guarda-chuva e carboniza-os. Literalmente, carboniza-os. O primo morre na hora. As suas entranhas ficam completamente carbonizadas.

O raio atinge-os porque, dizem as autoridades mais tarde, foi atraído não só pelo guarda-chuva mas por um medalhão de quartzo que o primo de Glória usava. O medalhão representa o Menino Jesus, de quem o primo é muito devoto.

O raio também estilhaça o corpo de Glória. Entra no seu corpo e queima-lhe também a carne exteriormente. Os dois seios desaparecem instantaneamente, pulverizados. No lugar do seio esquerdo fica um buraco. O fígado é carbonizado. Glória usa o DIU para evitar a gravidez. O DIU atua como um condutor e leva os raios até aos ovários, que se transformam em duas sultanas. Os rins, os pulmões e as costelas também são queimados.

Glória tem imediatamente uma paragem cardíaca. Ela está deitada no chão, mas o seu corpo inanimado salta por causa da eletricidade.

Nesses momentos, Gloria morreu para o mundo, mas a sua alma está viva, noutro lugar.

Onde é que ela está?

A alma de Glória está dentro de um longo túnel branco. Ela está feliz. Está em paz. No fim do túnel, há uma luz que a atrai. É mais do que uma luz. É uma fonte de paz e de serenidade, de amor imenso.

Gloria apercebe-se de que está morta. E, ao mesmo tempo, começa a arrepender-se. Todos os seus dias foram dedicados a si própria, ao seu trabalho, às suas coisas. Não tinha tempo para os seus filhos nem para o marido. Ela vê todas as pessoas que conhece juntas num único momento. Vê-as como elas são realmente. Vê-as no seu interior, na sua alma. E apercebe-se da preciosidade da alma e da pequenez do corpo.

Glória sobe em direção à luz. No fim do túnel, vê um belo lago. Todas as descrições que ela fará mais tarde deste lago não conseguirão, diz ela, traduzir a beleza daquele lugar. É nesse momento que ele vê o primo entrar nesse lugar. A entrar no paraíso. Mas, de repente, Glória sente algo terrível dentro de si. Sente que não deve, não pode entrar onde o primo acabou de entrar.

Glória desce misteriosamente até ao seu corpo. Vê-o sem vida numa maca. Vê que os médicos tentam reanimá-la. De repente, sem que ela possa resistir, a sua alma consegue reentrar no corpo. Glória sofre porque queria voltar a atrás. O seu corpo agora é uma pequena concha de ferro, demasiado pequena para a sua alma. Os médicos gritam:

«Voltou a si! Voltou a si!»

Os médicos levam a Glória para a sala de operações. Talvez tenham de amputar o que resta das pernas dela. É certo que há toda a pele queimada para remover. Ainda não sabem em que estado estão os órgãos internos. Mas, de alguma forma, Glória está de novo presente. Pouco tempo depois, a sua alma é submetida a uma terrível provação. A alma, por uma razão misteriosa, regressa novamente ao exterior do corpo. Glória volta a poder observar o que se passa com o seu corpo a partir do exterior, como provavelmente o observam todos os que morrem. Glória está feliz. Talvez ela possa regressar à luz. Ou talvez não. Lembra-se da sensação horrível que sentiu há pouco: o primo vai, ela não. Não lhe é permitido ir para o céu.

De repente, uma coisa estranha acontece. À volta da sua alma, aglomeram-se figuras. São figuras aterradoras. São demónios. Tantas pessoas aparentemente vulgares e normais olham para ela com um ódio que nenhum homem consegue descrever. Glória apercebe-se de que deve algo a todos estes demónios. Deve-lhes o preço dos seus pecados. Glória

compreende que os pecados cometidos quando estava no mundo não são inconsequentes. São feridas que sangram e pelas quais é preciso responder. São feridas que acrescentam o mal ao mal já presente na terra. São atos de que o reino do mal beneficia e que prejudicam o reino do bem.

Glória está assustada. Ela quer voltar ao seu corpo, mas não consegue. A sua alma é perseguida pelos demónios que a rodeiam.

Então Glória escapa. A sua alma atravessa a parede da sala de operações e, contra a sua vontade, despenha-se. Despenha-se numa série interminável de túneis escuros que descem, descem e voltam a descer. Glória vagueia no escuro até chegar a um lugar de escuridão indescritível. A escuridão provoca choro, dor, gemidos. A escuridão cheira mal, um cheiro nauseabundo. Glória sente esta escuridão à sua volta. E apercebe-se de que é uma escuridão viva. Esta escuridão está viva. Não está morta. À medida que Glória sente esta presença opressiva à sua volta, desce em direção a uma zona plana. Apercebe-se de que aquele é o fundo, o lugar onde a sua alma tem de morrer espiritualmente. A alma de Glória tem de ficar ali para sempre. Glória está perdida. Perdida e morta para a eternidade. Para sempre. À sua volta não há nada para além desta maldita escuridão.

A Glória está no inferno.

Depois acontece algo inesperado. Quando Glória está prestes a abandonar-se ao lugar que a envolve, chega São Miguel Arcanjo, aquele que defendeu a fé de Deus contra as hordas de Satanás. Aquele que derrotou Satanás. São Miguel arrasta a Glória para fora dali. Enquanto os demónios, todos os demónios, se agarram às suas mãos e tentam retê-la. Os demónios envolvem-na, agarram-na. São Miguel arrasta-a. E Glória grita, grita e grita ainda mais.

A pobre jovem não sabe explicar como. Mas, de repente, o seu grito é: «Almas do purgatório, por favor, tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Peço-vos, ajudem-me!»

Glória ouve, à sua volta, o choro dos que estão no purgatório. Um choro que lhe aperta o coração de compaixão. Um choro que Glória jamais esquecerá.

Glória apercebe-se de que está agora na fronteira entre o inferno e o purgatório. O céu está lá em cima, muito longe. Glória está no ponto mais baixo do purgatório, onde se encontram as almas daqueles que se suicidaram num momento de desespero, de loucura. Estas almas estão perto

do inferno. Os demónios estão ali, a um passo, ferozes. Glória olha para estas almas e apercebe-se de que devem permanecer ali, pelo menos até que passem todos os anos que ainda teriam de viver na terra. Estas almas sofrem dores indescritíveis e sentem uma culpa tremenda em relação àqueles que deixaram no mundo. O que é que as ajuda? Só as orações dos vivos por elas.

Todo este acontecimento deixa Glória desesperada. São Miguel ajudou-a. Mas lá continua ela. A um passo do inferno, sem saber o que lhe vai acontecer. Por isso, continua a gritar e a pedir ajuda. E algo acontece.

Nessa escuridão, vê uma pequena luz, muito pequena. Naquela escuridão, aquela pequena luz é uma dádiva indescritível. Glória olha para a luz. E vê os seus pais. O pai, que morreu há cinco anos, e um pouco mais acima, a mãe, que morreu há mais tempo. Os pais olham dois para Glória. Choram, mas não são capazes de fazer nada para a tirar dali. Porque é que eles estão lá? Principalmente por uma culpa, diz Glória mais tarde, que é a de não terem feito o suficiente para educar a Glória no amor de Deus.

A Glória grita e volta a gritar:

«Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Eu sou católica!»

O apelo de Glória não cai em saco roto. Algo mais acontece. Uma voz penetra na escuridão. Uma voz suave e clara. Uma voz que faz a alma de Glória, que foi forçada a ficar longe do seu corpo que, entretanto, está a ser submetido a tratamento médico, saltar de alegria. A voz é ouvida e os demónios às portas do inferno, que ainda tentam reter Glória, são forçados a ajoelhar-se com profunda tristeza.

Essa voz é a voz de Nossa Senhora. Glória vê-a. Ela vê Nossa Senhora. Vê-a durante a celebração da missa. Ela está lá, também ajoelhada diante da Eucaristia, rezando a Jesus por ela. Tenta interceder junto de Jesus por Glória. A cena é incrível. Durante a missa, o padre eleva a hóstia para o céu. Jesus torna-se verdadeiramente presente e todos se ajoelham. Até os demónios se ajoelham. Fazem-no com raiva.

Nossa Senhora volta-se para Glória e diz: «Se és católica, diz-me quais são os mandamentos da lei de Deus.»

A Glória sabe que são dez. Mas só se lembra do primeiro. Diz: «O primeiro mandamento é: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.»

«Muito bem, e tu amaste? Amaste?»

«Eu... sim. Sim, eu quero!»

«Não», diz Nossa Senhora.

Glória sente-se nua diante de Nossa Senhora. Nua sem máscaras.

«Não. Não amaste o teu Senhor acima de todas as coisas e muito menos amaste o teu próximo como a ti mesmo! Fizeste para ti um Deus que modelaste em ti mesma, na tua vida. Só em momentos de extrema necessidade, de sofrimento, te lembraste do Senhor. Então ajoelhavas, choravas, pedias, oferecias novenas, ias à missa, aos grupos de oração, pedindo uma graça ou um milagre. Quando eras pobre, quando a tua família era humilde, quando ainda querias ser uma profissional, então sim, todos os dias rezavas de joelhos, horas inteiras, pedindo ao Senhor! Rezavas, pedias-me que te tirasse daquela pobreza, que te permitisse ser profissional e ser alguém! Quando estavas em necessidade e precisavas de dinheiro, então sim, prometias:

"Rezo o terço, mas tu, Senhor, dá-me algum dinheiro."»

A voz continua a falar. E mostra a Glória todos os seus defeitos. Todas as suas promessas não cumpridas, o seu coração completamente tomado por preocupações sem valor.

Gloria vê todo o mal da sua vida. Tudo. Ela vê o quanto desrespeitou os Dez Mandamentos. Todos eles. Um após o outro. E sente uma grande vergonha dentro de si. Os seus pecados, alguns deles terríveis, estão diante dela sem piedade. A voz abre o livro da sua vida diante de Glória. E Glória fica horrorizada. E pensa:

«Não tenho esperança.» Glória olha para baixo e vê o abismo a abrir-se diante de si. «É ali», pensa ela, «que tenho de terminar.»

Mas algo ainda tem de acontecer. Glória vira-se para cima. E enormes crostas saem-lhe dos olhos com grande dor. São as crostas da sua cegueira espiritual. Pela primeira vez, Glória consegue ver como nunca tinha visto antes. E, sobretudo, consegue dizer:

«Senhor! Jesus Cristo, tem compaixão de mim! Perdoa-me, Senhor, perdoa-me! Dá-me uma segunda oportunidade!»

Jesus inclina-se sobre Glória e tira-a do poço em que se encontrava. Ele puxa-a literalmente para fora.

E diz-lhe: «Sim, voltarás e terás a tua segunda oportunidade. Não através das orações da tua família, porque é normal que chorem e rezem por ti, mas através da intercessão de todas as pessoas fora da tua carne e do teu sangue,

que choraram, rezaram e elevaram os seus corações com tanto amor por ti.»

Glória não sabe a quem é que Jesus se está a referir, mas depois vê. Vê milhares de fachos de luz, lindos. São todas aquelas pessoas que rezam por aqueles que não conhecem. São todas aquelas pessoas que rezam pelos outros.

Entre todas essas chamas, há uma que é maior do que as outras. É uma pessoa que ama Glória mais do que as outras. Jesus diz-lhe: «Aquele homem que vês ali é uma pessoa que te ama muito, embora nem sequer te conheça.»

Quem é ele? É um agricultor pobre que vive na serra nevada de Santa Marta. É pobre. Não tem nada para comer. Um dia, lê num jornal sobre o acidente de Glória. E a fotografia onde aparece queimada. Este homem lê e começa a chorar. Atira-se para o chão e reza: «Pai, meu Senhor, tem piedade desta minha irmã, salva-a, salva-a, Senhor! Senhor, se a salvares, se salvares a minha irmã, prometo ir ao Santuário de Buga.»

Jesus diz à Glória: «Este é o verdadeiro amor ao próximo. É assim que deves amar o teu próximo.» Depois diz-lhe a ela: «Voltarás para dar o teu testemunho, que repetirás, não mil vezes, mas mil vezes mil. Ai daqueles que, ouvindo-te, não mudarem, porque serão julgados mais severamente. E isto vale também para ti e para os consagrados que são meus sacerdotes, e para todos os outros que não te ouvirem: porque não há ninguém tão surdo como os que não querem ouvir, nem tão cego como os que não querem ver.»

E assim Glória escapa do inferno e de Satanás. Escapa e, pela misericórdia de Deus, regressa ao seu corpo e, assim, ao mundo.

De repente, a sala de operações é varrida por uma notícia chocante: o corpo de Glória está de novo intacto. Glória está como dantes. O seu corpo ainda está cheio de cicatrizes, mas os seus órgãos funcionam na perfeição.

A Glória está de volta.

É a sua segunda oportunidade.

Glória fala agora de Deus.

E fala do seu inimigo.

Porquê a história de Gloria Polo? Porque precisamos de saber que Satanás existe e que o inferno existe. Glória é mais um testemunho. O inferno existe. É um imenso buraco negro no qual se vive em total escuridão. É um total desespero para a eternidade, sem possibilidade de

salvação. É para lá que Satanás quer levar o mundo inteiro. É para ter todos os homens com ele no inferno que Satanás trava a sua batalha. E a tragédia é que ele consegue levar muita gente. Todos nós estamos em risco se não nos arrependermos. Se não mudarmos as nossas vidas. Se não preferirmos Deus a Satanás, a luz às trevas, o reino de Deus ao do demónio.

Santa Faustina Kowalska também o disse. Deus levou-a para o inferno. Regressou e escreveu estas palavras:

«Hoje, sob a direção de um anjo, estive nas profundezas do inferno. É um lugar de grandes tormentos por toda a sua assustadora extensão. Eis os vários castigos que vi: o primeiro castigo, aquele que constitui o inferno, é a perda de Deus; o segundo, as dores constantes da consciência; o terceiro, o conhecimento de que esse destino nunca mudará; o quarto castigo é o fogo que penetra na alma, mas não a aniquila; é um castigo terrível: é um fogo puramente espiritual, aceso pela cólera de Deus; a quinta pena é a escuridão constante, um fedor horrível e sufocante, e embora esteja escuro, os demónios e as almas condenadas veem-se uns aos outros e veem todo o mal dos outros e o seu próprio; a sexta pena é a companhia constante de Satanás; a sétima pena é o desespero terrível, o ódio a Deus, as imprecações, as maldições, as blasfémias. São dores que todos os condenados sofrem juntos, mas não são o fim dos tormentos. Há também tormentos próprios das várias almas. São os tormentos dos sentidos. Cada alma, com o que pecou, é atormentada de uma maneira terrível e indescritível. Há cavernas horríveis, abismos de tormento, onde cada tormento é diferente do outro. Eu teria morrido à vista desses horríveis tormentos, se a omnipotência de Deus não me tivesse sustentado. Que o pecador saiba que, com o sentimento com que peca, será torturado por toda a eternidade. Escrevo isto por ordem de Deus, para que nenhuma alma se justifique dizendo que o inferno não existe, ou que nunca ninguém lá esteve e ninguém sabe como é. Eu, Irmã Faustina, por ordem de Deus, estive nos abismos do Inferno, para o contar às almas e para testemunhar que o Inferno existe. Agora não posso falar sobre isso. Tenho ordens de Deus para o deixar por escrito. Os demónios mostraram grande ódio contra mim, mas, por ordem de Deus, tiveram de me obedecer. O que escrevi é uma sombra ténue das coisas que vi. Uma coisa que notei é que a maior parte das almas

que estão no inferno são almas que não acreditavam que o inferno existisse. Quando recuperei os sentidos, não consegui recuperar o meu susto ao pensar que as almas que lá estão sofrem tão terrivelmente, por isso rezo mais fervorosamente pela conversão dos pecadores e invoco incessantemente a misericórdia de Deus para eles.»

Primeiro o dinheiro, depois o poder e o sexo. São estas as tentações do demónio. Com estas tentações, ele traz-nos para si próprio. E quanto mais cedemos, mais difícil é sair. Pensemos nisso, para que também nós não tenhamos um dia de luto sem a possibilidade de refazer os nossos passos.

Satanás sempre tentou o mundo desta forma. Ele sempre atacou o mundo desta forma. Mas hoje ele está a atacar algo diferente. O seu ataque, como a visão de Leão XIII, é mais poderoso. Estamos no ataque final. O ataque final. Os seus efeitos destrutivos já podem ser vistos no mundo.

Porquê este ataque?

Pois é hoje que Satanás vive numa situação privilegiada.

Hoje ele está desamarrado.

Desamarrado das suas correntes.

10

A BATALHA FINAL
Deus contra Satanás, libertado das suas cadeias

A batalha entre Satanás e Deus, entre o bem e o mal, tem as suas raízes nas brumas do tempo. Não é uma batalha de hoje. É misteriosamente uma batalha que sempre existiu, pelo menos desde que o nosso mundo existe. Não é por acaso que o Evangelho de João diz: «O mundo está todo sob o poder do maligno.»

Tudo, não uma parte. Tudo.

A luta entre o bem e o mal começou misteriosamente no início do mundo e só terminará quando o mundo acabar. A luta é ordinária: o homem luta todos os dias contra o seu próprio pecado. Mas é também extraordinária: a ação de Satanás de possuir pessoas é certamente uma ação extraordinária contra a qual os exorcistas são chamados a estar na linha da frente. Depois, há as suas tentativas de perturbar o planeta, as guerras, os povos e as nações.

A Sagrada Escritura começa imediatamente com a irrupção do mal no mundo. O Génesis fala do pecado original, a primeira divisão que dilacerou o mundo. O pecado original é um mistério no qual não é fácil de entrar. Só sabemos uma coisa: houve um antes, uma condição privilegiada em que os homens gozavam da incorruptibilidade. E há um depois: a nossa condição de mortais, de homens destinados a morrer e a viver os nossos anos sob o poder do grande inimigo, Satanás.

A visão do Papa Leão XIII diz-nos isso mesmo, mas também nos diz que a história humana não é toda igual. Diz-nos que o nosso tempo é um tempo especial. É o tempo em que é permitido a Satanás lançar um ataque mais duro e mais violento do que noutros tempos, provavelmente o seu último e derradeiro ataque.

Que este é o caso também foi confirmado por Nossa Senhora em Me đ ugorje. Nossa Senhora tem aparecido em Me đ ugorje desde 1981. Estas são aparições sobre as quais a Igreja ainda não se pronunciou. Mas para mim, digo-o sem medo, são aparições verdadeiras e em breve, creio que muito em breve, tudo será revelado na sua poderosa luminosidade.

É Nossa Senhora, não o diabo como alguns afirmam, que tem falado ao mundo a partir de Me đ ugorje desde 1981. Foi no dia primeiro de janeiro de 2001 que Nossa Senhora disse estas palavras deslumbrantes:

«Queridos filhos, esta noite, de uma maneira especial, eu qui-vos aqui. De um modo especial agora, quando Satanás está solto das suas correntes, convido-vos a consagrarem-se ao meu coração e ao coração do meu Filho. De um modo especial agora, meus queridos filhos, convido-vos a estarem perto de mim. Abençoo-vos a todos com a minha bênção materna.»

Precisamente agora que já ninguém fala de Satanás. Especialmente agora que até a Igreja Católica está a lutar para falar sobre ele e a lutar para acreditar na existência daquele que sempre é o seu inimigo, o seu adversário, ele, Satanás, age com uma liberdade de movimentos que nunca teve antes. Satanás está hoje desamarrado das suas correntes. Porque é que ele está desamarrado continua a ser um mistério. Talvez porque os tempos do Apocalipse, os tempos do confronto final, estejam próximos.

O Apocalipse diz:

«Foi dada à besta uma boca para proferir palavras de soberba e blasfémia, com poder de ação durante quarenta e dois meses. Abriu a boca para proferir blasfémias contra Deus, para blasfemar contra o seu nome e a sua morada, contra todos os que creem no céu. Foi-lhe dado fazer guerra aos santos e vencê-los; foi-lhe dado poder sobre todas as tribos, povos, línguas e nações. Todos os habitantes da terra adorarão aquele cujo nome está escrito no livro da vida do Cordeiro, imolado desde a fundação do mundo.»

Esta besta é Satanás. É ele que o mundo adora. Foi ele que primeiro se rebelou contra Deus. Rebelou-se, recusou submeter-se a Deus, e por isso foi lançado no inferno, a sua morada, um lugar escuro e sem luz. Com ele caíram todos os anjos que decidiram segui-lo. Esses anjos que, de repente, se tornaram demónios. São muitos, tantos, legiões e legiões que, se pudessem ser vistos, escureceriam o céu. Foi o que um deles me disse.

É através desta rebelião de Satanás contra Deus que a criação de Deus é de alguma forma violada. Não há muito a dizer sobre esta rebelião. Porque é que ela aconteceu? Como é que ela surgiu? Porque é que Deus a permitiu? O facto é que aconteceu e desde que aconteceu nada mais foi como antes. Satanás, a partir desse momento, tornou-se o grande tentador, o grande sedutor. Ele tentou os nossos antepassados e nós continuamos a pagar as consequências de termos cedido a essa tentação. O pecado, a corrupção e o mal estão dentro de nós e, até ao fim da nossa existência, a luta é e será uma só: resistir ao mal, resistir a Satanás e escolher o bem.

É bom que saibamos que há dois destinos para onde caminhamos: o inferno e o céu. Ou vamos para o inferno ou vamos para o céu. *Tertium non datur*. Não nos é dada uma terceira possibilidade. Ou melhor, existe o purgatório, mas o purgatório não é uma escolha, é uma condição temporária concedida por Deus àqueles que, apesar da sua maldade e dos seus pecados, poderão entrar no paraíso. A escolha do homem é e permanece entre duas trajetórias: ou o inferno ou o céu, ou Satanás ou Deus, ou as trevas eternas ou a luz eterna.

O inferno é o reino de Satanás. Escuro, sem luz. Sem Deus, um reino de eterno desespero.

Um dia estava a fazer um exorcismo. Já tinha exorcizado esta pessoa muitas vezes. E nessa altura já tinha percebido quem a tinha possuído. Não era um demónio, de todo. Era Satanás. Uma possessão profunda, difícil, quase impossível de se livrar.

Perguntei a Satanás: «Porque não te vais embora do inferno?»

A sua voz era pesarosa e amarga, mas também infinitamente triste.

«Sacerdote, diz-me tu, para onde devo ir?»

«Porque não vais ter com Deus? Porque não lhe bates à porta? Porque não te arrependes e refazes os teus passos?»

Seguiu-se um longo silêncio.

Depois falou: «Nunca mais voltarei atrás. A minha escolha é definitiva. Irrevogável. A minha rejeição é para sempre.»

«Mas nunca regressaste às portas do paraíso?»

«Eu nunca volto. Fico sempre aqui. Eu sou o inferno. E Deus meu inimigo para a eternidade.»

Apeteceu-me ouvir a história que Clive Staples Lewis dedicou ao céu. Escreveu que os condenados, tendo chegado ao limiar do céu, recusavam-se a entrar, preferindo regressar ao inferno. Os demónios não querem o céu. Têm prazer na sua própria maldade e a única coisa que desejam é odiar: odiar Deus e todo o universo. Para sempre. Claro: nunca dialoguei com o demónio. Esta troca de piadas surgiu quase por acaso e não deve ser considerada muito importante, porque Satanás engana sempre. Mas relatei-o porque, por vezes, Satanás, quando diz algo a um exorcista, não pode mentir. O exorcista é mais poderoso do que ele porque Cristo está do seu lado e pode acontecer que haja um diálogo e, nesse diálogo, ele não possa mentir.

O destino de Satanás é irrevogável. Tal como o destino daqueles que se decidem pelo inferno. Não é Deus que nos envia para o inferno. Somos nós que voluntariamente vamos para lá. O nosso coração transforma-se em pedra. A nossa conivência com o pecado torna-se total. E o inferno é o destino que decidimos cortar. É um mistério, um mistério de iniquidade, um mistério de tremenda profundidade, o mistério da liberdade que decide agir contra Deus.

Satanás não atua sempre com a mesma força. Eu, por exemplo, estou agora convencido de que à noite a sua ação é mais forte do que durante o dia. A noite é o tempo do demónio. À noite, ele move-se sem ser perturbado e consegue semear a sua colheita de morte. É claro que a noite não é apenas as horas sem luz do dia. A noite é também a noite do espírito. Quando o nosso espírito está sombrio, vivendo nas trevas, o demónio tem mais espaço de manobra. É por isso que é necessário confessar-se frequentemente. A confissão traz o homem de volta à luz. Uma confissão é mais poderosa do que um exorcismo. Satanás teme mais a confissão do que o exorcismo. Porque a confissão arrasadora traz o homem de volta à luz, à graça de Deus, e contra um homem na graça de Deus Satanás nada pode fazer. A confissão destrói o mal. Aniquila-o. E faz o homem voltar-se para a luz, para o bem.

É claro que é preciso estar sempre vigilante. Satanás é infinitamente mais astuto e poderoso do que as nossas capacidades de defesa. Por isso, é preciso estar sempre alerta e ter muita humildade.

O ataque de Satanás visa principalmente os que ocupam posições de poder no mundo. Porque tornar seus os homens com grandes responsabilidades significa, por sua vez, tornar suas muitas outras pessoas. E os mais atacados são os homens da Igreja. Porquê? Porque deviam ser os santos de Deus e, em vez disso, se forem vencidos por Satanás, tornam-se seus inimigos.

Satanás ataca, antes de mais, o Papa. O seu ódio pelo sucessor de Pedro é feroz. Tenho-o experimentado nos meus exorcismos. Quando falo de João Paulo II, os demónios espumam de raiva. Outros tremem. Outros ainda gritam e pedem que não se volte a falar dele. O mesmo acontece com Bento XVI. Cada gesto de Joseph Ratzinger, as suas liturgias tão compostas e planas, são um exorcismo poderoso contra a fúria do demónio.

Depois do Papa, Satanás ataca os cardeais, os bispos e todos os padres e religiosos. É normal que isso aconteça. Ninguém deve escandalizar-se com isso. Nem se deve escandalizar se alguns na Igreja cedem à sua lisonja e se deixam dominar. Os sacerdotes, os religiosos e as religiosas são chamados a uma dura batalha espiritual. Nunca devem ceder ao demónio. Se abrirem a porta da sua alma ao demónio, mesmo que seja só um bocadinho, ele entrará e apoderar-se-á de toda a sua vida.

Um dia, como já contei, a Irmã Faustina Kowalska viu claramente o inferno. E dentro do inferno, ela viu o lugar que Satanás preparou para os padres, os padres condenados para a eternidade. Eis o relato da Irmã Faustina:

«Então, o caminho que eu estava a seguir abriu-se e encontrei-me numa outra cavidade, acima da primeira e mais horrível. Ali se encontravam os indignos sacerdotes que tinham tido a audácia de receber sacrilegamente nas suas mãos e nos seus corações o Filho da Virgem. Aqueles infelizes sofreram torturas tais que todas aquelas de que falei não são nada em comparação. Foram especialmente atormentados nas partes dos seus corpos que tinham tocado a hóstia consagrada; as suas mãos rebentaram de dor e tornaram-se como brasas ardentes; as suas línguas foram despedaçadas e pendiam das suas bocas para significar os seus sacrilégios; todo o interior dos seus corpos e especialmente os seus corações foram devorados pelo

fogo e dominados por dores horríveis. Ali vi-os levantarem-se, como uma cobra que quer saltar, um mau padre que eu conhecia e que tinha morrido instantaneamente depois de ter provocado um grave escândalo. Olhou para mim com raiva e caiu imediatamente na fornalha mais profunda.»

Eu digo: a misericórdia de Deus pode fazer tudo. Nunca é demasiado tarde para se arrepender, para regressar a Deus. Há certamente um facto. Não se pode esquecer que o escândalo da pedofilia no clero rebentou nas últimas décadas. Este é o tempo da fúria de Satanás sobre o mundo. Uma fúria que atinge a Igreja de uma forma poderosa. O facto de os escândalos terem vindo a público é uma coisa boa. Porque permite à Igreja fazer penitência, arrepender-se, não pecar mais.

O mundo está no poder do demónio. Com Satanás há muitos dos seus profetas. Tantas pessoas a que a Bíblia chama falsos profetas. Falsos porque conduzem à mentira e não à verdade. Estas pessoas existem fora, mas também dentro da Igreja. Reconhecem-se imediatamente: dizem que falam em nome da Igreja, mas, em vez disso, falam em nome do mundo. Pedem à Igreja que se ponha nos sapatos do mundo e, ao fazê-lo, confundem os fiéis e conduzem a Igreja para águas que não são as suas. Estas são as águas do maligno. As águas que a Bíblia descreve admiravelmente no seu último texto, o Apocalipse.

A ira de Satanás existe desde o princípio do mundo, mas quando Deus enviou o seu Filho, Jesus, ao mundo, essa raiva tornou-se mais forte. Desde que existe Jesus, o confronto entre os dois exércitos é aberto, frontal.

Satanás incita o povo contra Cristo e consegue convencê-lo de que é necessário matá-lo. A morte de Jesus é a vitória de Satanás. Uma vitória aparente, porque na realidade, com a ressurreição, é Cristo que triunfa. Mas o seu triunfo não apaga o mal. Não apaga a presença do dragão, da besta, de Satanás. Ele ainda lá está, mas desde que Cristo veio, o homem tem a certeza de que pode vencer se confiar nele. Mesmo nas dificuldades da vida, ele pode derrotar a morte.

Hoje, dois mil anos após a vinda de Cristo, a luta é mais feroz. Estamos num confronto final. De um lado, o exército de Satanás. Do outro, o exército de Deus, com todos os seus santos e mártires, pessoas que derramaram o seu sangue em benefício dos que continuam a lutar. Cada gota de sangue dos mártires é utilizada por Deus na batalha sem fim contra o demónio.

Disse Nossa Senhora em Me đ ugorje a 14 de abril de 1982:

«Deus permitiu que Satanás testasse a Igreja durante um século», mas acrescentou: «Não a destruireis. Este século em que viveis está sob o poder de Satanás, mas quando se realizarem os segredos que vos confiei, o seu poder será quebrado.»

Palavras que nos dizem que se Satanás está a trabalhar hoje, contra ele está também Nossa Senhora. Sabemos pouco sobre os segredos confiados aos videntes de Me đ ugorje. Sabemos, no entanto, que quando estes segredos se cumprirem – em breve, muito em breve – o dragão será derrotado e o reino da luz triunfará.

Na luta contra o demónio, não são apenas os católicos que são chamados. Todos os homens são chamados. E eu acredito sobretudo em todos os homens que têm fé.

Estou convencido de que se um judeu, ou um islâmico, vive a sua fé em Deus iluminando-a com a luz da razão, essa sua fé autêntica e verdadeira não só o conduzirá à salvação, mas também conduzirá muitas outras pessoas à salvação. São necessários homens que sejam fiéis a Deus, que saibam pegar nas armas do jejum e da oração por Ele, e que saibam assim expulsar o mal do mundo.

Lembro-me de um dia no mar Morto. Estava a fazer uma viagem. Parei na praia. Estava muito calor. Estava com outras pessoas. Todos procurámos refrescar-nos num pequeno bar. Um dos membros do grupo, muçulmano, separa-se. Estendeu uma pequena esteira na praia, ao sol, virou-se para Meca e rezou a Deus com uma intensidade que raramente encontrei noutro lugar. Pensei:

«Se todos nós tivéssemos a fé que ele tem, moveríamos montanhas e Satanás seria derrotado de uma só vez.»

No entanto, uma última observação deve ser feita. Se é verdade que a luta entre Satanás e Deus chegou agora à sua fase final, devemos também lembrar que, como diz a Escritura, hoje é o tempo do Anticristo. Dele, do Anticristo, muitos têm falado. Quem é o Anticristo? É o inimigo por excelência de Cristo. É uma espécie de filho predileto de Satanás, que virá ao mundo quando o confronto com Deus estiver no auge. Virá para derrotar Deus, mas acabará por sucumbir.

Penso que o tempo do Anticristo é o nosso tempo, o tempo do início do terceiro milénio. Não será difícil reconhecer a vinda deste homem: ele irá, de facto, como diz São Paulo, seduzir a humanidade fingindo ser o enviado de Deus e sentar-se no templo de Deus apontando para si próprio como Deus.

«Quem és tu?», perguntei uma vez a um demónio que possuía uma jovem. Ele obrigava-a a comer, comer e mais comer. Ela engolia quilos de pão e de pizza todos os dias, mas nunca estava saciada. E, sobretudo, não engordava. Era tão magra e frágil como um galho, mas tão gulosa como um animal feroz que não come há dias. Bandejas inteiras de pizza eram trazidas até ela e levadas à sua boca com uma velocidade inacreditável. Vê-la comer era uma visão terrível, terrível.

«Quem és tu, diz-me em nome de Cristo!»

«Eu sou Deus.»

«Não mintas! Deus é um só. E tu conhece-lo bem.»

«Não, eu sou Deus. Eu sou aquele que o mundo adora. O vosso Deus não é Deus e em breve deixará de existir.»

«Cala-te, mentiroso. Deus é o Senhor do céu e da

terra e tu deves permanecer-lhe submisso.»

«Tu não sabes nada, padre. Olha à tua volta. Eles são meus discípulos. Quem sou eu para eles? Eu sou Deus.»

«Podes dizer o que quiseres, mas Deus é um só. E em seu nome ordeno-vos que deixem esta mulher. Para a libertar. Deixem Satanás.»

«Não me vou embora. E mesmo que me vá embora, fico. Fico noutros corpos. Fico noutras vidas. O mundo é meu e será meu para sempre.»

«O mundo é de Deus. Sempre foi Dele. E vós estais destinados apenas a sucumbir.»

«Não vou sucumbir. Em breve, um filho meu será adorado por todos. Chamar-lhe-ão Deus.»

Aponta-se a si próprio como Deus. É o que Satanás tem feito desde o início dos tempos, na noite em que se revoltou contra Deus. Cuspiu-lhe na cara e disse: «Eu sou Deus.»

Desde essa noite, o universo tem sido forçado a uma batalha feroz. Nesta batalha, nós, exorcistas, somos chamados a lutar na linha da frente. E lutaremos para sempre, enquanto a Igreja existir. E enquanto houver bispos na Igreja que nos peçam para o fazer.

«Padre Amorth, o meu nome é Padre André. Estou agora nos meus 30 anos. Sou padre há cinco anos. Vivo nos Estados Unidos. Agradeço-lhe por me ter recebido. Na minha diocese não há nenhum padre que tenha aceitado o pedido do bispo para se tornar exorcista. Por isso, o bispo pediu-me a mim, que sou o mais novo. Eu aceitei. Comecei a exorcizar. Mas não é fácil.»

«Não há um exorcista sénior, mesmo de outra diocese, com quem possas aprender? É importante arranjar alguém que já esteja a fazer exorcismos há algum tempo».

«Não, não há. A mais próxima fica a cinco horas de avião. De carro, demora um dia inteiro.»

«Mau, muito mau. Aconselho sempre quem está a começar a procurar a ajuda de alguém mais experiente. Há muitos truques a conhecer. Quantos me foram ensinados pelo padre Cândido Amantini, o meu professor. É verdadeiramente deplorável esta atitude dos bispos que não nomeiam exorcistas. Cheguei a uma conclusão: os bispos que não nomeiam exorcistas onde há procura estão em pecado mortal. E terão de responder por esse pecado. Estão a negligenciar uma obrigação grave, uma obrigação que Cristo lhes deu claramente no Evangelho: "Ide e expulsai os demónios." Mas diz-me: Porque vieste até Roma? É uma longa viagem. O que é que tens para me perguntar?»

«Tantas coisas, algumas talvez triviais, mas gostava de ouvir as suas respostas. Algumas perguntas são-me feitas e não sei se lhes respondo corretamente. Outras perguntas são minhas. Trago-as dentro de mim, mas ninguém sabe como responder-lhes, mesmo dentro da Igreja. Nem sequer o meu bispo. Ele é um bom pastor, mas nunca fez exorcismos.»

«Diz-me. Deixa-me ver se te posso ajudar.»

«Quem é Satanás?»

«Ele é o líder dos demónios. Um anjo outrora belo que se rebelou contra Deus.»

«Porque é que ele nunca se mostra?»

«Porque ele é puro espírito. É invisível. Mas manifesta-se com blasfémia e dor nas pessoas de que se apodera. Ele pode ficar escondido. Ou falar línguas diferentes. Transformar-se. Ou ser engraçado. Por vezes, troça de mim, mas tenho o Senhor do meu lado e não me deixo intimidar.»

«Porque é que com Satanás nós, padres, podemos falar, mas com Deus nunca falamos diretamente?»

«Satanás mostra-se porque Deus lho permite. Deus fala de outras maneiras e por outros meios.»

«Que hei de dizer àqueles que têm medo quando falo de Satanás? Muitas vezes, nas homilias da igreja, aviso os fiéis da presença do demónio, do facto de ele existir. Então acontece que, no fim da missa, me censuram. Dizem-me: "Padre, também havia crianças na igreja. Não as devia assustar com essas coisas."»

«É preciso dizer-lhes que não se preocupem. Que falar do diabo às crianças é uma forma de as ajudar a descobrir que a vida não é só boa, mas também má. E depois dizer-lhes: por acaso não são vocês que têm medo?»

«De facto, muitos deles têm medo.»

«É preciso dizer-lhes que ter algum medo é correto. Permite-nos defendermo-nos das armadilhas que existem de qualquer forma. Mas também tem de lhes dizer que Satanás é como um cão de guarda preso a uma corrente. Se não entrarmos no seu raio de ação, ele não pode fazer nada a ninguém.»

«Muitas vezes, quando faço um exorcismo, desvio-me do ritual. Apetece-me abandoná-lo por alguns momentos, porque vejo que se começo a invocar a ajuda de algum santo o exorcismo se torna mais eficaz. Será que estou a fazer bem?»

«Não há uma regra fixa, caro Padre André. Seguir o ritual é sempre importante. Mas, por vezes, podemos fazer pausas. Cada um tem de encontrar a sua própria medida com os possessos. Alguns demónios enlouquecem quando se fala do padre Pio de Pietrelcina. Para outros, o seu nome tem o efeito que um copo de água fresca pode ter.»

«Muitas vezes não consigo perceber se uma pessoa está mesmo possuída. É preciso um exorcismo para o saber.»

«Também me acontece a mim. O Padre Cândido tinha o dom de saber, só com a imposição das mãos, se uma pessoa estava realmente possuída. Eu não tenho esse dom. Tenho de exorcizar para perceber. Fá-lo também. É correto e adequado. Muitas vezes, pouco é suficiente. Depois de um só exorcismo, quase sempre se consegue compreender.»

«Às vezes apetece-me insistir com o demónio: “Repete comigo: ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.” “Repete! Repete!”, ordeno-lhe.»

«Também aqui não há muito a dizer. Se vires que a ordem é eficaz, repete-a. Se não for, não insistas.»

«Nos últimos meses, tenho exorcizado uma rapariga muito jovem. Em criança, ela foi repetidamente violada pelo pai...»

«É certamente uma possessão profundamente enraizada. A violência dos pais provoca possessões profundas...»

«De facto, parece-me um caso muito difícil. Mas, muitas vezes, durante o exorcismo, vejo que ela muda de rosto. Torna-se serena, calma, tranquila. E, no fim do exorcismo, diz-me que, a certa altura, viu Nossa Senhora, que a acariciou e lhe disse: “Não tenhas medo. Tens de sofrer um pouco mais, mas em breve virei e libertar-te-ei. Tens de sofrer porque o teu sofrimento serve a muita gente, mas em breve tudo estará terminado.” Pergunto-lhe: o que é que lhe devo dizer? E sobretudo: devo acreditar nela?»

«Normalmente, tento sempre acreditar nas pessoas. Mesmo no que os possessos me dizem no fim do exorcismo. Durante o exorcismo, desconfio muito do que me dizem. Mas se no fim me dizem que estão melhores porque viram Nossa Senhora ou um santo a confortá-los, acredito no que me dizem.»

«Só sei inglês, um pouco de italiano porque estudei em Roma e muito pouco latim. Por vezes, os demónios falam comigo em línguas que eu não conheço. Não sei o que lhes dizer. O que é que devo fazer?»

«Também me acontece que os possessos começam a falar em línguas desconhecidas. Uma vez, uma mulher analfabeta começou a falar comigo em aramaico antigo. Eu não sabia de que língua se tratava. Tive de ter vários padres de diferentes nacionalidades a participar nos exorcismos. A certa altura, um padre que tinha estudado aramaico desvendou o mistério. Mas não te preocupes. O demónio sabe muito bem quais são as línguas que conhecemos e quais as que não conhecemos. E quando ele fala uma língua que não conheces, fá-lo para te confundir ou talvez para te assustar. Não tens de fazer nada, a não ser continuar sem medo o teu exorcismo em latim. Por vezes, Satanás tem de ser ignorado.»

«Muitas vezes, enquanto estou a exorcizar, sinto que estou perto da libertação. Então grito bem alto: “Sai, sai!” Parece que quase consigo, mas depois de algum tempo não acontece nada e então termino o exorcismo. Estarei errado? Se calhar, nestes casos, devo continuar o mais que puder?»

«Não estás enganado. Lembro-me que também eu, quando estava no início da minha “carreira” de exorcista, acreditava muitas vezes que estava perto da libertação. E então eu insistia, insistia. Levantava a voz. Tentava ser o mais duro e eficaz possível. O Padre Cândido, que estava sempre perto de mim no início, deixava-me estar. Depois, no fim do exorcismo, dizia-me: “É inútil insistires demasiado. Faz o teu exorcismo. Faz com que dure o tempo que for preciso. De qualquer modo, serão precisos anos para libertar o possesso e, quando ele se libertar, tu nem sequer lá estarás.”»

«Quando faço exorcismos, levo sempre comigo leigos para me ajudarem. Muitos deles mantenho-os à distância e peço-lhes que rezem.»

«Fazes bem. Quanto mais pessoas à tua volta rezarem, melhor.»

«Um dia, porém, uma dessas pessoas aproximou-se do endemoninhado e pôs-lhe a mão na cabeça. Talvez quisesse confortá-lo. Aparentemente, o possuído não teve qualquer reação.»

«Que isso não volte a acontecer. Os leigos só têm de rezar. Têm de ser pessoas de fé comprovada, podem ajudar a manter a pessoa possuída quieta quando ela se está a mexer, mas ninguém deve pôr as mãos na cabeça de uma pessoa possuída enquanto o exorcista está a exorcizar. Isso é muito perigoso. O demónio pode atacar um leigo que se aproxime demasiado dele e depois a recuperação é difícil.»

«Então tenho de ter alguns leigos ao meu lado para me ajudarem a segurar a possessa e outros à distância para rezar. É assim?»

«Sim, é assim. E aqueles que mantêm a possessa quieta nunca devem falar ou dizer nada. Apenas manterem-na imóvel. Os outros só têm de rezar.»

«Padre Amorth, o diabo alguma vez lhe fez mal?»

«A mim? Não, claro que não.»

«Às vezes sou cuspido pelos possuídos...»

«É preciso habituarmo-nos a isso. Recebi muitas cuspidelas, agressões verbais, até alguns empurrões e alguns pontapés e murros. Mas, no fim, nunca sofri consequências graves. Sempre que isso acontece, temos de recuperar o controlo e pedir ao diabo, em nome de Cristo, que pare. Verás

que ele para imediatamente. Reparei numa coisa: os exorcismos correm melhor se eu me lembrar primeiro de os obrigar a recitar o ato de contrição. A humildade confunde o demónio e agrada a Deus. Deus está mais perto de nós se começarmos o exorcismo com um ato de contrição. Lembra-te disto, é importante.»

«Padre Amorth, às vezes sinto que sou o último padre do mundo a fazer exorcismos. Porque, quando volto, não tenho ninguém para me ajudar. Porque é que somos tão poucos na Igreja?»

«É o nosso destino. Estamos sozinhos contra Satanás. Somos todos um pouco como o último exorcista na face da terra.»

«Tens medo de Satanás?»

«Não sou eu que tenho medo dele, é ele que tem medo de mim e de todos aqueles que vivem em Jesus Cristo.»

Contents

1. Ficha Técnica
2. ACORDAR ANTES QUE SEJA DEMASIADO TARDE
3. 1 «EU TE NOMEIO EXORCISTA»
4. 2 «CORAGEM, É A TUA VEZ» A MINHA PRIMEIRA VEZ CONTRA SATANÁS
5. 3 POR VEZES O DIABO REGRESSA, PARA MATAR
6. 4 CRIANÇAS QUE SE TORNAM ASSASSINAS O caso «James Bulgar» e outros
7. 5 PADRES, FREIRAS E SIMPLES FIÉIS NAS MÃOS DO DEMÓNIO
8. 6 «SAI BABA», O FILHO AMADO DE SATANÁS
9. 7 UM DIA, UM CARDEAL DISSE-ME:«AMBOS SABEMOS QUE SATANÁS NÃO EXISTE»
10. 8 SATANÁS NO VATICANO Os possuídos de Bento XVI e João Paulo II. Nota sobre o caso Orlandi
11. 9 GLORIA POLO NO INFERNO, COM BILHETE DE REGRESSO
12. 10 A BATALHA FINAL Deus contra Satanás, libertado das suas cadeias

Landmarks

1. Cover
2. Title-Page
3. Table of Contents